

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA - PPGT**

**EDWIN RAMOS DE CAMARGO**

**A ORAÇÃO DE JESUS NOS EVANGELHOS**

**CURITIBA**

**2014**

**EDWIN RAMOS DE CAMARGO**

**A ORAÇÃO DE JESUS NOS EVANGELHOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Teologia *Stricto Sensu* da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Teologia.

Orientador: Prof. Dr. Clodovis Boff

**CURITIBA**

**2014**

Dados da Catalogação na Publicação  
Pontifícia Universidade Católica do Paraná  
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/PUCPR  
Biblioteca Central

C172o  
2014 Camargo, Edwin Ramos de  
A oração de Jesus nos evangelhos / Edwin Ramos de Camargo; orientador,  
Clodovis Boff. -- 2014  
134 f. : 30 cm

Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná,  
Curitiba, 2014.  
Bibliografia: f. 129-134

1. Teologia cristã. 2. Oração - Cristianismo. 3. Jesus Cristo - Ensinamentos.  
4. Deus – Doutrina bíblica. 5. Bíblia – Crítica, interpretação, etc. I. Boff,  
Clodovis. II. Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Programa de  
Pós-Graduação em Teologia. III. Título.

CDD 20. ed. – 230.08



Pontifícia Universidade Católica do Paraná  
Escola de Educação e Humanidades

**ATA DA SESSÃO PÚBLICA DE EXAME DE DISSERTAÇÃO Nº. 082**  
**DEFESA PÚBLICA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE**  
**EDWIN RAMOS DE CAMARGO**

Aos vinte e quatro dias do mês de novembro de dois mil e catorze, às quinze horas, reuniu-se na Sala de número Sete – Segundo Andar da Escola de Educação e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, a Banca Examinadora constituída pelos professores: Clodovis Boff, Cesar Augusto Kuzma e Luiz Alexandre Solano Rossi, para examinar a Dissertação do candidato Edwin Ramos de Camargo, ingressante no Programa de Pós-Graduação em Teologia – Mestrado, no primeiro semestre de dois mil e treze. Linha de Pesquisa: Bíblia e Evangelização. O mestrando apresentou a dissertação intitulada: "A oração de Jesus nos evangelhos". O candidato fez uma exposição sumária da dissertação, em seguida procedeu-se à arguição pelos membros da banca e, após a defesa, o candidato foi APROVADO pela Banca Examinadora. A sessão encerrou-se às 16 h 45 min. Para constar, lavrou-se a presente ata, que vai assinada pelos membros da Banca Examinadora:

Prof.Dr. Clodovis Boff \_\_\_\_\_  
Presidente/Orientador.

Prof. Dr. Cesar Augusto Kuzma \_\_\_\_\_  
Convidado Externo

Prof. Dr. Luiz Alexandre Solano Rossi \_\_\_\_\_  
Convidado Interno

CIENTE

\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Agenor Brighenti  
Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Teologia- *Stricto Sensu*  
PPGT - PUCPR



Dedico este singelo trabalho ao meu  
Senhor, Jesus Cristo, sem o qual nada  
faria sentido em minha vida.

## AGRADECIMENTOS

A Deus por me amar tanto e permitir que eu realizasse este trabalho.

À minha família que soube ter a paciência necessária para compreender todas as vezes em que não estive disponível em função desta dissertação.

Ao meu professor orientador Dr. Clodovis Boff pelos ensinamentos e incentivos recebidos, à prontidão e amizade demonstradas não somente nesta dissertação, mas em todos os momentos em que se fizeram necessários.

Ao professor Dr. Cesar Kuzma pelas suas aulas de Cristologia e pelas importantes contribuições na correção deste trabalho.

Ao professor Dr. Luiz Alexandre Solano Rossi pelas importantes contribuições na correção deste trabalho.

Aos demais professores do curso de pós-graduação em Teologia e à secretária Maria Braga pela amizade e orientações recebidas.

## RESUMO

Esta dissertação trata do tema da *Oração de Jesus nos Evangelhos*. Quando fala em “Oração de Jesus” se refere ao significado, à importância e ao que ela representou em sua vida. Como objetivo geral analisa, a partir dos evangelhos, como Jesus se relacionava com o Pai, de modo especial através de sua vida de oração. Para tanto trata dos seguintes pontos: Contextualiza o ambiente sociocultural no qual vivia, assim como mostra a importância de como eram realizadas as orações no tempo de Jesus; aprofunda a oração de Jesus sobre: Por que, como e onde ele se dirigia ao Pai em suas orações? Examina as motivações de Jesus para a oração uma vez que estas o acompanharam durante toda sua vida, ou, em outras palavras, eram importantes para ele. Almeja que este estudo possa contribuir para um melhor entendimento da oração de Jesus e uma aproximação das pessoas com Deus. Este trabalho está vinculado ao projeto de pesquisa *Por uma espiritualidade orgânica* e à linha *Teologia e Evangelização*.

Palavras-chave: Oração. Jesus. Evangelhos. Significado. Importância.

## RESUMEN

Esta disertación aborda el tema de la Oración de Jesús en los Evangelios. Cuando dices "Oración de Jesús" se refiere al significado, importancia y lo que representaba esta en su vida. Como objetivo general analiza a partir de los Evangelios, como Jesús se conectaba con el Padre de una manera especial a través de su vida de oración. Para que aborda los siguientes puntos: contextualiza el entorno sociocultural en que vivió, y muestra la importancia de cómo se llevaron a cabo las oraciones en el tiempo de Jesús; profundiza la oración de Jesús en: ¿Por qué, cómo y dónde se dirigió al Padre en sus oraciones? Examina las motivaciones de Jesús en la oración, ya que lo acompañaron durante toda su vida, o, en otras palabras, eran importantes para él. Este estudio tiene como objetivo contribuir a una mejor comprensión de la oración de Jesús y llevar a la gente a Dios. Este trabajo está relacionado con el proyecto de investigación por una espiritualidad orgánica y la teología y la línea de la evangelización.

Palabras clave: Oración. Jesús. Evangelios. Significado. Importância.

## SUMÁRIO

1	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	10
2	<b>A ORAÇÃO DE JESUS – ASPECTOS HISTÓRICOS</b> .....	13
2.1	O AMBIENTE RELIGIOSO E A ORAÇÃO NO TEMPO DE JESUS.....	13
2.2	UM NOVO RITO SURGE NO JUDAÍSMO: O BATISMO DE CONVERSÃO.....	17
2.3	O RITO DO SHABAT E ALGUMAS ORAÇÕES NO TEMPO DE JESUS.....	19
2.3.1	<b>O rito do Shabat</b> .....	19
2.3.2	<b>Shema’ Israel</b> .....	19
2.3.3	<b>Oração das 18 bênçãos</b> .....	20
2.3.4	<b>Beraká</b> .....	22
2.4	PRINCIPAIS FESTAS JUDAICAS.....	24
2.4.1	<b>A páscoa</b> .....	25
2.4.2	<b>Festa das Primícias</b> .....	26
2.4.3	<b>Pentecostes</b> .....	26
2.4.4	<b>O dia da Expição</b> .....	27
2.4.5	<b>Festa dos Tabernáculos</b> .....	27
2.4.6	<b>Festa da Dedicção</b> .....	28
2.5	JESUS E AS ESTRUTURAS RELIGIOSAS DE SEU TEMPO.....	30
2.5.1	<b>Fariseus</b> .....	30
2.5.2	<b>Escribas</b> .....	31
2.5.3	<b>Herodianos</b> .....	32
2.5.4	<b>Saduceus e sumos sacerdotes</b> .....	32
2.5.5	<b>Aristocracia de Jerusalém</b> .....	33
2.5.6	<b>Essênios</b> .....	34
2.5.7	<b>Anciãos</b> .....	35
2.6	O MODO DE VIDA EM JERUSALÉM.....	36
3	<b>A ORAÇÃO DE JESUS – ASPECTOS EXTERNOS</b>	
3.1	PREÂMBULO.....	38
3.2	ASPECTOS EXTERNOS À ORAÇÃO DE JESUS.....	38



<b>3.2.1</b>	<b>Onde Jesus orava.....</b>	<b>39</b>
<b>3.2.2</b>	<b>Quando Jesus orava.....</b>	<b>43</b>
<b>3.2.3</b>	<b>Como Jesus orava.....</b>	<b>48</b>
3.2.3.1	Postura durante a oração.....	48
3.2.3.2	Outras orientações sobre a oração.....	51
3.2.3.2.1	Sobre a brevidade da oração, orações alienantes e opressoras.....	51
3.2.3.2.2	Sobre qual oração agrada a Deus.....	52
<b>4</b>	<b>A ORAÇÃO DE JESUS – ASPECTOS INTERNOS.....</b>	<b>54</b>
4.1	A ORIGINALIDADE DA ORAÇÃO DE JESUS.....	54
4.2	ALGUNS PROBLEMAS PRÉVIOS SOBRE A ORAÇÃO DE JESUS.....	56
<b>4.2.1</b>	<b>Jesus tinha consciência de ser filho de Deus? Tinha consciência de sua missão? .....</b>	<b>56</b>
<b>4.2.2</b>	<b>Se Jesus era Deus então por que ele orava?.....</b>	<b>63</b>
<b>4.2.3</b>	<b>A consciência de Jesus sobre pecado e oração.....</b>	<b>67</b>
4.3	ORAÇÕES NOS EVANGELHOS SINÓTICOS.....	69
<b>4.3.1</b>	<b>A oração no batismo.....</b>	<b>69</b>
<b>4.3.2</b>	<b>A oração no deserto: as tentações.....</b>	<b>71</b>
<b>4.3.3</b>	<b>A oração na escolha dos doze apóstolos.....</b>	<b>74</b>
<b>4.3.4</b>	<b>A oração após a multiplicação dos pães.....</b>	<b>78</b>
<b>4.3.5</b>	<b>A oração de Jesus antes da profissão de fé de Pedro.....</b>	<b>81</b>
<b>4.3.6</b>	<b>A oração na Transfiguração.....</b>	<b>83</b>
<b>4.3.7</b>	<b>A oração de louvor ao Pai.....</b>	<b>85</b>
<b>4.3.8</b>	<b>A oração do Pai Nosso.....</b>	<b>87</b>
<b>4.3.9</b>	<b>O dever de orar sempre.....</b>	<b>90</b>
4.3.9.1	O amigo inoportuno.....	90
4.3.9.2	O juiz e a viúva.....	92
<b>4.3.10</b>	<b>A oração na última ceia.....</b>	<b>93</b>
4.3.10.1	Jesus ora por Pedro.....	95
<b>4.3.11</b>	<b>A oração na suprema angústia.....</b>	<b>97</b>
<b>4.3.12</b>	<b>As orações na cruz.....</b>	<b>102</b>
4.3.12.1	Pai, perdoa-lhes; porque não sabem o que fazem.....	102
4.3.12.2	Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?.....	103

4.3.12.3	Pai, em tuas mãos entrego meu espírito.....	108
4.3.12.4	Tudo está consumado.....	110
4.4	<b>ORAÇÕES NO EVANGELHO DE SÃO JOÃO.....</b>	<b>111</b>
<b>4.4.1</b>	<b>A oração em espírito e verdade.....</b>	<b>111</b>
<b>4.4.2</b>	<b>A oração junto ao túmulo de Lázaro.....</b>	<b>114</b>
<b>4.4.3</b>	<b>A oração da hora.....</b>	<b>118</b>
4.4.3.1	Jesus ora em favor de si mesmo.....	118
4.4.3.2	Jesus ora em favor de seus discípulos.....	119
4.4.3.3	Jesus ora por todos nós.....	121
5	<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>123</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>129</b>
	<b>OBRAS CONSULTADAS.....</b>	<b>133</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Da antropologia cultural aprendemos que desde os primórdios dos tempos a oração faz parte da humanidade. Na verdade, todos os povos do mundo – os que existem e os que já existiram - possuem algum tipo de expressão religiosa. Assim, de um modo ou de outro, buscaram o contato com um ser superior (At 17,27). Para os cristãos este ser superior é Deus (cf. CIC 2566), daí a necessidade de se aprofundar a investigação sobre a maneira *como* Jesus se relacionava com Deus, de modo especial em suas orações, uma vez que estas podem servir de exemplo não somente para a comunicação com Deus, mas também para o crescimento espiritual e pessoal.

Vivemos num mundo profundamente secularizado em que Deus normalmente não vem em primeiro lugar, contudo a realidade secular em que vivemos é obra de Deus e, portanto, boa (Gn 1, 31). É importante notar que Jesus, ao longo de sua vida, não pediu para o ser humano “abandonar” o mundo e ficar apenas em oração, ao contrário, ensinou que se deve ficar nele enfrentando o mal e lutar contra ele de acordo com os critérios do Reino de Deus (Jo 17,15). Deste modo, na oração, se insere a realidade concreta da vida, incluindo seus interesses seculares (trabalho, política, ciência, técnica, relacionamentos, etc.). Orar não é, portanto, algo que faça o ser humano se afastar de sua responsabilidade para com o mundo, mas, ao contrário, insere-o no mundo, ajudando-o, mediante a ação do Espírito Santo, a distinguir entre o bem e o mal (EICHER, 2005, p. 596).

Assim, se por um lado, a oração é um importante meio de comunicação com Deus e um instrumento que pode possibilitar a paz interior, por outro, deve levar a agir como Jesus, que não ficava apenas na intenção (contemplação), mas que a partir deste alimento espiritual, passava à ação fazendo a vontade do Pai (Jo 4,34; 6,38). Como veremos no decorrer deste trabalho, houve resultados concretos, frutos das orações de Jesus, que o ajudaram em sua missão pelo Reino de Deus.

Jesus é a Palavra viva do Pai (Jo 1,1-2; 14,11), mas como foi também totalmente humano, certamente é o nosso melhor exemplo de comunicação com o Pai e, portanto, neste trabalho, aprofundaremos o estudo sobre a importância da oração em sua vida. Para isso nos perguntamos:

- O que motivava Jesus a orar?
- Como e a quem Ele se dirigia em suas orações?

- Em que local Jesus costumava orar?
- Quais os meios que se utilizava para orar?
- Por que dedicava tanto tempo à oração?

Assim, para que possamos demonstrar a importância da oração na vida de Jesus, dividiremos nosso trabalho em três capítulos.

No primeiro capítulo, *A oração de Jesus – Aspectos históricos*, veremos o ambiente religioso e a oração no tempo de Jesus. Veremos alguns ritos, orações, festas e grupos religiosos de seu tempo. Também falaremos algo sobre o estilo de vida das pessoas que viviam em função do Templo em Jerusalém. A análise destes aspectos nos ajudará a compreender melhor o contexto em que Jesus vivia e, conseqüentemente, a importância dada à oração.

Já no capítulo seguinte, *A oração de Jesus – Aspectos externos*, buscar-se-á responder algumas perguntas importantes como: *onde, quando e como* Jesus se dirigia ao Pai em suas orações? Por último deixamos para responder a pergunta mais importante de todas: *Por que Jesus orava?* Assim, no último capítulo, *A oração de Jesus – Aspectos internos*, procuramos responder esta questão sem, no entanto, termos a pretensão de esgotar os argumentos teológicos sobre o assunto. Num primeiro momento se poderia pensar que estas perguntas seriam simples de se responder, entretanto, vemos que não há nada de simples quando pensamos em alguns aspectos como: Se Jesus era Deus, então por que orava? Jesus tinha consciência de ser o Filho de Deus? Tinha consciência de sua missão? Por que passava longo tempo em oração, algumas vezes orando a noite inteira (Lc 6,12)? Por que orava tanto em momentos essenciais? Mais ainda: Qual era a consciência de Jesus sobre pecado e oração? Como podemos notar são questões intrigantes e que precisam de respostas para a melhor compreensão da importância da oração na vida de Jesus.

Gostaríamos de esclarecer, já na introdução deste trabalho, que quando falamos em “Oração de Jesus” nos referimos ao significado, à importância e, ao que esta representou em sua vida, considerando que a oração foi o meio privilegiado de comunicação dele com o Pai. Também gostaríamos de dizer que o foco da presente dissertação não é analisarmos tanto os diversos desdobramentos teológicos das

orações de Jesus mas, especialmente, *o que ele sentiu; qual a importância da oração em sua vida e porque ele rezou*. Durante o desenvolvimento do trabalho, utilizaremos tanto o termo “orar” como “rezar” com o mesmo sentido.

No contexto atual ainda temos relativamente pouca produção relacionada à oração de Jesus<sup>1</sup>. Assim, almejamos que este estudo possa contribuir para um melhor entendimento da oração de Jesus e uma aproximação das pessoas com Deus.

---

<sup>1</sup> Comentário de Gh. Lafont ao livro “*La oración de Jesús*” de Ignace Potterie. (1992)

## 2 A oração de Jesus - Aspectos históricos

### 2.1 O ambiente religioso e a oração no tempo de Jesus

Para que possamos falar sobre a oração de Jesus é importante abordarmos como a religião influía na vida das pessoas daquele tempo. Os judeus sempre foram muito religiosos, mas havia diferenças entre a religião praticada na Galileia e na Judeia. Ainda hoje não nos é claro o modo preciso como a Galileia se vinculava religiosamente à Jerusalém, já que havia uma distância geográfica e também espiritual entre eles. Os galileus nunca receberam uma influência religiosa tão forte como os habitantes de Jerusalém. Não era comum entre eles a presença de escribas e mestres da lei como na Judeia. Assim, a Galileia não era como a Judeia. Jerusalém estava longe e, diferentemente desta, a vida religiosa dos galileus não girava em torno do templo e seus sacrifícios. Entretanto, havia uma fé de caráter conservadora e simples, ao que parece não muito sujeita às tradições mais complexas, mas que estava profundamente arraigada a seus corações. Era esta mesma fé que os confortava nos momentos mais difíceis de suas vidas.

Sabemos que os galileus faziam peregrinações a Jerusalém. Certamente muitos deles tinham parentes por lá, mas estas peregrinações não eram um acontecimento puramente religioso, eram também um acontecimento social. Estes peregrinos participavam das festas religiosas (ver item 2.4 e subitens), mas, também, bebiam, comiam, cantavam e faziam suas compras na cidade santa. Estas festas religiosas eram uma espécie de “férias sagradas” prazerosas. Por estas razões, não é de se espantar que os galileus estavam acostumados a uma interpretação mais “frouxa” da lei e eram menos rigorosos do que o povo da Judeia quanto às regras de pureza (PAGOLA, 2010, p. 54; 71).

Entretanto, enquanto esteve em Nazaré, Jesus pouco conheceu do pluralismo de sua religião, ocasionalmente deve ter ouvido algo sobre os fariseus e saduceus de Jerusalém ou os monges de Qumran (ver item 2.5 e subitens). Sua fé era especialmente alimentada por sua experiência de vida naquela pequenina aldeia e pelo que seus pais e parentes lhes passavam.

Em uma residência judaica, todos os dias, duas vezes por dia, uma de manhã, e outra à noite, a primeira e a última coisa que faziam, era confessar sua fé

em Deus (*Shema' Israel*). Esta profissão de fé é composta por três textos tirados dos livros do Deuteronômio 6,4-9; 11,13-21 e Números 15,37-41:

Escuta ó Israel, o Senhor é nosso Deus! O Senhor é Único. Bendito sejam o nome e a glória do seu Reino por todo o sempre. Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e de toda tua força. Que estas palavras que hoje te ordeno sejam gravadas no teu coração! Tu as ensinarás aos teus filhos, falando delas ao te sentares na tua casa, quando estiveres caminhando, ao te deitares e ou te levatares. E as atarás em sinal à tua mão e as manterás como um símbolo entre os teus olhos. E as escreverás nos batentes da tua casa e nas tuas portas.

Jesus ouviu e recitou esta prece milhares de vezes. Estas palavras ficaram impressas em seu coração.

Embora os costumes religiosos na Galileia fossem um pouco diferentes dos que existiam na Judeia, todos se sentiam parte do povo escolhido por Deus. Guerras e atritos com países vizinhos não eram incomuns. Assim, os povos, independentemente de que nação fossem, se uniam contra seus inimigos para defenderem seus territórios, numa espécie de aliança, mas a aliança do povo judeu com Deus era diferente: Deus escolhera aquele povo pequenino e esquecido para ser o *Seu* povo. Deus os havia escolhido e celebraram esta aliança: o Senhor era seu Deus protetor e Israel era seu povo eleito (cf. Lv 26,11-13; Jr 32,36-41; Ez 37,21-23), por isso Jesus foi circuncidado aos oito dias por seu pai José (cf. Gn 17,10-13; Lc 2,21). A circuncisão representava duas coisas importantes: ser aceito por seu pai e, principalmente, fazer parte do povo eleito de Deus.

Os judeus, incluindo o pequeno povoado de Nazaré, tinham orgulho de terem a Torá, afinal fora Javé quem lhes dera a Lei para que pudessem viver dignamente sua aliança com Deus. A Torá ninguém questionava, ninguém a achava pesada. Jesus, aos poucos, ia aprendendo e conhecendo cada vez melhor esta lei, especialmente aos sábados quando suas partes eram lidas na sinagoga. A seus pais cabia o dever de lhe ensinar como esta se refletia nos costumes sociais e familiares, ou seja, o que diferenciava o povo judeu dos outros povos. Jesus, como sua mãe, Maria, guardava, dia a dia, estes ensinamentos em seu coração (cf. Lc 2,19).

Nem em Nazaré, nem em nenhum outro lugar da Palestina, havia templos, somente existia um Templo<sup>2</sup> e era em Jerusalém. Para o povo judeu era o lugar que

---

<sup>2</sup> O Templo de Jerusalém: O templo, em todas as religiões, “é o lugar sagrado em que a divindade, segundo se crê, torna-se presente aos homens, para receber seu culto e fazê-los participar de seus favores e participar de sua vida (LÉON-DUFOUR, 2009, P. 1002). Com o povo judeu não foi

Deus habitava invisível e misterioso (*Shekiná*). Por isso, quando oravam, dirigiam seu rosto na direção do templo. Jesus certamente também rezou assim, porém mais tarde faria suas preces olhando para o céu (cf. Jo 17,1; Mc 7,34. Abordaremos melhor o assunto no capítulo 2).

O sábado fazia parte da identidade judaica. Neste dia ninguém trabalhava: os homens não iam para suas lavouras nem pescavam e as mulheres não faziam o pão logo pela manhã. Era um dia especial de descanso e consagrado a Deus (Ex 31,17). Outros povos que não tinham este costume estranhavam, mas isto fazia parte da escolha e da identidade daquele povo.

Neste dia havia dois momentos especiais. O primeiro, e mais importante, era o encontro de todo o povo na sinagoga para ouvirem, meditem e rezarem a Deus. Isto era revitalizador<sup>3</sup>. O segundo, e muito prazeroso, era a refeição familiar, onde as comidas eram mais abundantes e especiais em relação aos outros dias da semana.

Assim, a experiência de Deus em Jesus foi crescendo. Em um ambiente de grande devoção religiosa em sua aldeia, com os exemplos que via no dia a dia, nas reuniões nas sinagogas aos sábados, nas grandes festas de Israel e, principalmente, no seio de sua família. Sua fé em Deus aumentava. É muito provável que sua família tivesse um grande senso religioso. Isto pode ser notado, por exemplo, pelo nome de seus parentes: seu pai José recebera o nome de um dos filhos de Jacó; sua mãe, Maria, tem o mesmo nome da irmã de Moisés (Myrian de

---

diferente. O Templo de Jerusalém foi construído, pela primeira vez, no reinado do rei Salomão, no monte Moriá, no ano 1005 a.C. Foi destruído, pela primeira vez, pelo rei Nabucodonosor, em 586 a.C. quando os habitantes de Jerusalém foram levados como escravos para a Babilônia. O segundo Templo foi reconstruído após o retorno do cativo na Babilônia, sob orientação de Zorobabel. Foi concluído em 516 a.C. Com o desgaste do tempo (~500 anos) e das sucessivas invasões pelos inimigos, o Templo foi reformado no reinado de Herodes entre 18 a.C e 65 d.C. Logo após a conclusão de sua reforma o templo foi totalmente destruído pelos romanos no ano 70 d.C.

<sup>3</sup> Discute-se entre os especialistas a existência de sinagogas na Galileia no tempo de Jesus. Para alguns não há evidência nem literária nem arqueológica que permita identificar positivamente nenhum edifício como sinagoga (Gutmann, Horsley). Outros, no entanto, baseando-se, sobretudo nos dados arqueológicos mais recentes de Mádala-Tariqueia, Gamla ou Cafarnaum, não duvidam em afirmar que havia sinagogas, provavelmente com diversas funções (Ben Witherington III, González Echegaray, Barbaglio). Sem dúvida, no tempo de Jesus, nas aldeias da Galileia celebravam-se assembleias (*synagoga*), de caráter religioso e também com fins comunitários. Provavelmente, nos povoados pequenos reuniam-se na praça, em algum pátio ou num espaço habilitado para isso; em aldeias maiores foram sendo construídos edifícios mais adequados. Nada sabemos com certeza de Nazaré (Reed, Dunn). Esta parece ser a posição mais razoável neste momento (PAGOLA, 2010, p. 75 nota de rodapé nº 38).



raiz egípcia)<sup>4</sup>; seus primos levam o nome dos três filhos de Jacó: José, Judas (=Judá) e Simão (Simeão), além de Tiago (=Jacó) que recebeu o nome do patriarca (PAGOLA, 2010, p. 77).

Desde criança Jesus acreditava em um Deus salvador, preocupado com o seu povo, um Deus que atuava na vida diária, e de modo especial, pelos que mais sofriam. Do que observamos nos evangelhos, é interessante notar que Jesus não falava tanto de um Deus do passado. Para Jesus, Deus estava no presente, ali e agora, sentia-o atuando na vida, até mesmo nos lírios do campo que não fiam nem tecem (Mt 6,28-29), enfim, Deus se preocupava com eles. Para Jesus, Deus não era um Deus do passado, dos mortos, mas um Deus do presente, dos vivos (Lc 9,28-36). Jesus vai intuindo tudo isto em seu coração e em sua vida pelos caminhos da Galileia e da Judeia.

Nunca saberemos o quão precisamente tocou o coração de Jesus as leituras da Lei e os profetas. Sabemos, contudo, que ele se afastou da mensagem de João Batista e silenciou-se sobre a ira de Deus. Certamente o que mais Jesus deixou transparecer é o amor e o perdão incondicional de Deus pelo seu povo. Ora, Jesus certamente ouvira e conhecera as leituras dos profetas. Estes agiam como uma espécie de “alerta” para que o povo sempre seguisse o caminho de Deus. Também conheceu a tradição sapiencial, que teve um grande desenvolvimento após o exílio da Babilônia, entre 500 e 50 a.C. Alguns destes livros eram otimistas, como o dos Provérbios, outros eram de tom mais pessimistas, como o do Eclesiastes, e outros ainda, como o livro de Jó, mostram o mistério do sofrimento do inocente diante de um Deus justo (Ibid., 2010, p. 368, nota 14).

Com a experiência acumulada em sua vida, Jesus demonstra que não foi uma pessoa dispersa, que se deixava levar por diferentes interesses, mas uma pessoa atraída fortemente por uma experiência central: Deus é o pai de todos. Sendo pobre, sentia Deus como o grande defensor dos últimos, aquele que o impelia a viver com os pobres e acolher os excluídos. É Deus que inspira sua mensagem. É pelo Reino de Deus que Jesus faz tudo o que faz. Aliás, sobre isto, Walter Kasper nos diz que “o centro e marco da preferência de atividade de Jesus foi o Reino de Deus. O Reino de Deus constituía o *assunto* de Jesus” (1978, p. 86).

---

<sup>4</sup> Maria é um nome misto, cuja raiz egípcia *mri* quer dizer *amada, querida, preferida*; e cuja desinência hebraica *ya* é a abreviação de *Yahweh*, assim Maria significa “Amada de Javé” (cf. BOFF, C., 2011, p. 48).

Kasper também nos fala como o povo judeu daquela época entendia o Reino de Deus: “Para o judeu de então, o Reino de Deus era a personificação da esperança na ordem da realização do ideal de um soberano justo que jamais havia existido sobre a terra” (1978, p. 87); esclarece que para os povos do antigo oriente a justiça não consistia, primariamente, na administração imparcial de uma questão, mas sim em ajudar e proteger os desvalidos, débeis e pobres, ou seja, a chegada do Reino de Deus era aguardada como a libertação do injusto senhorio, impondo-se a justiça de Deus no mundo (KASPER, 1978, p.88).

Assim, para Jesus, é Deus quem dá sentido total para seu ministério. Não vemos, portanto, Jesus querendo definir Deus, explicá-lo teologicamente. Não quer mostrar seu Pai a partir de uma teoria, mas sim mostrá-lo a partir de sua experiência única e irrepetível, como Ele é. Jesus também não quer substituir a antiga doutrina sobre Deus. Para ele, Deus é o Deus de Israel, o criador do mundo, o Deus da Aliança (PAGOLA, 2010, p. 363-367).

## 2.2 Um novo rito surge no judaísmo: o batismo de conversão

Como falamos acima Jesus foi circuncidado e apresentado ao Templo como prescrevia a Lei (cf. Ex 13,2; Lc 2,21-23). Entretanto, quando Jesus tinha aproximadamente 30 anos, surgiu um novo profeta, João Batista, que proclamava no deserto um novo rito (cf. Mt 3,3): o batismo de conversão. Nele, as pessoas confessavam seus pecados e eram batizadas por ele com água. Segundo o evangelho de Mateus<sup>5</sup>, João Batista foi aquele profeta anunciado por Isaías, que disse:

Uma voz exclama: Abri no deserto um caminho para o Senhor, traçai reta na estepe uma pista para nosso Deus. Que todo vale seja aterrado, que toda montanha e colina sejam abaixadas: que os cimos sejam aplainados, que as escarpas sejam niveladas! Então a glória do Senhor manifestar-se-á; todas as criaturas juntas apreciarão o esplendor, porque a boca do Senhor o prometeu (Is 40,3-5).

Era um rito diferente dos vistos até então, especialmente diferente daqueles praticados pelo povo judeu, “o batismo para o qual ele apela distingue-se das demais abluções religiosas” (RATZINGER, 2007, p. 31). Mas este rito fez sentido para muitos daqueles habitantes de Jerusalém e de seu entorno (cf. Mt 3,5s),

---

<sup>5</sup> Não só no evangelho de Mateus, mas nos quatro evangelhos esta missão é descrita com uma citação retirada de Isaías (cf. Is 40,3, RATZINGER, 2007, p. 31).

inclusive para Jesus, que fora impulsionado pelo Espírito Santo, e chegou até as margens do Jordão onde se encontrou com João Batista, seu primo. Jesus ouviu aquele profeta.

Acima citamos o texto de Mateus, mas também há outra importante passagem que é o resultado de uma combinação de textos do Antigo Testamento, de Malaquias 3,1 e do Êxodo (23,20): “Eis que envio o meu anjo<sup>6</sup> diante de ti: ele preparará o teu caminho” (Mc 1,2 e cf. Lc 1,76; 7,27; Mt 11,10). Sobre isto Ratzinger comenta que:

Em todos estes textos do Antigo Testamento trata-se de uma intervenção salvadora de Deus, o qual sai do seu lugar escondido para julgar e para salvar: é para Ele que a porta deve ser aberta, que o caminho deve ser preparado. Com a pregação de João Batista, todas estas antigas palavras de esperança se tornaram realidade: era algo de novo que se anunciava (2007, p. 31).

As palavras de João Batista fizeram tanto sentido para Jesus que ele quis ser batizado também, e aí tudo mudou. Não sabemos *o que* sentiu exatamente, mas sabemos que o seu batismo foi como uma porta que se abriu ao seu entendimento, dando início à sua vida pública e à sua missão. Sabemos que neste momento Jesus sentiu o quanto era amado por Deus e daquele momento em diante só se referiria ao Pai como seu *Abbá*<sup>7</sup>. Jesus também sentiu-se pleno do Espírito de Deus, espírito de graça e vida que vinha para curar, libertar e salvar a todos<sup>8</sup> (cf. Mc 1,10-11 e Lc 4,16-19).

---

<sup>6</sup> Algumas traduções da Bíblia podem usar o termo *mensageiro*.

<sup>7</sup> Há uma exceção quando aos 12 anos, no Templo, Jesus também chamou Deus de Pai quando disse à Maria e a José que deveria se ocupar com as coisas d’Ele (cf. Lc 2,49). Falaremos mais sobre o *Abbá* de Jesus no último capítulo, item 4.1.

<sup>8</sup> Aprofundaremos o assunto sobre o batismo e a oração de Jesus neste momento no capítulo 3, item 4.3.1.

## 2.3 O rito do *Shabat* e algumas orações no tempo de Jesus

### 2.3.1 O rito do *Shabat*

É um rito que se inicia na sexta-feira, com o pôr do sol, quando a primeira estrela aparece no céu. É um dia de descanso e um dia sagrado para os judeus. Neste dia, um dever e privilégio das mulheres é o de acender as velas e fazer as bênçãos vinte minutos antes do pôr do sol da véspera do *Shabat*<sup>9</sup>, “utilizando sua luz sagrada para iluminar o mundo envolto em trevas e confusão” (Manual de bênçãos judaicas, 1998, p. 129). O Manual de bênçãos judaicas também descreve como deve ser o acendimento das velas se a mulher for casada:

A mulher casada acende duas velas (costuma-se acrescentar uma vela para cada filho). Uma menina ou moça solteira acende uma só vela. A partir de três anos a menina deve acender sua própria vela (Ibid., p.129).

Segundo Pagola (2010, cap. 11) este rito ocorria aproximadamente assim: o encontro começava com o *Shema' Israel* ou alguma bênção; depois se lia um trecho do Pentateuco, que às vezes era seguido por um trecho dos profetas, em seguida um varão da comunidade podia tomar a palavra e comentá-la. Homens, mulheres e crianças podiam ouvir a palavra de Deus, embora as mulheres não estavam obrigadas.

As orações da manhã e da tarde ocorriam conforme a sequência abaixo.

### 2.3.2 *Shema' Israel*

Primeiro se recitava a profissão de fé judaica<sup>10</sup>:

Escuta ó Israel, o Senhor é nosso Deus! O Senhor é Único. Bendito sejam o nome e a glória do seu Reino por todo o sempre. Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e de toda tua força. Que estas palavras que hoje te ordeno sejam gravadas no teu coração! Tu as ensinarás aos teus filhos, falando delas ao te sentares na tua casa, quando estiveres caminhando, ao te deitares e ou te levantares. E as atarás em sinal à tua mão e as manterás com um símbolo entre os teus olhos. E as escreverás nos batentes da tua casa e nas tuas portas.

---

<sup>9</sup> Este dever e privilégio valem também para os dias do *Yom Kippur*, *Rosh Hashaná* e *Yom Tov* (cf. Manual de bênçãos judaicas, 1998, p. 129)

<sup>10</sup> Repetida aqui por uma questão didática.

### 2.3.3 Oração das 18 bênçãos

Em seguida vinha esta outra oração também conhecida como “Oração das 18 bênçãos” (em hebraico, *Shemoné Esré* significa, literalmente, “dezoito”), é ainda, conhecida pelo nome de *Amidá* que, em hebraico, significa “em pé”. Os fiéis recitavam a *Amidá* em silêncio, em pé, com os pés juntos, voltados na direção do Templo de Jerusalém (*Mizrach* em hebraico significa “nascente”, “leste”, “oriente” – direção das orações para os judeus que vivem no Ocidente). Antes de começar, o devoto caminha três passos atrás e três passos para frente, colocando-se simbolicamente ante a presença de Deus. Ao acabar, ele se retira da presença de Deus repetindo o procedimento<sup>11</sup>. Vejamos a Oração das Dezoito Bênçãos (*Shemoné Esré*) segundo a versão palestinese:

1) Bendito sejas, Javé, nosso Deus e Deus de nossos pais, Deus de Abraão, Deus de Isaac e Deus de Jacob; Deus grande, herói e terrível, Deus altíssimo, criador do céu e da terra, nosso escudo e escudo de nossos pais, nossa esperança de geração em geração.  
Bendito sejas, Javé, escudo de Abraão.

2) Tu és o herói que abates os que estão elevados, forte e juiz dos opressores, que vives pelos séculos; ressuscitas os mortos, produzes o vento e fazes cair o orvalho, conservas a vida e vivificas os mortos; num abrir e fechar de olhos fazes germinar para nós a salvação.  
Bendito sejas, Javé, que vivificas os mortos.

3) Tu és santo, e teu nome é terrível, e não há Deus fora de ti.  
Bendito sejas, Javé, Deus santo.

4) Concede-nos, nosso Pai, uma ciência emanada de ti, e a inteligência e compreensão que emanam de tua lei.  
Bendito sejas, Javé, que concedes a ciência.

5) Volta-nos para ti, Javé, e volveremos; restaura nossos dias como outrora.  
Bendito sejas, Javé, que te comprazes com a penitência.

6) Perdoa-nos, nosso Pai, porque pecamos contra ti; apaga nossas iniquidades; retira-as de teus olhos, porque tua misericórdia é imensa.  
Bendito sejas, Javé, sempre pronto a perdoar.

7) Olha para nossa aflição, e defende nossa causa, e livra-nos em atenção ao teu nome.  
Bendito sejas, Javé, libertador de Israel.

8) Cura-nos, Javé, da ferida de nosso coração e afasta de nós a dor e o gemido; estende a cura sobre nossas costas.  
Bendito sejas, tu que curas a enfermidade de teu povo Israel.

---

<sup>11</sup> Fonte: <http://estudosjudaicos.blogspot.com.br/2012/07/amida-shemone-esre.html> acesso em 21.02.2014.

9) Abençoa-nos, Javé, nosso Deus, este ano, a fim de que seja bom em todas as espécies de seus produtos; e faz que logo chegue o ano final de nossa libertação, e do orvalho e chuva sobre a face da terra; sacia o mundo com os tesouros de tua bondade e abençoa a obra de nossas mãos. Bendito sejas, Javé, que abençoa os anos.

10) Ressoa a grande trombeta para nossa liberdade e ergue um estandarte para congregar os dispersos. Bendito sejas, Javé, que reúnes o restante de teu povo Israel.

11) Devolve-nos nossos juízes como no começo, e nossos conselheiros como no princípio, e faz reinar sobre nós somente tu. Bendito sejas, Javé, que amas o juízo.

12) Não haja mais esperança para os apóstatas; apressa-te em desarraigar o reino do orgulho de nosso tempo, e que os hereges pereçam num instante; sejam apagados do livro da vida e não sejam inscritos entre os justos. Bendito sejas, Javé, que dobras os orgulhosos.

13) Acendam-se as tuas misericórdias para com os prosélitos da justiça, e dá-nos boa paga aos que fazem o teu beneplácito. Bendito sejas, Javé, confiança para os justos.

14) Usa de misericórdia para conosco, Javé, nosso Deus, segundo tua imensa misericórdia para com Israel, teu povo, e para com Jerusalém, tua cidade, e para com Sion, morada de tua glória, e para com teu povo, e para com tua morada, e para com o reino da casa de Davi, o ungido da justiça. Bendito sejas, Javé, Deus de Davi, fundador de Jerusalém.

15) Ouve, Javé, nosso Deus, a voz de nossa oração, e usa de misericórdia para conosco, porque tu és um Deus clemente e misericordioso. Bendito sejas, Javé, que ouves a oração.

16) Faz agir a tua complacência, Javé, nosso Deus, e habita em Sion, e que teus servos sirvam em Jerusalém. Bendito sejas, Javé, porque nós te servimos com temor.

17) Nós te louvamos, porque tu és Javé, nosso Deus, e o Deus de nossos pais, por tua bondade, por teu favor e a misericórdia que realizas e exerces para conosco, e para com nossos pais antes de nós, e se dissermos: “Nosso pé vacila”, teu favor, Javé, seja nossa força. Bendito sejas, Javé, a quem é bom dar graças.

18) Estabelece tua paz sobre Israel, teu povo, e sobre tua cidade, e sobre tua herança, e abençoa-nos a todos como a um só. Bendito sejas, Javé, que operas a paz.  
(PORTO, 1977, p. 223-225)

### 2.3.4 Beraká

Também havia as orações de louvor e ação de graças chamadas de *Beraká* (ou benção). Jesus certamente as recitou várias vezes. Entre elas havia as que eram utilizadas antes e após as refeições.

Antes<sup>12</sup>:

Bendito és Tu, Adonai, nosso Deus, Rei do Universo, que nos santificou com Seus mandamentos, e nos ordenou sobre a ablução das mãos (cf. Manual de bênçãos judaicas, 1998, p.80).

Imediatamente após a ablução das mãos, sem interrupção por conversa, recita-se antes de ingerir o pão:

Bendito és Tu, Adonai, nosso Deus, Rei do Universo, que faz sair pão da terra.

Depois da ingestão do pão vinha o *Bircat Hamazon* de agradecimento:

Junto aos rios da Babilônia, lá nos assentávamos e chorávamos, lembrando-nos de Sião. Lá, nos salgueiros, penduramos nossas harpas. Pois ali nossos captos nos exigiam canções e aqueles que nos desprezavam, rejubilando-se, diziam: “Entoem para nós das canções de Sião”. Como podemos entoar a canção de Adonai em terra estranha? Se eu me esquecer de ti, Jerusalém, que minha mão direita esqueça sua destreza. Que minha língua se cole ao palato, se eu não me lembrar de ti, seu eu não trazer à mente Jerusalém durante minha maior alegria. Lembra-Te, Adonai contra os edomitas no dia da destruição de Jerusalém, quando disseram: “Arrase-a, arrase-a, até as próprias fundações”. Ó Babilônia que é destinada a ser devastada, louvado Aquele que te dará retribuição por aquilo que nos infligiste. Louvado Aquele que tomar teus filhos e esmagá-los contra a rocha.

Para o Mestre do Coro - um salmo com música instrumental; um cântico. Possa Deus ser pleno de graça conosco e abençoar-nos, possa Ele fazer brilhar Sua face sobre nós para todo o sempre. Para que Teu caminho seja conhecido na Terra, Tua salvação entre todas as nações. As nações Te exaltarão, ó Deus; todas as nações Te exaltarão. As nações rejubilar-se-ão e cantarão de alegria, pois Tu julgarás os povos com justiça e guiarás as nações na Terra para sempre. Os povos Te exaltarão, ó Deus, todos os povos Te exaltarão. Pois a terra terá dado seu produto e Deus, nosso Deus, nos abençoará. Deus nos abençoará; e todos, dos mais distantes recantos da Terra, O temerão (Ibid., 1998, p.80).

Como podemos notar acima, existiam muitas orações na religiosidade do povo judeu no tempo de Jesus. Na verdade, existiam orações para todas as situações da vida daquele povo (veremos melhor no próximo capítulo, item 3.2.2). É

---

<sup>12</sup> A bênção do pão isenta a pessoa de todas as outras bênçãos anteriores a alimentos, exceto as de vinho, frutas e sobremesa (cf. Manual de bênçãos judaicas, 1998, p.80).

muitíssimo provável que em nenhum dia de sua vida Jesus deixou de fazer estas orações<sup>13</sup>.

---

<sup>13</sup> “Havia também outra oração que se fazia às três horas da tarde, no momento em que se oferecia o ‘sacrifício vespertino’ no templo de Jerusalém. Ao que parece, também esta oração se havia arraigado já no século I, talvez por influência dos grupos fariseus. Provavelmente Jesus a praticou. Nos Atos dos Apóstolos se diz que ‘Pedro e João subiam ao templo na hora da oração, pelas três da tarde’” (3,1; cf. PAGOLA, 2010, P. 376, n. 41).



## 2.4 Principais festas judaicas

Como dissemos anteriormente, existiam também as festas judaicas, que propiciavam, por assim dizer, um momento mais relaxante na vida dura daquele povo. Eram festas solenes ao Senhor, em que celebravam as intervenções salvadoras de Deus na história. Festas sagradas que eram símbolos de redenção e de consagração, associando a vida diária à vida espiritual do povo, pois a adoração a Deus e a lembrança dos seus feitos precisavam estar associados ao seu cotidiano.

A origem das festas judaicas estava ligada ao ciclo lunar. Sobre isto Léon-Dufour (2009, p.349) explica:

O retorno do ciclo lunar, que delimitava o mês israelita, mui naturalmente deu lugar às festas: às vezes a lua cheia (Sl 81,4), ordinariamente a lua nova (neomênia: Is 20,5; 2Re 4,23; Am 8,5), enfim o sábado ritmando a semana (Ex 20,8-11). O ciclo solar trazia consigo a festa do Ano Novo, conhecida de todas as civilizações; estava unida inicialmente à festa da Colheita no outono (Ex 23,16), depois à da Páscoa da primavera (Ex 12,2); dessa liturgia provêm certos ritos do dia da Expição (cf. Lv 16).

Além do quadro formado pelo ritmo dos astros, a vida quotidiana do israelita, pastor e depois agricultor, determinou festas que tendem a se confundir com as já mencionadas. Por ocasião da Páscoa, festa pastoril da primavera, fazia-se a oferta das primícias do rebanho; o trabalho da terra fez nascer três grandes festas anuais: Ázimos na primavera, Messes ou Semanas no verão, Colheita ou vindima no outono (Ex 23,14-17; 34,18.22). O Deuteronômio une a Páscoa aos Ázimos e dá à festa da Colheita o nome de festa dos Tabernáculos, ou seja, Tendas (Dt 16,1-17). Certos ritos das festas atuais não se podem compreender senão por suas conexões pastoris ou agrárias (LÉON-DUFOUR, 2009, p. 349).

Como mencionaremos abaixo alguns meses do calendário judaico, disponibilizamos uma tabela para melhor compreensão com os meses do calendário gregoriano por nós utilizado:

- 1 Nisan março/ abril/ festa: Páscoa
- 2 Iyar abril / maio
- 3 Sivan maio/ junho/ festa: Pentecostes
- 4 Tammuz junho/ julho/
- 5 Ab, Av julho/ agosto/ festa: destruição do Templo
- 6 Elul agosto/ setembro

- 7 Tishri setembro/ outubro/ ano novo, Tabernáculos, Yom Kippur
- 8 Heshwan outubro/ novembro
- 9 Kislev novembro/ dezembro/ festa: Hanuká (Festa da Dedicção)
- 10 Tevet dezembro/ janeiro
- 11 Shevete Janeiro/ fevereiro
- 12 Adar Fevereiro/ março/ festa: Purim

#### 2.4.1 A páscoa

Páscoa vem do termo hebraico “*pesach*”, que significa passagem. Celebra-se a libertação da escravidão do Egito, o Êxodo. “Em sua origem, a Páscoa é uma festa de família. Celebra-se de noite, na lua cheia do equinócio da primavera, no dia 14 do mês de *abib* ou das espigas (chamado *nisan* depois do exílio)” (LÉON-DUFOUR, 2009, p. 719).

Celebrando a Páscoa, o povo judeu celebra a libertação do Egito, faz do Êxodo uma nova criação de Deus, e por isso dará à festa um caráter messiânico. A Páscoa passa a ser a passagem em que Deus protege o seu primogênito: Israel. O sangue de um cordeiro devia ser passado nos umbrais de suas portas para identificar aqueles que tinham a promessa de Deus feita a Abraão (cf. Ex 12,7.22). Aquele sangue impediria que o anjo da morte executasse sua tarefa naquela casa que era matar o primogênito.

Na tarde do dia 14 de nisan, degolam-se no Templo os cordeiros que serão comidos em família depois do pôr do sol. A vítima é um cordeiro ou um cabrito, macho, sem defeito (Ex 12,3-6); não se deve quebrar osso algum dele (12,46; Nr 9,12). Sua carne se come durante uma refeição rápida, tomada pelos convivas em traje de viagem (12,8-11).

Existia também a festa dos pães ázimos que deveria ser realizada por uma semana e imediatamente após a Páscoa judaica. Com o tempo acabou se fundindo com a páscoa. Era uma festa de agricultores que ofereciam aos deuses as primeiras colheitas, as melhores. Encontramos referência desta festa na seguinte passagem bíblica: “Guardareis (a festa) dos ázimos, porque foi naquele dia que tirei do Egito vossos exércitos. Guardareis aquele dia de geração em geração: é uma instituição perpétua” (Ex 12,17) e também: “e no décimo quinto dia desse mês,

realizar-se-á a festa dos Pães sem Fermento em honra do Senhor: comereis pães sem fermento durante sete dias” (Lc 23,6).

Nestes dias, portanto, o entusiasmo era tão grande, que as autoridades romanas receavam motins, porque a celebração da páscoa também contestava o império e a dominação romana. Era uma celebração que ao recordar o êxodo do Egito, relembra também que qualquer dominação ou aprisionamento do povo de Deus era indevida. Assim, a possibilidade de uma sublevação por parte dos judeus era uma possibilidade bem real considerando a mística deles e, assim, o procurador, que habitualmente residia em Cesaréia, subia também a Jerusalém para melhor vigiá-la nesta festa.

#### **2.4.2 Festa das Primícias**

A origem desta festa remonta ao livro do Levítico:

Quando tiverdes entrado na terra que vos hei de dar, e fizerdes a ceifa, trareis ao sacerdote um molho de espigas como primícias de vossa ceifa. O sacerdote agitará esse molho de espigas diante do Senhor, para que ele vos seja favorável: fará isso no dia seguinte ao sábado (Lv 23,10-11).

Como se pode observar era uma festa que ocorria no domingo. Esta festa está relacionada com a colheita dos “primeiros” frutos colhidos do solo, que se consideravam como os melhores da colheita. Não só em Israel, mas também em outros povos como os babilônicos, egípcios, gregos e latinos, ofereciam-se estes primeiros produtos colhidos às divindades respectivas.

A lei dos hebreus determinou pouco a pouco a obrigação e o modo como essa oblação deveria ser realizada que, em sua origem, era feita livremente e sem um ritual preciso (cf. Gn 4,3s; LÉON-DUFOUR, 2009, 817).

#### **2.4.3 Pentecostes**

Festa comemorada 50 dias após a Páscoa. Também chamada de Festa das Semanas (7x7=49 dias). Designação que a situa sete semanas depois da Páscoa e da oferta do primeiro feixe (cf. Lv 23,15). Era celebrada no fim da colheita do trigo,

quando os celeiros estavam abarrotados de alimento. Era uma gratidão, de ação de graças a Deus pela fartura e pela abundância (cf. Ex 23,16; 34, 22; Nm 28, 26).

Juntamente com a Páscoa e a festa dos Tabernáculos, é uma das três festas em que Israel se deve apresentar diante de Javé no lugar que este houver escolhido para moradia de seu Nome (Dt 16,16; LÉON-DUFOUR, 2009, p. 758).

#### **2.4.4 O dia da Expição**

Também chamada de Dia do Perdão (*Yom Kippur*). De todas as solenidades, esta era a única que não era comemorada com festa, mas com reflexão, arrependimento. A palavra expiação significa cobrir o pecado mediante um resgate. Era um dia impressionante, santo e de grande importância porque os pecados de Israel eram expiados por meio de sangue. O ritual devia repetir-se a cada ano: “Esta será para vós uma instituição perpétua: uma vez por ano far-se-á a expiação de todos os pecados dos israelitas” (Lv 16,34).

Celebrava-se cinco dias antes da festa dos Tabernáculos e dez dias depois da festa do Ano novo judaico, no mês *Tishri* (entre setembro e outubro). Era a única ocasião em todo o ano em que o Sumo-sacerdote entrava no Santo dos Santos para aspergi-lo, em expiação, com o sangue das vítimas. Depois, impunha as mãos sobre a cabeça de um bode expiatório: carregado, assim, com os pecados do povo, era expulso para o deserto (cf. Lv 16,15-16).

#### **2.4.5 Festa dos Tabernáculos**

Também era chamada de Festa das Tendas, *Sukkot* ou Cabanas e celebrada seis dias após o *Yom Kippur*. Era uma festa muito mais alegre do que a anterior e durava, também, sete dias. Sua origem provavelmente estava associada às cabanas que ficavam instaladas nos campos nos vinhedos. Era especialmente apreciada pelas crianças, porque as famílias que vinham de fora de Jerusalém para a festa, ficavam justamente em cabanas, que lhes recordavam as tendas no deserto onde seus antepassados haviam se abrigado quando Deus os tirou do Egito (PAGOLA, 2010, p. 76-77).

A festa dos Tabernáculos era originalmente uma festa agrícola, assim como as festas da Páscoa e Pentecostes. Mas, Deus lhe atribuíra um significado histórico:

a lembrança da peregrinação pelo deserto e o sustento pelo Senhor. A fragilidade das tendas que o povo construía era uma lembrança da fragilidade do povo quando peregrinou os quarenta anos no deserto a caminho da terra prometida.

É interessante verificar no livro do Levítico a ordem de Deus para celebração desta festa:

O Senhor disse a Moisés: 'Dize aos israelitas o seguinte: no décimo quinto dia do sétimo mês, celebrar-se-á a festa dos Tabernáculos durante sete dias, em honra do Senhor. No primeiro dia haverá uma santa assembleia: não fareis nenhum trabalho servil. Durante sete dias oferecereis ao Senhor sacrifícios queimados pelo fogo. No oitavo dia tereis uma santa assembleia e oferecereis ao Senhor sacrifícios queimados pelo fogo. Será uma assembleia solene: não fareis trabalho algum servil. Estas são as solenidades do Senhor que anunciareis para haver santas assembleias, para oferecer ao Senhor sacrifícios queimados pelo fogo, holocaustos, oblações, vítimas e libações, cada coisa em seu dia, sem falar dos sábados do Senhor, de vossos dons, vossos votos e de todas as ofertas espontâneas que fizerdes ao Senhor. No décimo quinto dia do sétimo mês, quando tiverdes colhido os produtos da terra, celebrareis uma festa ao Senhor durante sete dias. O primeiro dia será um dia de repouso, bem como o oitavo. No primeiro dia tomareis frutos de árvores formosas, folhas de palmeiras, ramos de árvores frondosas e de salgueiros da torrente; e alegrar-vos-eis durante sete dias diante do Senhor, vosso Deus. Cada ano celebrareis esta festa durante sete dias em honra do Senhor. Esta é uma lei perpétua para vossos descendentes. Celebrá-la-eis no sétimo mês. Habitareis em barracas de ramos durante sete dias: todo homem da geração de Israel habitará em barracas de ramos, para que saibam os vossos descendentes que eu fiz habitar os israelitas em barracas de ramos, quando os tirei do Egito. Eu sou o Senhor, vosso Deus' (Lv 23,33-43).

#### 2.4.6 Festa da Dedicção

A palavra hebraica *Hanuká* significa consagração ou dedicação. Esta festa é também conhecida como *Festa das Luzes*. A festa é comemorada ao longo de oito dias, a partir do dia 25 de Kislev, no calendário hebraico, coincidindo, quase sempre, com a segunda quinzena de dezembro do calendário gregoriano. Recorda a purificação e dedicação do segundo Templo, realizada no ano de 164 a.C. por Judas Macabeu (cf. Jo 10,22), após a profanação levada a cabo por Antíoco IV Epifânio. Também chamada festa das Luzes porque, nela, iluminavam-se as casas e a sinagoga com lâmpadas, acendia-se uma grande fogueira, e um facho era levado até Modin, terra dos Macabeus.

Estes oito dias festivos deviam-se ao milagre ocorrido assim que os judeus retomaram o controle dos serviços no templo:

Quando pretendiam recomeçar os trabalhos de instauração da adoração ao seu Deus. Ao intencionarem acender a Menorah (candelabro de sete braços), o que deveria anteceder em todo e qualquer ritual sacrificial oficial,

perceberam que apenas uma pequena quantidade de azeite puro, havia sido preservado da destruição, dentro de um cântaro de barro lacrado com o selo sacerdotal, que garantia sua autenticidade. O óleo encontrado seria suficiente apenas para um dia de iluminação, e o preparo de um novo azeite, duraria sete dias mais. A surpresa foi que aquele óleo encontrado durou, ao invés de apenas um dia, mais sete dias além do que deveria durar, o que permitiu aos judeus prepararem um novo óleo para a Menorah. Este evento é conhecido como o Milagre de Chanuká e até hoje é comemorado pelo povo de Israel como forma de mencionar as grandezas de D-us e seus poderosos feitos<sup>14</sup>.

Como podemos notar, a vida dos judeus foi marcada fortemente por um senso religioso. Jesus foi crescendo neste ambiente de orações diárias, de encontros aos sábados na sinagoga de Nazaré e nas grandes festas de Israel. Mas, sobretudo, foi no seio de sua família que teve os maiores exemplos do que era a religião de seu povo.

A vida no campo não era fácil, exceto aos sábados a vida retornava a ser dura e monótona, mas vez por outra isto era interrompido pelas festas acima e por um ou outro casamento. Estes, por sinal, eram muito bons para aquela gente sofrida, pois comiam, bebiam e cantavam alegremente com os noivos por vários dias. Jesus, provavelmente, esteve presente em mais de um casamento, pois sua família era numerosa. Um dia iria dizer: “podem porventura jejuar os convidados em um casamento enquanto o noivo ainda está com eles? (Mt 2,19)”.

Estar com Jesus é estar vivo e alegre. Jesus ia crescendo no meio disto tudo. Sua oração e experiência de Deus cresciam cada vez mais (cf. Lc 2,40).

---

<sup>14</sup> Disponível em: site *Israelitas*: <http://www.israelitas.com.br/festas/festasVer.php?id=3> acesso em 04.09.2014.

## 2.5 Jesus e as estruturas religiosas de seu tempo

Uma grande diferença entre os dirigentes religiosos e Jesus sobre Deus era que para aqueles, dar glória a Deus era, em si, observar as leis, enquanto que para Jesus, o importante era que as pessoas fossem felizes, promovendo a justiça de Deus e a sua misericórdia. Jesus partia de sua experiência íntima com Deus, já os doutores e mestres da lei partiam de sua necessidade pela perpetuação no poder, e não se importavam mais com a justiça, mas sim em seguirem regras e prescrições que não traziam mais felicidade e libertação para o povo, antes queriam manter a estrutura de poder que tinham como pretensos donos da verdade. Jesus queria vida plena e felicidade para todos: “Eu vim para que todos tenham vida e vida em abundância” (Jo 10,10).

Abaixo veremos os grupos religiosos no tempo de Jesus

### 2.5.1 Fariseus

Nos anos 30 o farisaísmo era um movimento mais urbano que rural, concentrando-se mais em Jerusalém e seus arredores do que no restante de Israel. Talvez Jesus tenha se encontrado com algum deles na Galileia, mas certamente sua presença era significativa na Judeia, sobretudo em Jerusalém.

Segundo os evangelhos, durante a vida pública de Jesus, sempre estiveram em conflito com ele, eram “os do contra” por excelência: os que o enfrentavam (Mt 3,7; 9,11.34; 12,2.24; 15,1-2, etc.), os que queriam pegá-lo em armadilhas (Mt 9,11; 12,38; 16,1; 19,3, etc.), e os que queriam desacreditá-lo perante o povo, embora não fossem os mais perigosos<sup>15</sup>. Jesus os combateria fortemente: raça de víboras (Mt 23).

Surgiram por volta do ano 150 a.C. como uma reação à helenização promovida por Antíoco Epífanes. Eram os que mais procuravam influir na vida das pessoas. Formado por pessoas letradas acostumadas com as tradições e costumes

---

<sup>15</sup> A pesquisa moderna aponta, contudo, que, na verdade, estas “diferenças” entre os fariseus e Jesus, não seriam tão contundentes como nos revelam os evangelhos; que a visão que se tem hoje dos fariseus pode estar distorcida em função da época em que os evangelhos foram escritos, próximos à destruição do Templo, ou seja, na segunda metade do século I. Mesmo teologicamente falando, o pensamento de Jesus era mais próximo dos fariseus do que dos saduceus, pois estes não acreditavam na ressurreição, enquanto que aqueles sim. Para maiores informações consultar Pagola (2010, p.400-405, especialmente notas 4 e 5). Convém ressaltar que a verdadeira ameaça contra Jesus era da aristocracia sacerdotal e laica de Jerusalém e da autoridade romana.

de Israel. É provável que ganhassem a vida como juízes, escribas, educadores ou oficiais subordinados às classes governantes. Apesar disto não eram um bloco homogêneo, havendo entre eles diferentes pontos de vista. A primeira preocupação deles era garantir a resposta fiel ao Deus de Israel que lhes dera a lei, que os diferenciavam dos outros povos. Eles acreditavam na ressurreição.

Após a destruição de Jerusalém no ano 70, junto com outros setores de escribas e homens piedosos, fundaram o movimento rabínico, que está na origem do judaísmo atual (PAGOLA, 2010, p. 400, nota 01).

### 2.5.2 Escribas

Os escribas não formavam uma organização autônoma. Eram indivíduos que trabalhavam como copistas, redigiam documentos legais, escreviam cartas, eram encarregados da contabilidade, educavam os jovens das elites urbanas, garantiam a transmissão escrita das tradições religiosas. Dependiam das classes dirigentes. No tempo de Jesus viviam a serviço do templo ou no círculo de Antipas e das famílias herodianas; nas aldeias podiam exercer tarefas de administração a serviço de proprietários de terras. Alguns podiam conseguir certo poder como conselheiros. Provavelmente havia escribas que pertenciam ao grupo fariseu (Ibid., 2010, p. 402).

Conforme nos mostram Theissen e Merz (2004, p. 250), Jesus também era um “escriba”, porém num sentido mais amplo: João Batista e Jesus são os primeiros mestres judeus sobre os quais se têm testemunhos sobre a forma de tratamento “*Rabbi*” ou “*Rabbuni*” (cf. Jo 3,26; Mc 9,5; 10,51; 11,21; 14,45). Depois disto todos os escribas são tratados desta maneira. Jesus e João Batista juntaram discípulos ao redor de si (sobre João Batista ver Mc 6,69; Jo 1,35; At 19,1). Mas, eles agem de modo diferente em relação aos outros escribas.

Como Jesus se diferenciava dos outros escribas? Assim:

Segundo Mc 1,22, em sua forma de ensino. Ela tem pouco a ver com interpretação da Escritura. Ela é antes um “novo ensino com autoridade” (Mc 1,27); em parte, ensino de sabedoria que descansa na evidência interna entre imagem e pensamento (como o ensino de Salomão, Mt 12,42), em parte discurso profético, que transmite uma mensagem divina (como Jonas, Mt 12,41), em parte ensino reforçado por milagres (Mc 1,27; 6,2). No todo, trata-se de um ensino carismático que se impõe independentemente de autoridades previamente estabelecidas. Quando faz referência à Escritura, o faz de forma muito livre. Em Mc 10,2ss., por exemplo, duas passagens bíblicas são relacionadas uma à outra: a referência ao homem e à mulher na narrativa da criação com a instituição do divórcio, segundo Dt 24,1ss. Nas antíteses (Mt 5,21ss.) a Torá de Moisés é reinterpretada por



meio de um autoconfiante “eu porém vos digo”, ou seja, foi formulado de maneira original. Nas discussões rabínicas, a fórmula “eu porém vos digo” tem a função de diferenciar o ensino de um mestre em relação ao de outro, mas nunca de distinguir o ensino de um escriba do da Torá de Moisés (THEISSEN; MERZ, 2004, P. 250).

### 2.5.3 Herodianos

O termo “herodiano” deriva de uma palavra latina, designa membros de uma classe política vinculada a Herodes: os seguidores de Herodes, aqueles que representavam seus interesses. Os herodianos aparecem apenas em duas perícopes as quais tratam do tema de exercício de poder. Do poder de cura no sábado<sup>16</sup> (Mc 3,6) e o de recolherem impostos forçados para Roma (Mc 12,13). Jesus, naturalmente, está longe destas duas esferas de poder.

Sua origem remonta aos anos 40 a.C. em que reis vassallos eram nomeados estrategicamente pelos romanos, haja vista que uma administração direta de Roma traria muitos conflitos. A forma de vida dos judeus era bem diferente em relação a outros povos, entretanto, os romanos não recusaram, “após más experiências com o filho de Herodes, Arquelau, em tomar o poder diretamente na Judeia e na Samaria, respeitando certo resto de autonomia dos judeus sob seus sumos sacerdotes” (THEISSEN; MERZ, 2010, p. 256). Somente no norte de Israel é que reinaram outros dois filhos de Herodes, Antipas e Filipe. Estes dois permaneceram no poder por bom tempo, pois apesar do domínio romano, ainda eram mais respeitados pelo povo do que os romanos (ruim com eles, pior sem eles).

### 2.5.4 Saduceus e Sumos sacerdotes

Durante o período da dinastia asmoneia, os saduceus gozaram de poder até a chegada de Salomé Alexandra (76-67 a.C.), que se apoiou nos setores fariseus e provocou sua decadência. Quando Herodes, o Grande, subiu ao trono, nomeou como sumos sacerdotes membros de famílias judaicas oriundas da Babilônia e do Egito, marginalizando assim a aristocracia sacerdotal de Jerusalém, que provinha,

---

<sup>16</sup> Esta perícopa não trata apenas do poder de cura, mas tem questões mais profundas também como a questão de se fazer guerra como autodefesa. Para maiores informações ver 1Mc 2,41 e THEISSEN e MERZ, 2004, p. 257.

segundo a tradição, de Sadoc, o sacerdote que havia servido em Jerusalém aos reis Davi e Salomão. Quando a Judeia foi sujeitada ao governo direto de um prefeito romano (6 d.C.), os saduceus recuperaram parte do poder que tinham no tempo de Hircano I e seus sucessores asmoneus (134-76 a.C.).

Os saduceus desapareceram com a destruição do templo (70 d.C.) e a literatura rabínica e a visão negativa e distorcida que deles se fornece, tornam praticamente impossível a reconstrução deste grupo. Pouca coisa se pode dizer com segurança: era um grupo minoritário bem estabelecido; integravam em seu seio alguns leigos e sacerdotes da aristocracia de Jerusalém; tinham suas próprias tradições, diferentes das dos fariseus e essênios. Como grupo vinculado ao poder, colaboravam com as autoridades romanas para manter o *status quo* que favorecia seu poder e prosperidade; não se interessavam pela “outra vida” e rejeitavam a doutrina da ressurreição (PAGOLA, 2010, p. 405, n. 12; p. 406, n. 15). Jesus, naturalmente, distancia-se deste grupo.

### 2.5.5 Aristocracia de Jerusalém

Era composta por uma minoria de pessoas ricas e importantes, vários deles sacerdotes. Alguns membros, não todos, eram saduceus. Suas riquezas eram formadas graças a estratégias escusas que achacavam o povo e, por isto, não eram admirados nem tinham seguidores<sup>17</sup>. O povo os considerava como pessoas poderosas, mas corruptas, pois viviam de taxas, dízimos e doações que chegavam ao templo de toda a diáspora judaica<sup>18</sup>.

Pagola nos mostra ainda que

No tempo de Jesus, o sumo sacerdote tinha poder de governo tanto em Jerusalém como na Judeia. Por um lado, gozava de plena autonomia nos

---

<sup>17</sup> As escavações sistemáticas realizadas a partir de 1969 por Nahman Avigad trouxeram à luz o luxo e a riqueza da aristocracia sacerdotal que se mobilizou contra Jesus: vilas com belos aposentos e pátios; piscinas escalonadas revestidas de estuque para uso particular; mosaicos e afrescos de excelente qualidade; cerâmica e porcelana fina de mesa; esplêndidas jarras e vasos importados do Ocidente; lâmpadas de Éfeso, frascos de perfumes fabricados com vidro fenício (cf. PAGOLA, 2010, p. 422, n. 52).

<sup>18</sup> Flávio Josefo descreve os abusos cometidos pelos sumos sacerdotes por volta dos anos 50 e 60, que chegaram inclusive a enviar servos para arrancar à força dízimos de sacerdotes de categoria inferior, espancando quem resistia (*Antiguidades dos judeus* 20, 179-181.206). Quando no ano 66 o povo se revoltou contra Roma, atearam fogo na casa do sumo sacerdote Ananias e queimaram os arquivos públicos para impedir a cobrança das dívidas atrasadas (*A guerra judaica* II, 426-427) (cf. PAGOLA 2010, p. 405, n. 13).

assuntos do templo: regulação do sistema sacrificial, taxas, dízimos, administração do tesouro; para isso contava com diferentes serviços e uma polícia responsável por manter a ordem tanto no recinto do templo como em Jerusalém. Por outro lado, intervinha nos litígios e assuntos correntes dos habitantes da Judeia, aplicando as leis e tradições de Israel. Diversos membros da aristocracia sacerdotal e leiga o assistiam em seu governo. Quando os evangelhos falam dos “sumos sacerdotes”, referem-se a um grupo que compreende o sumo sacerdote em exercício, sacerdotes que exerceram este cargo no passado e sacerdotes responsáveis por importantes serviços, como o comandante do templo ou o responsável pelo tesouro. Esta aristocracia do entorno do templo atuava como “instância de poder” com a qual contava o prefeito de Roma para governar a Judeia. É um erro considerar os sumos sacerdotes como uma autoridade exclusivamente religiosa com certas competências limitadas ao âmbito do templo. Eles exerciam um poder político em estreita colaboração com o prefeito romano, que era quem os nomeava ou destituía. Roma reservava-se a defesa das fronteiras, a manutenção da *pax romana* contra qualquer tipo de sedição, a arrecadação pontual dos tributos e a faculdade de ditar sentenças de morte (2010, p.405-406, n. 14).

O templo era fonte de extrema riqueza para esta elite aristocrática. Quando Jesus oferece o perdão de forma indistinta a todos (ladrões, prostitutas, arrecadadores de impostos, etc.), sem passar pelo templo, isto os enfurece. Como tolerar este “desprezo” pelo templo?

Certamente também não viam com bons olhos aquele profeta curador de todos, porque para eles toda a enfermidade era consequência do pecado e esta cura “tirava” deles o poder intermediador entre eles e o Deus do templo. Em outras palavras, a atração de Jesus é um desafio ao templo como fonte exclusiva de salvação para o povo. Ora, os sumos sacerdotes não podiam tolerar tal situação.

Assim, somente quando Jesus chegou em Jerusalém é que pôde comprovar o poder e o perigo dos grupos daquele lugar: aristocratas, autoridades religiosas e romanas. Na Galileia não o afetaram diretamente, já em Jerusalém não se poderia dizer o mesmo.

### **2.5.6 Essênios**

Nem no Antigo nem no Novo Testamento há qualquer menção aos essênios, entretanto Flávio Josefo (Guerras Judaicas, II, 119-161), Fílon, Plínio e outros falam sobre eles. Formavam uma associação religiosa existente desde o século II a.C. em vários lugares da Palestina, mas seu principal local era no oásis de En-gaddi, na margem ocidental do Mar Morto (RICCIOTTI, 1963, p. 54). A comunidade mais

famosa deles ficou conhecida em 1955, em Qumran, quando foram encontrados os *Pergaminhos do Mar Morto*.

G. Ricciotti (1963, p. 55) comenta que dividiam seu dia entre trabalho e oração. Seus alimentos eram muito simples. Comiam basicamente frutas e legumes, mas havia ritos especiais e abluções antes das refeições e estas eram preparadas por sacerdotes. Durante todo o dia se observava o silêncio. Ao que parece, os essênios exerciam pouca influência no judaísmo da época, do qual estavam separados, mesmo materialmente, por muitas normas de vida prática. Banhavam-se em águas para equilibrar o corpo, talvez daí a origem do rito do batismo realizado por João Batista. Também não eram interessados pela política. Eram, no todo, em torno de quatro mil pessoas.

### **2.5.7 Anciãos**

Nas formas de governo primitivas, eram revestidos de autoridade aqueles que, já sendo pessoas de idade e de reconhecida experiência, podiam tomar a direção dos negócios gerais como representantes do povo. Na história do povo hebreu aparecem pela primeira vez em Gn 50,7 no funeral de Jacó e, depois, antes do Êxodo (cf. Êx 3,16.18; 4,29; 12,21), depois são mencionados como representantes da comunidade, sendo eles um meio de que se servia o povo para comunicar-se com os dirigentes da nação: Moisés e Josué, os juízes e Samuel. “Moisés, tendo sobre si o peso da administração da justiça, por conselho de Jetro, seu sogro, nomeou magistrados de vários graus de autoridade, delegando neles a resolução dos negócios, à exceção dos mais graves (cf. Êx 18,13-27) Do v.21 é evidente que estes foram escolhidos dentre os ‘anciãos de Israel’. Acham-se exemplos destas funções judicativas em Dt 19,12; 21,2; 22,15; 25,7; Js 20,4 e Rt 4,2. O capítulo 11 do livro dos Números narra como Moisés, dirigido por Deus, nomeou um conselho de setenta anciãos para o auxiliarem e aliviarem. Como o Estado era essencialmente religioso, partilhavam os anciãos de Israel do Espírito que estava em Moisés. Com este fato relaciona a tradição judaica à instituição do

Sinédrio. Foram os anciãos de Israel que pediram a Samuel que lhes desse um rei (1Sm 8,6)”<sup>19</sup>.

## 2.6 O modo de vida em Jerusalém

Chamava muito a atenção de quem chegasse em Jerusalém a esplanada onde estava o templo, com o seus 144.000m<sup>2</sup> de área, era uma visão grandiosa onde se erguia o templo do Senhor, “sua casa” (a *Shekiná*). Segundo Flávio Josefo era quase coberto totalmente por lâminas de ouro e quando o sol saía, era preciso cobrir os olhos por conta de seu grande brilho (PAGOLA, 2010, p. 423).

Naquela época mais de 100.000 peregrinos tomavam parte na festa da páscoa, número extremamente elevado se considerarmos que na cidade viviam entre 25 a 55 mil habitantes<sup>20</sup>.

De modo especial, perto dos tempos de festas, os vendedores ofereciam todo tipo de mercadorias aos peregrinos, tais como, sandálias, túnicas, tecidos, perfumes, pequenas joias e lembranças de Jerusalém. Também havia o comércio de cereais, frutas e produtos do campo, estes próximos às entradas da cidade, para abastecer as pessoas nestes dias.

Os peregrinos vinham de toda parte, como Egito, Fenícia, Síria, Tessália, Corinto, Panfília, Cilícia, Bitínia, das costas do Mar Negro e, inclusive, de Roma, capital do Império.

Como vimos acima, o templo tornara-se um sinal ambíguo aos olhos mais observadores, Pagola observa que:

Para entender todo o seu alcance precisamos aproximar-nos do clima de ambiguidade que envolve o templo e os altos dignitários que o controlam naqueles momentos. O receio vinha desde o próprio início das obras de restauração. Ninguém duvida da beleza e esplendor do novo templo, mas qual foi a intenção real de Herodes? Queria erguer uma casa ao Deus de Israel ou engrandecer sua imagem no Império? Para que construiu aquele gigantesco “pátio dos gentios” que ocupa três quartas partes da esplanada? Para acolher peregrinos fiéis à Aliança ou para atrair viajantes pagãos a admirar seu poder? O que é o templo nestes momentos? Casa de Deus ou sinal de colaboração com Roma? Templo de oração ou armazém dos

---

<sup>19</sup> Fonte:

<http://www.bibliaonline.net/dicionario/?acao=pesquisar&procurar=anci%E3os&exata=on&link=bol&lang=pt-BR>, acesso em 03/11/2014.

<sup>20</sup> Os cálculos dos exegetas variam bastante. De acordo com J. Jeremias, os peregrinos que chegavam por ocasião da Páscoa no tempo de Jesus podiam ser uns 125.000; o investigador judeu Shemuel Safrai fala de 100.000; o estudo mais recente, de Ph. Abadie, eleva a cifra para 200.000. De resto, em Jerusalém viviam de 25.000 a 55.000 habitantes (cf. PAGOLA 2010, p. 424, n. 56).

dízimos e primícias dos camponeses? Santuário de perdão ou símbolo das injustiças? Está a serviço da Aliança ou beneficia os interesses da aristocracia sacerdotal? (2010, p.428-429).

E complementa ainda:

Neste lugar de culto surgiu uma enorme organização mantida por um exagerado corpo de funcionários, escribas, administradores, contadores, pessoal de ordem e servos das grandes famílias sacerdotais. Todos eles vivem do templo e implicam uma carga a mais para a população camponesa. As críticas das pessoas centram-se nas poderosas famílias sacerdotais. Neste momento são as autoridades romanas que nomeiam e destituem a seu arbítrio o sumo sacerdote de turno. Não é estranho que os designados se preocupem mais em perpetuar-se no poder do que em servir ao povo: distribuem os cargos mais lucrativos entre seus familiares, exercem um forte controle das dívidas. (2010, p.428-429).

O que salta aos olhos é a riqueza em que vivia a classe sacerdotal. Justamente eles que não deveriam ter acúmulo de bens, uma vez que a tribo de Levi nada havia recebido como legado, diferentemente das demais tribos (Dt 18,15). Contudo, pouco tempo depois do exílio da Babilônia já possuíam grandes extensões de terras. E sua opulência era enorme. Há de se convir que só com os dízimos, tributos e sacrifícios do templo não poderiam ter acumulado tamanha riqueza. Além de tudo isto pressionavam o povo para receberem as primícias do campo, e ainda cobravam meio *shekel* de tributo por habitante. Mas o que os deixou realmente ricos foi a monetização ocorrida por aqueles tempos que permitiu a eles o acúmulo de grandes riquezas nos cofres do templo. A atividade de empréstimo (agiotagem) fez o resto. Assim, “o templo foi se transformando em fonte de poder e riqueza de uma minoria aristocrática que vivia à custa dos setores mais fracos” (PAGOLA, 2010, p. 430).

Não foi por pouco que Jesus um dia chorou por Jerusalém... dizendo:

Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas e apedrejas os enviados de Deus, quantas vezes quis ajuntar os teus filhos, como a galinha abriga a sua ninhada debaixo das asas, mas não o quiseste. Eis que vos ficará deserta a vossa casa. Digo-vos, porém, que não me vereis até que venha o dia em que digais: Bendito o que vem em nome do Senhor. (Lc 13, 34-35).

### 3 A oração de Jesus – Aspectos Externos

#### 3.1 Preâmbulo

Este capítulo trata do que poderíamos chamar de “aspectos externos” à oração de Jesus. Não entra no núcleo de suas orações, “o porquê” – isto está reservado aos estudos do último capítulo – mas aborda características que circundam seus momentos de intimidade com o Pai. Em outras palavras: primeiro estudaremos os aspectos externos, necessários à compreensão global da oração de Jesus, para depois passarmos aos internos, ao mistério da oração de Jesus.

Queremos caminhar ao lado de Jesus, vendo *onde*, *como* e *quando* ele rezou, para depois, procurarmos compreender o *porquê* ele rezou (capítulo final).

#### 3.2 Aspectos externos à oração de Jesus

Conforme já visto anteriormente, um dado que nos parece fundamental, e que não pode ser negado historicamente, é que Jesus rezou. Conhecia e praticava a oração judaica de seu tempo parecendo, inicialmente, ser favorável a esta prática de oração. Mas, para se compreender melhor em que consistiam as características de sua oração, precisamos levar em conta a atitude de Jesus frente à oração de seu povo, uma vez que ele não foi nenhum ingênuo em relação à prática vigente de seu tempo (SOBRINO, 1981, p.13-14). Portanto, analisar os locais preferidos de oração de Jesus, os momentos em que ele preferia orar e ainda quais os gestos e posturas que ele utilizava enquanto rezava, nos auxilia na compreensão do mistério de sua oração.

O que ele fez é importante para nós e, assim, nos próximos itens abordaremos estes aspectos *externos* de sua oração, para em seguida, no capítulo seguinte, entrarmos nas razões de sua oração. Guardada as devidas proporções, é uma caminhada *parecida* com a dos discípulos de Emaús (Lc 24), em que, primeiro ficaram com o mestre *externamente*, para somente depois compreenderem o sentido daquele momento. É uma caminhada do *exterior* para o *interior* da comunicação e comunhão de Jesus com Aquele que justifica e plenifica todo o seu ministério.



### 3.2.1 Onde Jesus orava

Jesus foi um judeu. Não veio para negar a Lei ou os profetas, mas para aperfeiçoá-los (cf. Mt 5,17). E um fato que o ajudou nesta missão foi a oração.

Vejamos os locais onde o povo judeu no tempo de Jesus costumava fazer suas preces. Sabemos que após o exílio da Babilônia o povo judeu considerava cada vez mais o Templo de Jerusalém como o centro de seu culto. Era o único local onde se poderia entregar as oferendas. Também era o local das orações oficiais, destacando-se, sobretudo, aquelas que ocorriam por ocasião das grandes festas: Páscoa, Pentecostes e Festa das Tendras sendo, portanto, o local privilegiado para as orações (oficiais ou não). O templo sempre foi um local de grande importância para a vida dos judeus, inclusive, por conta disto, houve a discórdia com os samaritanos<sup>21</sup>, podemos observar isto no diálogo de Jesus com a samaritana:

Senhor, disse-lhe a mulher, vejo que és profeta! Nossos pais adoraram neste monte, mas vós dizeis que é em Jerusalém que se deve adorar. Jesus respondeu: Mulher, acredita-me, vem a hora em que não adorareis o Pai, nem neste monte nem em Jerusalém. Vós adorais o que não conheceis, nós adoramos o que conhecemos, porque a salvação vem dos judeus. Mas vem a hora, e já chegou, em que os verdadeiros adoradores hão de adorar o Pai em espírito e verdade, e são esses adoradores que o Pai deseja (Jo 4,19-23).

Depois do templo o local mais adequado para as orações eram as sinagogas – que só passaram a existir após o Exílio – e no tempo de Jesus tinham se multiplicado por toda a região. Nas sinagogas havia o culto aos sábados onde as pessoas se reuniam para ouvir, aprender e viver a Palavra de Deus (vide capítulo anterior). Mesmo assim, nem sempre as pessoas podiam se deslocar até as mesmas, neste caso era permitido as orações em outros locais como nas praças, nas esquinas, em casa, porém, nestes casos, quando se orava fora do templo ou das sinagogas, devia-se orar com o rosto voltado em direção ao Templo de Jerusalém, exceto para aquelas orações mais simples de louvor e ação de graças como as *Berakás* (vide capítulo 1, item 1.3.4 e item 2.3.2 a seguir) em que, neste caso, não havia esta obrigação.

Jesus mesmo foi várias vezes ao Templo. A primeira vez que temos conhecimento disso foi por ocasião de sua apresentação no Templo, mas nesta

---

<sup>21</sup> Segundo o Pentateuco apenas um templo era reconhecido, o de Jerusalém. Disto surgiu a polêmica com o povo samaritano que tinha seu templo no monte Garizim, em Samaria. Esta foi a razão do cisma samaritano (POTTERIE, 1992, p.22, nota 2).



ocasião ele mesmo não rezou; depois vemos Jesus neste local aos 12 anos<sup>22</sup>: “Três dias depois o acharam no templo, sentado no meio dos doutores, ouvindo-os e interrogando-os” (Lc 2,46) e aqui acontece algo novo: após a procura angustiante de seu filho por Maria e José, vemos Jesus pela primeira vez chamando Deus de *Pai*<sup>23</sup>: “Não sabíeis que devo ocupar-me das coisas de meu Pai?” (Lc 2,49). Sabemos da leitura dos evangelhos que em sua vida pública Jesus também foi ao templo outras vezes como, por exemplo, para celebrar a Páscoa (Jo 2,13); provavelmente na Festa do Pentecostes (Jo 5,1) e alguns meses mais tarde na Festa das Tendias ou dos Tabernáculos (Jo 7,2.10); também para a festa da Dedicção do Templo (Jo 10,22) e, finalmente, sua última Páscoa (Mt 26,2 e paralelos) (POTTERIE, 1992, p. 23-24).

Mas o que nos chama a atenoção, é que de todas as vezes que Jesus vai ao templo, não são descritas as cerimônias em si, ao contrário, os relatos são sempre sobre os acontecimentos ao redor de sua pessoa. São várias as passagens que mostram isto, conforme nos mostra Potterie (1992, p.25-29), em João vemos:

- a) Quando Jesus após expulsar os vendilhões do templo é questionado sob qual sinal ele faz isto, então responde: “Destruí vós este templo, e eu o reerguerei em três dias” (Jo 2,19);
- b) Enquanto ensinava no templo, por ocasião do final da Festa das Tendias, citando as profecias dos profetas Zacarias e Isaías: “No último dia, que é o principal dia de festa, estava Jesus de pé e clamava: Se alguém tiver sede, venha a mim e beba. Quem crê em mim, como diz a Escritura: Do seu interior emanarão rios de água viva” (Jo 7, 28.37-38; Zc 14,8; Is 58,11);
- c) Em Jo 10 vemos o relato da festa da Dedicção porém, mais uma vez, esta transcorre totalmente em segundo plano. O capítulo começa com a parábola do Bom Pastor quando Jesus, no átrio do templo, diz: “Eu sou a porta. Se alguém entrar por mim será salvo; tanto entrará como sairá e encontrará pastagem” (Jo 10,9). Aqui trazendo a ideia de segurança, de liberdade, de abundância, em outras palavras: sentir-se-á bem, será salvo;

---

<sup>22</sup> “O relato faz uma antecipação da sabedoria e da futura atividade de Jesus que, a partir desse momento, deixa para trás a infância e começa a viver a adolescência. E vai percebendo mais claramente a união íntima com o Pai, superior aos vínculos com a família humana” (RUBIO, 2008, p. 158).

<sup>23</sup> Sobre a questão do “Pai” ou “*Abbá*” falaremos mais no capítulo seguinte.

d) Jesus é o caminho que leva ao Pai: "...o Pai está em mim e eu no Pai" (Jo 10,38) e "Eu e o Pai somos um" (Jo 10,30) ou, ainda de modo mais contundente: "Eu sou o caminho, a verdade e a vida; ninguém vem ao Pai senão por mim" (Jo 14,6);

Da mesma forma Lucas nos mostrará, embora num esquema diferente, que Jesus não se dirige ao templo como os demais judeus piedosos, mas descreve seu caminho como uma subida à paixão, morte e ressurreição. A entrada de Jesus no templo é para ensinar: "todos os dias ensinava no templo. Os príncipes dos sacerdotes, os escribas e os chefes do povo procuravam tirar-lhe a vida" (Lc 19,47).

Algo semelhante ocorria nas sinagogas. Jesus participou várias vezes das orações oficiais nelas aos sábados mas, novamente, o centro não é o rito litúrgico e sim o que ele fez. Observamos isto nas seguintes passagens: "Dirigiram-se para Cafarnaum. E já no dia de sábado, Jesus entrou na sinagoga e pôs-se a ensinar" (Mc 1,21 ou Lc 4,31); também quando "dirigiu-se a Nazaré, onde fora criado. Entrou na sinagoga em dia de sábado, segundo o seu costume, e levantou-se para ler" (Lc 4,16 ou Mc 6,2); e ainda: "estava Jesus ensinando na sinagoga em um sábado" (Lc 13,10); quando andava pela Galileia "Jesus percorria toda a Galileia, ensinando nas suas sinagogas, pregando o Evangelho do Reino..." (Mt 4, 23). Uma das passagens que nos chamam mais a atenção é o anúncio que faz da Boa Nova deixando todos os ouvintes atônitos:

O Espírito do Senhor está sobre mim, porque me ungiu; e enviou-me para anunciar a boa nova aos pobres, para sarar os contritos de coração, para anunciar aos cativos a redenção, aos cegos a restauração da vista, para pôr em liberdade os cativos, para publicar o ano da graça do Senhor. E enrolando o livro, deu-o ao ministro e sentou-se; todos quantos estavam na sinagoga tinham os olhos fixos nele. Ele começou a dizer-lhes: Hoje se cumpriu este oráculo que vós acabais de ouvir (Lc 4,18-19).

Ou seja, o rito, a forma, o modo de orar nas sinagogas e no templo, não são o mais importante, mas sim o que Jesus ensina.

O que fica claro é que Jesus não se dirige nem ao templo, nem às sinagogas como os judeus piedosos de seu tempo para as orações não oficiais, pois sua oração não estava ligada a estes lugares como as dos demais. Por isso Jesus orava só e em lugares, normalmente, solitários – no deserto, no Horto das Oliveiras, no Getsêmani, no alto da montanha, etc. Isto era uma novidade na época para seus discípulos. O "tipo" do lugar não parece ter muita importância para Jesus, aliás, como demonstrado acima, especialmente em seu diálogo com a samaritana. E mais,

Jesus *gostava* de orar sozinho. Os textos dos evangelhos de Mateus e Marcos não deixam dúvidas quanto a isto: “Logo depois, Jesus obrigou seus discípulos a entrar na barca e a passar antes dele para a outra margem, enquanto ele despedia a multidão. Feito isso, subiu à montanha para orar na solidão” (Mt 14,23); e “...despedido que foi o povo, retirou-se ao monte para orar” (Mc 6,45). Jesus parece gostar de “conversar” com seu Pai após um longo dia de trabalho. Outro motivo para que se retirasse para orar sozinho era o de evitar que o povo o transformasse num rei terreno. Assim, rezava até altas horas da noite chegando, inclusive a rezar a noite inteira (cf. Lc 6,12).

No próximo capítulo falaremos mais profundamente sobre a oração de Jesus no Horto das Oliveiras em sua agonia suprema (cf. Mc 14,32ss e paralelos), adiantando porém, a questão do lugar, aqui, novamente, aparece Jesus desejando ficar sozinho mesmo neste momento difícil<sup>24</sup>. Certamente um momento especial de sua vida onde a sua necessidade de diálogo com o Pai atingiu o ponto mais marcante em sua vida terrena.

Assim, de tudo que vemos no quadro dos evangelhos, para as orações não oficiais, fica claro que Jesus preferia ficar só. A importância deste fato era tanta que ele mesmo fez esta recomendação a seus discípulos: “Quando orares, entra no teu quarto, fecha a porta e ora ao teu Pai em segredo; e teu Pai, que vê num lugar oculto, recompensar-te-á” (Mt 6,6), “na despensa, num espaço profano, e não como a [oração] dos fariseus, que rezam para serem vistos” (JEREMIAS, 1977, p. 393), e isto era mais uma novidade introduzida por Jesus no modo de orar: os lugares públicos já não são mais os mais importantes onde as pessoas podiam ser vistas e aclamadas pelo povo. O templo e as sinagogas já não são mais, a partir de agora, locais obrigatórios de oração. Jesus é o novo “lugar” de oração, pois ele mesmo se transforma no novo “lugar” de oração, no “novo Templo”, “...o caminho, a verdade e a vida” que levam ao Pai (Jo 14,6). Aqui percebemos a profunda ligação de Jesus com Deus (POTTERIE, 1992, p. 30-31).

---

<sup>24</sup> Sobre a questão de Jesus gostar de rezar sozinho e dele ter rompido com o modo tradicional da oração judaica, J. Jeremias afirma que “a resposta mais óbvia é que se conservara uma tradição bastante segura sobre esta oração solitária de Jesus. Esta resposta é óbvia também porque temos na verdade uma antiga tradição que nos descreve como Jesus, fora das horas habituais de oração, no meio da noite, ora ao Pai, em Getsêmani (Mc 14, 32ss)” (1977b, p. 288).

### 3.2.2 Quando Jesus orava

Vejam também quais os momentos em que Jesus costumava orar, uma vez que “Jesus, originário duma família piedosa, cresceu no quadro da ordem fixa de oração de seu povo, e ela acompanhou-o também durante seu ministério público” (JEREMIAS, 1977b, p. 285). Recordemos mais uma vez que o povo judeu rezava várias vezes durante o dia. Já desde os tempos dos salmistas vemos o desejo deste povo de caminhar junto de Deus (Sl 15/16,7-11), fazendo suas orações não apenas no templo, mas em todos os momentos de sua vida: “Eu, porém, bradarei a Deus, e o Senhor me livrará” (Sl 54/55,17), como as três orações do dia, de manhã: “É a vós que eu invoco, Senhor, desde a manhã; escutai a minha voz, porque, desde o raiar do dia, vos apresento minha súplica e espero” (Sl 5,4), à tarde e à noite (cf. Sl 76/77,3) ou nos demais eventos do dia a dia.

Nos dias em que Jesus viveu, esta tradição de se rezar várias vezes ao dia, já estava bem enraizada junto ao povo judeu, tinha se transformado em várias prescrições, sobretudo, era rigorosamente observada pelos fariseus. Um bom judeu deveria recitar pelo menos duas vezes ao dia o *Shemá Israel*, uma espécie de profissão de fé conforme vimos anteriormente. De manhã e no final da tarde ele era obrigatório, ao menos para os homens e às três da tarde todos deveriam rezar a Oração das 18 bênçãos (*Shemoné Esré*), incluindo mulheres, crianças e escravos (POTTERIE, 1992, p. 33).

Sendo a oração parte integrante da vida deste povo, havia orações para todas as situações de sua vida, como: para cada tipo de comida; para os sábados; para os dias de jejum; orações para crianças pequenas (matinal, da refeição, de passagens sagradas e para antes de dormir); nas preces matinais (bênçãos matinais, bênção da Torá, etc.); para bênçãos diversas (após as necessidades fisiológicas; por um milagre; ao ver um sábio ou um rei; ao ouvir uma boa ou má notícia; ao visitar um cemitério; ao mergulhar utensílios; ao separar parte de massa; sobre fragrâncias; do resgate do primogênito ou do resgate do primogênito adulto); sobre os alimentos sendo que eram feitas antes e após o seu consumo, existindo bênçãos para o pão e para outros alimentos; sobre o acendimento de velas; sobre a santificação da lua; além daquelas para os dias sagrados (Manual de Bênçãos Judaicas, 1998). Entretanto, o aumento das orações no tempo de Jesus foi mais um movimento “mecânico” do que propriamente *espiritual* e isto Jesus condenou.

Da leitura dos evangelhos, conforme nos lembra Potterie (1992, p. 33-37) e Jon Sobrino (1994, p. 207), vemos que a oração de Jesus ocorria em vários momentos, como a) nas cerimônias oficiais no templo e nas sinagogas, b) antes, c) durante e d) depois de um grande evento; e) nos momentos de bênçãos.

a) Quanto às cerimônias oficiais já vimos os momentos em que Jesus participava dos cultos e festas religiosas no capítulo anterior. Podemos acrescentar que em sua vida pública continuou participando destes eventos: No Templo de Jerusalém: “Estava próxima a Páscoa dos judeus, e Jesus subiu a Jerusalém. Encontrou no templo os negociantes...” (Jo 2,13-14); “Depois disso, houve uma festa dos judeus, e Jesus subiu a Jerusalém” (Jo 5,1); “Aproximava-se a festa dos judeus chamada dos Tabernáculos. Mas quando os seus irmãos tinham subido, então subiu também ele à festa, não em público, mas despercebidamente” (Jo 7,2.10); “Celebrava-se em Jerusalém a festa da Dedicção. Era inverno. Jesus passeava no templo, no pórtico de Salomão” (Jo 10,22-23); nas sinagogas da Galileia: “Dirigiram-se para Cafarnaum. E já no dia de sábado, Jesus entrou na sinagoga e pôs-se a ensinar” (Mc 1,21); “Dirigiu-se a Nazaré, onde se havia criado. Entrou na sinagoga em dia de sábado, segundo o seu costume, e levantou-se para ler” (Lc 4,16); “Estava Jesus ensinando na sinagoga em um sábado” (Lc 13,10); “Tal foi o ensinamento de Jesus na sinagoga de Cafarnaum” (Jo 6,59); e, finalmente, Jesus diz: “Jesus respondeu-lhe: Falei publicamente ao mundo. Ensinei na sinagoga e no templo, onde se reúnem os judeus, e nada falei às ocultas” (Jo 18,20).

b) Em momentos especialíssimos de seu ministério, *antes* de tomar alguma grande decisão ou antes de fazer um grande milagre e ainda antes de um importante discurso ou mesmo de acontecimentos fundamentais em sua vida<sup>25</sup>:

- Batismo: Lucas nos mostra que Jesus estava orando pouco antes de seu batismo “...e estando ele a orar...” (Lc 3,21);
- Tentação no Deserto: Logo após o seu batismo e antes de iniciar sua vida pública sabemos que Jesus foi levado ao deserto pelo Espírito Santo para ser tentado, os evangelhos sinóticos nos atestam (cf. Mt 4,11; Mc 1,12s; Lc 4,1-13). O evangelho de Mateus (cf. Mt 4,2) nos fala, que Jesus jejuou durante quarenta dias e quarenta noites, apesar de não falar expressamente em

---

<sup>25</sup> Falaremos mais profundamente destas passagens no próximo capítulo.

*oração*, sabemos que o jejum era inseparável da oração para o povo judaico, ou seja, Jesus também orou no deserto.

- Eleição dos 12 Apóstolos: Antes da eleição dos doze Jesus passou toda a noite em oração (cf. Lc 6,12);
- Confissão messiânica de Pedro: que foi precedida de oração: “Num dia em que ele estava a orar a sós com os discípulos, perguntou-lhes: Quem dizem que eu sou?” (Lc 9,18);
- Transfiguração: que ocorreu no monte Tabor quando estava em oração (cf. Lc 9,29);
- Ressureição de Lázaro: quando louvava ao Pai pela oportunidade que teria de provar sua missão messiânica (cf. Jo 11,41);
- Oração sacerdotal: que ocorre antes de sua paixão e morte, na qual Jesus reza pela união de seus discípulos na fé, pela santificação deles e para que o Pai os proteja<sup>26</sup>;
- Getsêmani antes de ser preso: Os evangelhos sinóticos nos relatam quando em sua agonia suprema pede ao Pai por sua vida no Horto das Oliveiras (cf. Mt 26,39; Mc 14,35 e Lc 22,41);
- Na Cruz, antes de entregar sua vida por todos: quando reza ao Pai por aqueles que eram contrários à sua missão (cf. Lc 23,34) e ainda quando entrega sua vida nas mãos do Pai (cf. Lc 23,46; Sl 30/31,6).

Vemos assim que as orações de Jesus expressavam o momento em que ele vivia, seu estado de ânimo, o andamento de seu trabalho evangelizador (RUBIO, 2008, p. 87).

c) Quando Jesus exulta de alegria e louva ao Pai por ter revelado o evangelho aos pequeninos:

Naquela mesma hora, Jesus exultou de alegria no Espírito Santo e disse: Pai, Senhor do céu e da terra, eu te dou graças porque escondeste estas coisas aos sábios e inteligentes e as revelaste aos pequeninos. Sim, Pai, bendigo-te porque assim foi do teu agrado (Lc 10,21 e paralelos Mt 11,25ss; 13,16s).

d) Jesus retirava-se várias vezes para orar após grandes milagres:

---

<sup>26</sup> Idem anterior.

- Após a cura de diversos enfermos em Cafarnaum que ocorrera no dia anterior: “De manhã, tendo-se levantado muito antes do amanhecer, ele saiu e foi para um lugar deserto, e ali se pôs em oração” (Mc 1,35);
- Após a cura de um leproso: “Estando ele numa cidade, apareceu um homem cheio de lepra”, “...mas ele costumava retirar-se a lugares solitários para orar” (Lc 5,12.16);
- Após a Multiplicação dos pães: “e despedido que foi o povo, retirou-se ao monte para orar” (Mc 6,46).

Fazia estas orações como se estivesse movido de profunda alegria, querendo ficar sozinho junto ao Pai para render-lhe graças pelo seu poder e bondade, para falar-lhe de seu dia.

e) Quando Jesus pronunciava suas bênçãos sobre os alimentos ou sobre as pessoas:

- Sobre as crianças que lhe foram apresentadas: “Em verdade vos digo: todo o que não receber o Reino de Deus com a mentalidade de uma criança, nele não entrará. Em seguida, ele as abraçou e as abençoou, impondo-lhes as mãos” (Mc 10,15-16);
- Na multiplicação dos pães e dos peixes: “Mandou, então, a multidão assentar-se na relva, tomou os cinco pães e os dois peixes e, elevando os olhos ao céu, abençoou-os” (Mt 14,19);
- O pão e o vinho na última ceia: “Tomou em seguida o pão e depois de ter dado graças, partiu-o e deu-lhe, dizendo: Isto é o meu corpo, que é dado por vós; farei isto em memória de mim. Do mesmo modo tomou também o cálice, depois de cear, dizendo: Este cálice é a Nova Aliança em meu sangue, que é derramado por vós...” (Lc 22,19-20);
- Com os discípulos de Emaús após a sua ressurreição: “Aconteceu que, estando sentado conjuntamente à mesa, ele tomou o pão, abençoou-o, partiu-o e serviu-lhe. Então se lhes abriram os olhos e o reconheceram... mas ele desapareceu” (Lc 24,30-31);
- Finalmente em sua ascensão: “Enquanto os abençoava, separou-se deles e foi arrebatado ao céu” (Lc 24,51).

Acima vemos os momentos das bênçãos e orações pronunciadas por Jesus onde não nos resta dúvida alguma quanto a sua autenticidade, pois são de fontes

incontestáveis, porém podemos inferir com grande margem de acerto que Jesus proferiu outras orações e bênçãos em diversos outros momentos, por exemplo, durante refeições com seus comensais, durante suas viagens pela Galileia e Judeia, durante o atendimento à aquele povo tão sofrido e durante outros momentos não relatados, sempre se comunicando com o Pai, afinal como disse João “Jesus fez ainda muitas outras coisas. Se fossem escritas uma por uma, penso que nem o mundo inteiro poderia conter os livros que se deveriam escrever” (Jo 21,25).



### 3.2.3 Como Jesus orava

#### 3.2.3.1 Postura durante a oração

Qual a postura de Jesus durante suas orações? Será que a sua postura facilitava a oração? Bem, responder a isto não é muito fácil já que, como vimos antes, ele gostava de orar só, porém, temos algumas pistas encontradas na Bíblia onde conseguimos ver como o povo judaico costumava rezar e, em algumas poucas passagens, como o próprio Jesus rezou ou ensinou a rezar.

Os salmos e os profetas nos trazem algumas passagens que nos mostram como o povo judeu rezava. Podemos então observar as seguintes posições: ajoelhado, de pé, mãos erguidas para os céus, olhar dirigido ao céu e ao Templo de Jerusalém e prostrado. Uma passagem que nos fornece várias pistas destas posturas durante as orações aparece no primeiro livro dos Reis quando Salomão, após sua prece e súplica, abençoa seu povo:

Quando Salomão acabou de fazer ao Senhor esta prece e esta súplica, *levantou-se* de diante do altar do Senhor, onde estava *ajoelhado com as mãos levantadas para o céu*. *De pé*, abençoou toda a assembleia de Israel, dizendo em alta voz: Bendito seja o Senhor, que, como havia prometido, deu a paz ao seu povo de Israel! (1Re 8,54, grifo nosso).

Na Dedicção do Templo de Jerusalém feita por Salomão após o traslado da Arca da Aliança:

Com efeito, ele mandara construir uma tribuna de bronze, erguida no meio do átrio, de cinco côvados de comprimento, cinco de largura e três de altura. Nela subiu e, *de joelhos*, voltado para a multidão dos israelitas, *com os braços levantados para o céu*, disse: Senhor, Deus de Israel, não há nem nos céus nem na terra um deus que seja comparável a vós, que seja fiel à sua aliança com seus servos, e cheio de misericórdia para com os que vos servem de todo o coração (2Cr 6,13-14, grifos nosso).

No segundo livro das Crônicas vemos a postura da assembleia ao oferecer sacrifícios a Deus:

Toda a assembleia estava *prostrada*; entoaram o cântico e tocaram as trombetas até findar-se o holocausto. Terminado o sacrifício, o rei e todos os que o cercavam *curvaram os joelhos* e se *prosternaram*. Em seguida, o rei e os chefes ordenaram aos levitas que cantassem um cântico ao Senhor, com as palavras de Davi e de Asaf, o vidente. Cantaram cheios de alegria esse hino; depois, *inclinaram-se em adoração*. (2Cr 29,28-30, grifos nosso).

Quando fizeram uma armadilha para Daniel, ele manteve-se firme em oração: “Ouvindo essa notícia, Daniel entrou em sua casa, a qual tinha no quarto de cima

janelas que davam para o lado de Jerusalém. Três vezes ao dia, *ajoelhado*, como antes, continuou a orar e a louvar a Deus” (Dn 6,10, grifo nosso).

No livro dos Salmos também podemos ver diversas posições que o povo adotava quando dirigia suas orações a Deus, por exemplo, mantendo a esperança no meio de calamidades: “No dia de angústia procuro o Senhor. De noite *minhas mãos se levantam* para ele sem descanso; e, contudo, minha alma recusa toda consolação” (Sl 76/77,3); quando o fiel reza no dia da tribulação elevando seu coração a Deus, embora aqui nos demonstrando mais uma atitude interna do que propriamente externa perante Deus: “consolai o coração de vosso servo, porque é para vós, Senhor, que eu *elevo* minha alma” (Sl 85/86,4); em um salmo invitatório: “Vinde, *inclinemo-nos* em adoração, *de joelhos* diante do Senhor que nos criou” (Sl 94/95,6).

Já no tempo de Jesus e conforme vimos no capítulo 1, os fiéis recitavam a *Amidá* (Oração das 18 bênçãos) em silêncio, em pé, com os pés juntos, voltados na direção do Templo de Jerusalém (*Mizrach* em hebraico significa “nascente”, “leste”, “oriente” – direção das orações para os judeus que vivem no Ocidente). Antes de começar, o devoto caminha três passos atrás e três passos à frente, colocando-se simbolicamente ante a presença de Deus. Ao acabar, ele se retira da presença de Deus repetindo o gesto.

Vejamos agora as passagens que nos falam diretamente sobre a postura de Jesus ou daquelas pessoas que se aproximaram dele.

Quando Jesus saiu a pregar pelas aldeias da Galileia e um leproso lhe apareceu: “Aproximou-se dele um leproso, suplicando-lhe de *joelhos*: ‘Se queres, podes limpar-me’” (Mc 1,40); quando o jovem rico o procura para saber como alcançar a vida eterna: “tendo ele saído para se pôr a caminho, veio alguém correndo e, *dobrando os joelhos* diante dele, suplicou-lhe: ‘Bom Mestre, que farei para alcançara vida eterna?’” (Mc 10,17); quando Jesus abençoou os pães e os peixes antes da multiplicação: “...então Jesus tomou os cinco pães e os dois peixes, *levantou os olhos ao céu*, abençoou-os, partiu-os e deu-os a seus discípulos, para que os servissem ao povo” (Lc 9,16); quando trouxeram as crianças para serem

abençoadas por ele<sup>27</sup> (cf. Lc 18,15); quando Jesus, pouco antes de ser preso, pede ao Pai por sua vida: "...depois se afastou deles à distância de um tiro de pedra e, *ajoelhando-se*, orava: 'Pai, se é de teu agrado, afasta de mim este cálice! Não se faça, todavia, a minha vontade, mas sim a tua'" (Lc 22,41).

Mas temos que notar um fato importante: no tempo de Jesus, apesar das preces, gestos e ritos terem se multiplicado, as orações judaicas haviam perdido seu sentido maior, tornando-se mecanicistas e ritualistas (POTTERIE, 1992, p. 42). Este fato não passou despercebido por Jesus. A períclope do fariseu e do publicano nos ilustra bem esta situação (cf. Lc 18,10-14).

J. Jeremias nos lembra que por mais rica que tenha sido a oração judaica no tempo de Jesus, ela guardava certos perigos. Para o homem piedoso simples, Deus era o rei distante do mundo e a oração para ele era como uma espécie de prestação de homenagem. Isto acabava influenciando diretamente a oração: se na corte se deveria respeitar um cerimonial fixo, da mesma forma ao fazer a oração, o modo fixo deveria ser observado. Também "recomendava-se rezar em comunidade, pois orações comunitárias são ouvidas mais rapidamente", assim as orações são tratadas de modo casuístico, tornam-se uma rotina (JEREMIAS, 1977b, p. 284).

Deste modo, a oração como a do publicano e fariseu cai no contexto da ideia do mérito, não sendo, portanto, escandalosa para as pessoas daquele tempo. Mas Jesus está atento a tudo que lhe cerca, sabe que o gesto e a oração que agradam a Deus não é a do fariseu, mas a do publicano.

Jesus se preocupava com o modo como as pessoas oravam, tanto é assim que orientou seus discípulos ao que fazerem quando rezar:

Quando orardes, não façais como os hipócritas, que gostam de orar de pé nas sinagogas e nas esquinas das ruas, para serem vistos pelos homens. Em verdade eu vos digo: já receberam sua recompensa. Quando oraes, entra no teu quarto, fecha a porta e ora ao teu Pai em segredo; e teu Pai, que vê num lugar oculto, recompensar-te-á. Nas vossas orações, não multipliqueis as palavras, como fazem os pagãos que julgam que serão ouvidos à força de palavras. Não os imiteis, porque vosso Pai sabe o que vos é necessário, antes que vós lho peçais (Mt 6,5-6).

A oração que é feita sem humildade, realizada de modo automático, sem compromisso pessoal, distante da vontade de Deus, arrogante e cheia de

---

<sup>27</sup> Apesar da passagem não falar explicitamente que a bênção foi realizada com a imposição das mãos, sabemos que assim foi feita em função da tradição do povo judeu, exemplo, Gn 48,14.

autocontemplação, deixa o ser humano entregue a si próprio e privado da experiência do dom de amor de Deus (RUBIO, 2008, p. 87).

Jesus alerta para a oração “falsa” em que o maior objetivo não é alcançar o coração de Deus, mas o de ser visto e admirado pelos homens. A Bíblia nos mostra que os discípulos aprenderam bem esta lição: “Pedro então, tendo feito todos sair, pôs-se de joelhos e orou” (At 9,40); e Paulo diz: “Por esta causa dobro os joelhos em presença do Pai” (Ef 3,14), etc.

Para Jesus os gestos representam o que está ocorrendo no coração da pessoa e as atitudes externas servem para representar esses sentimentos, mas não são o mais importante nem o elemento essencial da oração.

### **3.2.3.2 Outras orientações sobre a oração**

#### **3.2.3.2.1 Sobre a brevidade da oração, orações alienantes e opressoras**

Jesus também orientou para que a oração de seus discípulos fosse *breve* e que não fosse opressora. Censura os escribas e mestres da lei: “Tende cuidado com os mestres da lei... Devoram as casas das viúvas e simulam longas orações” (Mc 12,38.40). J. Jeremias acrescenta:

Por detrás das longas orações esconde-se a ideia (aparentada com o *fatigare deos* pagão) de que Deus possa ser manipulado, para que se torne favorável, pelo amontoado de discursos e palavras. Os discípulos de Jesus não precisam disso: o Pai sabe bem do que eles precisam, e, por isso, sua oração pode ser curta. O Pai-Nosso, que em Mateus segue imediatamente à exortação, é uma oração breve, é apresentado por ele como exemplo de oração breve, e de fato se distingue por sua brevidade da maioria das orações da época. A filiação liberta de palavrórios (1977b, p. 294).

Condenou orações alienantes: “Nem todo aquele que me diz: Senhor, Senhor, entrará no Reino dos céus, mas sim aquele que faz a vontade de meu Pai que está nos céus” (Mt 7,21), é crítica porque não é a expressão de uma práxis (SOBRINO, 1979, p. 23).

### 3.2.3.2.2 Sobre qual oração agrada a Deus

Jesus conhecia como ninguém o coração humano e sabia o quanto era fácil, para nós, cairmos nas tentações que o mundo oferece. Uma delas certamente é a soberba, aquela pretensão de superioridade que podemos ter em relação aos outros. Para nossa felicidade Jesus nos deixou esta importante lição que também só é encontrada no evangelho de Lucas. Novamente tomemos o exemplo da oração do fariseu e do publicano:

Jesus lhes disse ainda esta parábola a respeito de alguns que se vangloriavam como se fossem justos, e desprezavam os outros: Subiram dois homens ao templo para orar. Um era fariseu; o outro, publicano. O fariseu, em pé, orava no seu interior desta forma: Graças te dou, ó Deus, que não sou como os demais homens: ladrões, injustos e adúlteros; nem como o publicano que está ali. Jejuo duas vezes na semana e pago o dízimo de todos os meus lucros. O publicano, porém, mantendo-se à distância, não ousava sequer levantar os olhos ao céu, mas batia no peito, dizendo: Ó Deus, tem piedade de mim, que sou pecador! Digo-vos: este voltou para casa justificado, e não o outro. Pois todo o que se exaltar será humilhado, e quem se humilhar será exaltado (Lc 18,9-14).

Jesus dirigiu claramente esta parábola a “alguns que se vangloriavam como se fossem justos, e desprezavam os outros” (v. 9). Deu o exemplo citando um fariseu, mas é bem provável que, neste caso, não necessariamente a parábola fosse dirigida só a eles, mas a todos seus seguidores. O judaísmo do tempo de Jesus havia introduzido normas e preceitos para tudo e havia aqueles que os cumpriam à risca. Por cumpri-los desta forma julgavam-se no direito de cobrarem o mesmo dos outros e ao mesmo tempo fazerem uma oração a Deus do tipo “prestação de contas”: Faço isto e aquilo e não sou como aquele. Eram rápidos em apontar suas “virtudes” e os “defeitos” dos outros<sup>28</sup>.

Jesus conhecia bem este tipo de gente que desvirtuava o verdadeiro sentido da religião judaica e da oração que agradava a Deus. Não poderia e não ficou impassível diante de tal situação:

Desmascara essa atitude e abertamente declara justificado o homem que diante de Deus se sente absolutamente indigente, necessitado do amor e da compaixão divinos. O outro não consegue essa justificação, não porque Deus lhe negue, mas porque acredita que não precisa dela e, portanto, não a pede (Bíblia Ave Maria – Edição de Estudos, 2009, p. 194).

---

<sup>28</sup> Santo Agostinho explica que o fariseu nem sequer reza: “Procura nas suas palavras o que ele pediu. Não encontras nada! Foi para rezar, mas não rezou a Deus; só louvou a si próprio! Mais ainda: não lhe bastou não rezar, não lhe bastou louvar a si próprio e ainda insultou aquele que rezava de verdade!” (Fonte exata não localizada).

O fariseu pensa já estar salvo devido ao seu próprio esforço, enquanto que o publicano sequer ousa erguer os olhos para Deus, reconhecendo-se pecador diante d'Ele e sabe que precisa de sua misericórdia. Apoiar-se em Deus e não em suas próprias obras<sup>29</sup>.

Jesus nos mostra que Deus é Pai de misericórdia:

Justificando o pecador sem condições, Deus adota um comportamento diametralmente oposto daquele que o fariseu atribuía. Deus acolhe com a sua graça o pecador. Essa parábola, como muitas outras no Evangelho de Lucas, proclama a misericórdia como lei fundamental da ação de Deus. O comentário que Jesus faz da parábola nos diz que o publicano se reconciliou com Deus (o original grego diz literalmente que *voltou para casa justificado*, o que nos conduz ao pensamento paulino da justificação/salvação pela graça e não pelas obras). O fariseu, que fez mais do que a lei exigia, procurou somente a sua auto justificação por meio das obras. Na realidade, ele não espera nada de Deus, não tem nada que pedir-lhe, somente faz ostentação de seu crédito diante de Deus e de seu desprezo pelos demais (GARCÍA-VIANA, 2006, p. 234).

Jesus faz o alerta para a necessidade da humildade, especialmente para aqueles que estão muito seguros de si. O que importa não é buscar a “justiça” por suas próprias mãos, mas mudar de atitude e se converter de acordo com os critérios do evangelho.

Finalizando este subitem cabe mostrar a opinião de J. Sobrino sobre estas passagens:

Todas estas citações mostram como Jesus - ou, mais exatamente, as primeiras comunidades que refletiam sobre a oração baseadas nas lembranças de Jesus - está consciente das diversas formas de se viciar a oração: narcisismo espiritual, vaidade e hipocrisia, palavrório, instrumentalização alienante e opressora, etc. Jesus não era, portanto, ingênuo com respeito à oração. Sabia que tudo o que as pessoas fazem está também sujeito à pecaminosidade, inclusive a oração. Por isso denuncia o deterioramento da oração, que no fundo a oração não seja um pôr-se diante de Deus sem deixar que Deus se ponha diante de alguém. No entanto, mesmo com todos estes perigos, Jesus insiste na oração e ele mesmo ora. E é importante acentuar por que: na oração se expressa num momento denso a experiência de sentido último e isso - seja qual for a forma que ela toma - é insubstituível e não intercambiável na experiência humana (1994, p. 208).

---

<sup>29</sup> Santo Agostinho diz que “o remorso o afastava, mas a piedade o aproximava; o remorso o rebaixava; mas a esperança o elevava” (fonte exata não localizada).

## 4 A oração de Jesus – Aspectos internos

### 4.1 A originalidade da oração de Jesus

No primeiro capítulo vimos os aspectos históricos que cercavam a oração de Jesus, o contexto religioso em que ele vivia. Já no segundo capítulo tivemos a oportunidade de ver *onde, quando e como* Jesus orava, o que chamamos de *Aspectos Externos* de sua oração. Agora, neste capítulo, veremos os *porquês* de sua oração, talvez os aspectos mais importantes quando falamos das mesmas. Se aqueles eram aspectos periféricos, estes são aspectos centrais de sua oração.

Para o desenvolvimento deste capítulo separaremos as orações de Jesus em dois grandes blocos: as orações nos evangelhos sinóticos e as orações no evangelho de São João. Entretanto, para maior clareza de raciocínio, poderemos fazer uma ou outra citação dos evangelhos de um bloco no outro. Além disto, sempre que possível, seguiremos a cronologia da vida pública de Jesus<sup>30</sup>.

Também é relevante dizer que ao analisarmos determinado texto bíblico nossa principal perspectiva será evidenciar os aspectos relacionados mais diretamente à oração de Jesus, embora possamos mencionar outros aspectos teológicos que nos ajudem a compreender melhor o objeto de nosso estudo. Temos consciência que os desdobramentos teológicos de cada passagem podem ser vastíssimos e, obviamente, não temos a intenção, nem é escopo deste trabalho, tematizá-los todos.

Antes de entrarmos propriamente na análise das orações de Jesus, vejamos um tema importante para ele: o seu *Abbá*.

Atualmente não resta dúvida de que Jesus tenha anunciado a vinda do Reino de Deus desde o início de sua vida pública (cf. Lc 4,18-19). Este aspecto é importante porque tem relação com a consciência que Jesus teve de sua missão (ver item seguinte). O que gostaríamos de demonstrar agora, é a novidade introduzida por Jesus no seu relacionamento com Deus em relação a todas as outras pessoas. Para Jesus, Deus não era apenas Deus, como para todos os profetas e judeus de até então, mas o seu Pai: *Abbá*.

---

<sup>30</sup> Apesar de termos consciência de que os evangelhos não são um registro biográfico nem fotográfico dos fatos ocorridos com Jesus.



O teólogo J. Jeremias demonstra em suas obras<sup>31</sup> o que significou para Jesus este relacionamento. De um modo um tanto quanto reduzido<sup>32</sup> podemos dizer que em todo o Antigo Testamento Deus é chamado de *pai* apenas 14 vezes, porém em nenhuma delas com o mesmo sentido que Jesus o chama e o sente – *Abbá* – e sim como *abbi* e *abbinu atta* (meu Pai ou nosso Pai) ou ainda como *abbinu, malkenu* (nosso Pai, nosso Rei). No Antigo Testamento Deus é o criador, é um Deus onde “a paternidade divina é esse ‘saber’ da incompreensível misericórdia de Deus e de seu perdão” (JEREMIAS, 1977a, p. 15-16) por um povo que constantemente cai em pecado rompendo a sua aliança com Deus, se arrependendo logo depois.

No judaísmo antigo se vê uma grande variedade do modo de se dirigir a Deus. Já na “oração” (*Tephilla*, mais tarde chamada de Oração das 18 bênçãos: vide primeiro capítulo), cada bênção termina com uma nova interpelação a Deus, por exemplo: No final da primeira bênção<sup>33</sup> conclui-se assim: “Louvado sejas, Javé, escudo de Abraão”. É possível ver Deus sendo chamado de *abbi atta* (tu és meu pai), mas trata-se de sentenças afirmativas e não da invocação de Deus como sendo Pai. Mais uma vez não se vê a invocação de Deus como Pai (JEREMIAS, 1977b, p. 102). Assim, J. Jeremias sentencia:

Pode-se dizer com segurança que em toda a vasta literatura do judaísmo antigo não se encontra em parte alguma um testemunho para a invocação de Deus como *Abbá*, nem em orações litúrgicas nem em privadas (1977b, p. 105).

E aqui temos a grande novidade: se de um lado, no judaísmo antigo, não vemos Deus sendo chamado de *pai* em nenhuma parte, por outro, Jesus *sempre* o invocou assim em suas orações<sup>34</sup>, com uma única exceção que é quando está na cruz e diz “*Eli, Eli, lammá sabactáni?*” (Meu Deus, meu Deus, porque me abandonaste?), mas que se justifica porque cita o Salmo 22/21,1. A novidade e originalidade da invocação de Deus como *Abbá* (meu Pai) nas orações de Jesus evidencia o grau da relação entre ele e Deus, revelando assim o próprio fundamento de sua comunhão com ele. Este *Abbá* é uma *ipsissima vox Jesu* (JEREMIAS, 1977a, p. 108; 1977b, p. 25).

---

<sup>31</sup> A mensagem central do Novo Testamento (1977a) e Teologia do Novo Testamento (1977b)

<sup>32</sup> Para aprofundamento do tema *Abbá* ver as obras citadas na nota 31 acima: a) páginas 11-35 e; b) páginas 100-109.

<sup>33</sup> Em sua forma mais antiga.

<sup>34</sup> Nos evangelhos vemos Jesus chamando Deus de Pai 60 vezes (JEREMIAS, 1977a, p. 26)



Outro autor que nos mostra Jesus se referindo a Deus como *Abbá* é Schilleebeckx:

Quando Jesus falava sobre Deus como salvação para o ser humano, isso brotava diretamente de sua experiência pessoal da realidade de Deus, a quem ele chamava de “*Abbá*” (noção proveniente da vida familiar da época), e o fazia de tal forma que no seu tempo chamava a atenção (2008, p.658).

## 4.2 Alguns problemas prévios sobre a oração de Jesus

Antes de analisarmos os locais, os momentos e a forma como Jesus orava, vamos tratar de alguns assuntos que geram dúvidas sobre alguns aspectos da vida de Jesus: a sua consciência de ser Filho de Deus e de sua missão, se ele podia rezar e sobre como ele compreendia o pecado em relação à oração.

### 4.2.1 Jesus tinha consciência de ser Filho de Deus? Tinha consciência de sua missão?

A resposta à estas questões nos parece de fundamental importância, pois seria impensável crer que este fato não influenciou a oração e a missão de Jesus.

Na Bíblia vemos algumas passagens que podem nos ajudar a responder esta questão, sobre como Jesus pode ter tido a consciência de sua filiação divina. Logo após a apresentação de Jesus no templo, o evangelista Lucas nos lembra que: “O menino ia crescendo e se fortificava: estava cheio de sabedoria, e a graça de Deus repousava nele” (Lc 2,40). Mais tarde, quando Jesus completou doze anos, o mesmo evangelista nos relata que Jesus ficou em Jerusalém, no templo, ao final de uma festa, sendo que seus pais somente o acharam três dias depois. Ao ser questionado sobre o porquê daquela situação, respondeu enigmaticamente: “não sabeis que devo ocupar-me das coisas de meu Pai?” e vemos, mais uma vez, o relato do evangelista que “Jesus crescia em estatura, em sabedoria e graça, diante de Deus e dos homens” (cf. Lc 2,41-52). Ora, isto são indícios irrefutáveis de que a graça de Deus estava sobre Jesus. Isto nos mostra que, de algum modo, Jesus sentia, intuía que Deus era seu Pai. Mas Jesus ainda teve outros momentos onde, em sua vida pública, Deus se manifestou diretamente a ele e, em alguns casos,

também para outras pessoas (teofanias). É o que vemos, por exemplo, em seu batismo “Eis meu Filho muito amado em quem ponho minha afeição” (Mt 3,17 e paralelos); na Transfiguração quando Deus ordena a Pedro, Tiago e João: “Este é o meu Filho muito amado; ouvi-o!” (Lc 9,35 e paralelos). Também em manifestação indireta, por exemplo, na crise galilaica, quando Jesus, ao perguntar aos seus discípulos quem dizem os homens que ele era, Pedro responde: “Tu és o Cristo, o Filho de Deus vivo!” Mt 16,16).

Estas passagens, tomadas no seu conjunto, nos mostram que Jesus tinha consciência de ser o Filho de Deus, ainda que esta consciência tenha sido desenvolvida ao longo de sua vida.

Edward Schillebeeckx também nos fala sobre esta experiência de Deus que Jesus teve e que permitiu que ele tivesse a consciência de ser o Filho:

Qual foi a origem dessa experiência? Toda experiência pessoal humana, por mais original que seja, encontra-se também dentro de uma tradição de experiência social; nunca é um haurir unicamente de uma plenitude interna, sem mediações. A autoconsciência humana de Jesus foi, como o é para qualquer ser humano, uma consciência dentro do mundo concreto em que ele vivia: um ambiente de piedade judaica, alimentada pela sinagoga, dentro de uma família em que o pai tinha a incumbência de iniciar os meninos na Lei, revelação de Deus. A experiência do Deus criador, Senhor da história, foi alimentada em Jesus também pela tradição em que se encontrava; sentia-se a mão do Deus vivente na natureza e no mundo dos homens (2008, p. 663-664).

É importante estas informações de Schillebeeckx (2008, p.672) para que fique claro que esta consciência de Jesus não ocorreu como em um “passe de mágica” ou “instantaneamente”, mas foi um processo que se desenvolveu durante a sua vida. Isto só foi possível porque Jesus “voltou-se” para Deus, mas este “voltar-se para” Deus, seu Abbá, só foi possível porque o movimento primeiro foi justamente de Deus:

Na humanidade de Jesus mostra-se para nós o verdadeiro rosto de Deus. Se diz que o “voltar-se para o Pai”, exclusivo de Jesus, foi precedido, em prioridade absoluta, pelo voltar-se do Pai para Jesus, e que essa auto comunicação do Pai se chama exatamente “a Palavra” (o Verbo), na antiga tradição cristã. Portanto, mais profunda que a experiência de Jesus com o “Abbá”, é a Palavra de Deus, auto comunicação do Pai.

Já Stuhlmüller (1975, p. 141), falando sobre o “a oração de louvor ao Pai” em Lc, 10,21, comenta que “esta passagem nos evangelhos sinóticos é *testemunho importante da clara consciência que Jesus tem de sua filiação divina*”<sup>35</sup> (grifo nosso).

Mas vamos além. Para melhor podermos responder à estas perguntas recorreremos, também, à Comissão Teológica Internacional<sup>36</sup> (CTI), que está a serviço da Santa Sé, especialmente da Congregação para Doutrina da Fé, no que se refere à questões doutrinárias mais importantes e de grande abrangência, uma vez que estas respostas não são apenas importantes para o aspecto da oração e missão de Jesus, mas sim para tudo que daí resulta, conseqüentemente, para a vida da Igreja.

Com isto em mente consultamos o seu documento intitulado *La conciencia que Jesús tenía de sí mismo y de su misión* que nos ajudará a responder estes itens.

Em relação à estas duas perguntas “Jesus tinha consciência de ser Filho de Deus? Tinha consciência de sua missão?”, temos algumas proposições importantes da Comissão:

Primeira proposição:

A vida de Jesus testifica a consciência de sua relação filial ao Pai. Seu comportamento e suas palavras, que são as do “servidor” perfeito, implicam uma autoridade que supera a dos antigos profetas e que corresponde só a Deus. Jesus tomava esta autoridade incomparável de sua relação singular a Deus, a quem ele chama “meu Pai”. Tinha consciência de ser o Filho único de Deus e, neste sentido, de ser, ele mesmo, Deus (tradução nossa).

Um dos dados mais seguros da investigação histórica sobre Jesus é que ele chamou Deus de “Pai”. Jesus não apenas chamou Deus de Pai mas, dirigindo-se a ele em suas orações, o chamou de *Abbá* (Mc 14,36; Rm 8,15; Gl 4,6). Era algo novo. Chamar Deus de “Pai” implica conseqüentemente a consciência que Jesus tinha de sua autoridade divina e de sua missão. No evangelho de São Mateus lemos: “Todas as coisas me foram dadas por meu Pai; ninguém conhece o Filho, senão o Pai, e ninguém conhece o Pai, senão o Filho e aquele a quem o Filho quiser revelá-lo” (11,27). A propósito disto a Comissão escreve:

---

<sup>35</sup> Falaremos adiante, item 4.3.7, sobre a oração de louvor ao Pai em Lc 10,21s.

<sup>36</sup> A Comissão Teológica Internacional foi criada em 1985 pelo papa Paulo VI a pedido do sínodo dos bispos de 1967. Está a serviço da Santa Sé e, especialmente da Congregação para Doutrina da Fé no que se refere à questões doutrinárias mais importantes, de grande abrangência. Apesar de ser regida por estatuto próprio, o presidente da comissão é o Cardeal Prefeito da Congregação para Doutrina da Fé. Os resultados dos trabalhos desta comissão são entregues diretamente ao Santo Padre e depois divulgados pela comissão. Para mais informações consultar: [http://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/cfaith/cti\\_documents/rc\\_cti\\_1969\\_finalita-metodi-commissione\\_sp.html](http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/cti_documents/rc_cti_1969_finalita-metodi-commissione_sp.html)

Não sem razão se encontra neste contexto o término “revelar” (Mt 11,27 par.; cf. Mt 16,17). Consciente de ser aquele que conhece a Deus perfeitamente, Jesus sabe, portanto, que é, ao mesmo tempo, o mensageiro da revelação definitiva de Deus aos homens. É e tem consciência de ser “o” Filho (cf. Mc 12,6; 13,32; tradução nossa).

Ora, em função desta consciência Jesus fala e atua com uma autoridade que corresponde somente a Deus, que supera muito a autoridade dos antigos profetas e reis (cf. Mt 12,41s). Não há outro mestre maior que ele (cf. Mt 23,8) sendo que tudo passará, menos a sua palavra (cf. Mc 13,31).

O que os evangelhos sinóticos mostram “implicitamente”, o evangelho de São João mostra “explicitamente”. Quando o evangelista João nos fala sobre os que duvidavam de Jesus, vemos Jesus dizendo: “...mas se as faço, e se não quiserdes crer em mim, crede nas minhas obras, para que saibais e reconheçais que o Pai está em mim e eu no Pai” (Jo 10,38) e ainda: “Eu e o Pai somos um” (Jo 10,30). Neste sentido a CTI nos lembra que “o ‘Eu’ que se fala aqui e que legisla soberanamente, tem a mesma dignidade que o ‘Eu’ em *Yahveh*: ‘Eu sou aquele que sou...’” (Ex 3,14)<sup>37</sup>.

A outra proposição da Comissão Teológica Internacional diz:

Jesus conhecia a finalidade de sua missão: anunciar o Reino de Deus e fazê-lo presente em sua pessoa, seus atos e suas palavras, para que o mundo fosse reconciliado com Deus e renovado. Aceitou livremente a vontade do Pai: dar sua vida para a salvação de todos os homens; Sabia que fora enviado pelo Pai para servir e para dar sua vida “por muitos” (Mc 14,24; tradução nossa).

Toda a tradição apostólica baseia sua posição sobre o fato de que Jesus sabia que era o Filho, o Enviado do Pai. Sem tal consciência de Jesus, não apenas a cristologia, mas também a soteriologia careceria de fundamento.

A consciência que Jesus tem de sua relação filial ímpar com o Pai é o fundamento de sua missão. Ademais, também é possível inferir no sentido inverso de que sua missão é fruto de sua consciência. De acordo com os evangelhos sinóticos Jesus sabia que era o enviado para anunciar a Boa Nova do Reino de Deus: “Mas ele disse-lhes: É necessário que eu anuncie a boa nova do Reino de Deus também às outras cidades, pois essa é a minha missão” (Lc 4,43) e “Jesus

---

<sup>37</sup> “O conhecido ‘Eu sou’ (o nome divino: *Yahveh*) de Ex 3,14 é aplicado no quarto evangelho a Jesus Cristo (cf. Jo 8,24; 8,28; 8,58; 13,19...). ‘Eu sou’ tem aqui um significado diretamente divino. É outra maneira de confessar a condição divina de Jesus Cristo” (RUBIO, 2008, p. 154).

respondeu-lhes: Não fui enviado senão às ovelhas perdidas da casa de Israel” (Mt 15,24). É por isto que saiu a cumprir sua missão (cf. Mc 1,38) e resgatar os enfermos e pecadores: “Ouvindo-os, Jesus replicou: ‘Os sãos não precisam de médico, mas os enfermos; não vim chamar os justos, mas os pecadores’” (Mc 2,17). Mais ainda, Jesus sabe que veio não para ser servido, mas para servir e dar sua vida pelo resgate de muitos (cf. Mc 10,45). Esta vinda *não pode* ter outra origem que não Deus. Tanto é assim que o evangelho se São João diz claramente: “Vim em nome de meu Pai” (Jo 5,43). A missão de Jesus não é algo que se lhe imponha exteriormente, mas é de tal modo “impressa” em seu ser que se confunde com ele mesmo: “Assim como o Pai que me enviou vive, e eu vivo pelo Pai...” (Jo 6,57); é seu alimento: “Disse-lhes Jesus: Meu alimento é fazer a vontade daquele que me enviou e cumprir a sua obra” (Jo 1,34); sua vontade é a vontade do Pai: “não busco a minha vontade, mas a vontade daquele que me enviou...” (Jo 5,30); porque quer fazer a vontade daquele que o enviou: “Pois desci do céu não para fazer a minha vontade, mas a vontade daquele que me enviou” (Jo 6,38); suas palavras são as palavras do Pai: “Com efeito, aquele que Deus enviou fala a linguagem de Deus...” (Jo 3,34) e “Em verdade, não falei por mim mesmo, mas o Pai, que me enviou, ele mesmo me prescreveu o que devo dizer e o que devo ensinar” (Jo 12,49); suas obras são as obras do Pai: “Enquanto for dia, cumpre-me terminar as obras daquele que me enviou...” (Jo 9,4); não podendo concluir outro raciocínio que não o expresso por Jesus: “...aquele que me viu, viu também o Pai” (Jo 14,9).

Ainda em relação a este assunto também poderíamos nos questionar sobre qual seria o *nível* de consciência de Jesus sobre sua missão e relação com o Pai, e como isto ocorreu ao longo de sua vida. Segundo o teólogo espanhol, Alfonso Garcia Rubio, quem melhor aprofundou essa questão foi o teólogo alemão Karl Rahner (RUBIO, 2008). Para Rahner, as pessoas possuem diferentes graus de consciência de si mesmas, podendo se distinguir em consciência *atemática* e consciência *temática*.

Rubio explica, de modo simplificado, a diferença entre as duas:

O nível da consciência atemática está presente na pessoa quando, em sua atividade, em seu amor, no sofrimento, na oração, no diálogo, etc. ela percebe espontaneamente que atua, ama, ora, etc. mas esta percepção não é reflexiva. A consciência não está ainda tematizada, não é objeto de reflexão. Naturalmente, o despertar da consciência da criança ocorre primeiro de maneira atemática. Aos poucos, tornar-se-á uma consciência

temática, objeto de reflexão e de comunicação com os outros (2008, p. 176).

Outro elemento apontado por K. Rahner é que mesmo quando a pessoa chega a um bom nível de autorreflexão em relação a si própria, “não há uma total coincidência entre a disposição fundamental da consciência e a autorreflexão sobre ela” (apud RUBIO, 2008, p. 177). Ou seja, uma coisa é aquilo que somos no mais profundo de nós mesmos e, outra, é a nossa capacidade de refletir e comunicar aos outros *quem* nós realmente somos.

Aplicando estes elementos à questão da consciência da missão e da filiação de Jesus e considerando que Jesus foi totalmente humano, portanto, tem em si as características de todos nós seres humanos, chega-se à conclusão de que Jesus tinha mesmo esta consciência, mas que ela foi crescendo de maneira *progressiva* ao longo de sua vida, não aconteceu repentinamente.

Outro teólogo que aborda a questão da consciência de Jesus sobre sua missão e filiação divina, de um modo um pouco diferente, é Joachim Jeremias. Segundo Jeremias (1977b, capítulo 6), a vocação de Jesus surgiu provavelmente por ocasião de seu batismo<sup>38</sup>. A partir deste momento Jesus fora encarregado de fazer as outras pessoas participarem do conhecimento de Deus que lhe fora concedido. Segundo Jeremias, a consciência que Jesus tinha de sua plenipotência transcendia a categoria de simples profeta, pois é impossível situar na categoria profética a consciência que nele se manifesta nos seguintes fatos:

- a) Jesus anunciou que com a sua vinda iniciara-se o tempo da salvação e sua vitória contra Satanás;
- b) Jesus definiu que a posição a favor ou contra Deus e a salvação no juízo final estava diretamente ligada à aceitação e obediência à sua palavra;
- c) Designou o seguimento na qualidade de discipulado como a verdadeira vida, contrapôs à Torá um novo direito divino, e, por meio de seus enviados, fez proclamar a irrupção do tempo salvífico;

Assim, considerando todas estas constatações, deduz-se que Jesus teve a consciência de ser o portador da salvação (1977b, p. 380).

Jeremias também argumenta que supor a consciência de Jesus apenas pelos títulos messiânicos que ele recebeu (Filho do Homem; O Messias (O Cristo); O

---

<sup>38</sup> Falaremos no capítulo 3 sobre a oração de Jesus durante o batismo, item 4.3.1.

Senhor; A Palavra; O Filho de Deus; etc.) poderia ser um mal-entendido já que estes podem ter sido introduzidos secundariamente, sendo argumento de maior peso a linguagem *simbólica* do *portador da salvação* que, além de tudo, apresenta um tom escatológico, por exemplo:

- Quando Jesus se designa como o enviado de Deus que chama para o banquete festivo e para ser o médico dos enfermos:

Ouvindo-os, Jesus replicou: Os sãos não precisam de médico, mas os enfermos; não vim chamar os justos, mas os pecadores (Mc 2,17).

- Como sendo o pastor de suas ovelhas:

Jesus tornou a dizer-lhes: Em verdade, em verdade vos digo: eu sou a porta das ovelhas (Jo 10,1-10 especialmente v.7).

- Quando se define como o arquiteto do templo de Deus:

E eu te declaro: tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja; as portas do inferno não prevalecerão contra ela (Mt 16,18) e ouvimo-lo dizer: Eu destruirei este templo, feito por mãos de homens, e em três dias edificarei outro, que não será feito por mãos de homens (Mc 14,58).

- Como o pai de família que reúne à mesa a família de Deus:

Eu, pois, disponho do Reino a vosso favor, assim como meu Pai o dispôs a meu favor, para que comais e bebais à minha mesa no meu Reino e vos senteis em tronos, para julgar as doze tribos de Israel (Lc 22,29-30).

Assim, J. Jeremias observa que a Igreja das origens substituiu as imagens por títulos, criando a regra de que “ao passo que os títulos cristológicos nos evangelhos são todos, com uma exceção, pós-pascais, as imagens mencionadas são, muito provavelmente, pré-pascais” (JEREMIAS, 1997b, p. 380).

Um outro dado que demonstra a soberania de Jesus, tanto nos evangelhos sinóticos como no evangelho de João, aparece nas antíteses onde é o próprio Jesus quem fala. Segundo Jeremias esta afirmação deve ser dada como certa, pelo menos no esquema *ekoúsate hóti erréthe – egò dê légo hymîn*, traduzindo: “ouvistes o que foi dito – eu, porém, vos digo”, uma vez que este modo de se expressar não tem paralelo nem no judaísmo nem no cristianismo primitivo (1997b, p. 381), assegurando assim, mais uma vez, que quem fala deste modo só pode ser Deus, donde se conclui, mais uma vez, que Jesus tinha consciência de seu ministério.



Contudo, para finalizar este item, gostaríamos de falar algo sobre a fé que Jesus teve em Deus, pois esta nos parece ser o nível máximo da consciência que teve de sua missão. Esta fé se manifestou de várias formas como podemos observar nos evangelhos: na plena confiança que Jesus sentia por Deus, em sua obediência irrestrita ao Pai, em sua confiança na providência divina, em sua entrega nas mãos do Pai, etc. Hans Kessler assim se expressa sobre este assunto:

Hebreus 11 insere Jesus na série dos grandes crentes da história de Israel: ele deve ter crescido desde criança naquela relação pessoal e confiante de “fé” que compreende a pessoa inteira e representa o único relacionamento adequado com Deus (Is 7,9; 15,6). Mas ele integra essa fé a partir de sua raiz e a leva à plenitude. Por isso ele é, de acordo com Hb 12,2, o “autor e consumidor da fé”. Portanto, Jesus realmente creu. Jesus é aquele que crê autenticamente. Ele se envolveu inteiramente na aventura da confiança em Deus, vive a fé sem falar dela o tempo todo e está absorvido em despertar fé nos outros. Dá aos que o seguem parte em sua relação íntima com Deus (Lc 11,2; cf. Gl 4,6; Rm 8,15), os inclui em sua fé e seu relacionamento filial com o Pai. (KESSLER, 2008, p. 252).

Em poucas palavras: a consciência que Jesus tem de si mesmo coincide com a consciência que tem de sua missão, mas esta consciência passa de modo especial, pelo dado da fé.

#### **4.2.2 Se Jesus era Deus então por que ele orava?**

Esta é uma questão interessante e que gostaríamos de esclarecer, pois a pergunta parece ser lógica já que Jesus, sendo a segunda pessoa da Santíssima Trindade, tem os mesmos atributos de Deus. Ora, sendo assim, faz sentido esta pergunta? Também poderíamos reformulá-la para: Jesus necessitava orar sendo o Filho de Deus?

Ao longo de dois milênios de cristianismo esta questão foi tratada em diversos momentos, instigando teólogos desde a patrística até grandes concílios. Já nos primeiros séculos do cristianismo tivemos controvérsias a respeito deste assunto. Então, para que a Igreja se posicionasse contra algumas heresias, houve o Concílio de Éfeso (3º ecumênico) em 431 que definiu: “Confessamos, portanto, nosso Senhor Jesus Cristo, Filho unigênito de Deus, perfeito Deus e perfeito homem...” (DH 272), confirmado e desenvolvido no 4º Concílio Ecumênico em Calcedônia, no ano de 451.

Ora, uma vez aceito o dogma cristológico da união hipostática de Jesus, verdadeiro Deus e verdadeiro homem, se poderia dizer que Jesus poderia orar?



Orar pressupõe que há um grande distanciamento entre aquele que pede (criatura) e aquele que atende, Deus (criador). Quem pede se reconhece limitado diante de algumas situações da vida e, por que não dizer, sente-se, muitas vezes, pecador.

Conforme nos informa Potterie (1992, p. 49), de certo modo esta foi uma objeção do teólogo R. Bultmann que em seu comentário à Oração Sacerdotal no evangelho de São João (Jo 17), diz: “Jesus é o perfeito gnóstico. Vive acima, no pleroma, no mundo celeste da perfeição de Deus. Orar, pedir algo para Deus, não tem nenhum sentido para ele” e conclui: “Se é assim, Jesus realmente não podia orar” (apud POTTERIE, p. 49). O problema aqui está em comparar Jesus a um gnóstico. Neste sentido temos outra contestação de um de seus discípulos, trata-se de E. Käsemann, que considerava Jesus como “um resplendor proveniente do céu”, um “Deus que caminha pela terra”. Porém, o teólogo jesuíta Potterie corrige esta afirmação asseverando que “nós não recebemos apenas um resplendor de sua glória, mas temos contemplado a glória em sua carne: ‘O verbo se fez carne e habitou entre nós’” (Jo 1,14). Como podemos notar, uma das características da escola bultmaniana foi justamente a de eliminar o elemento humano em Jesus (POTTERIE, 1992, p. 49-50).

Ao longo dos tempos, esta questão volta à tona. Procurando esclarecer um pouco mais o assunto apresentamos a posição de Rubio (2008, p. 172) que nos lembra que é preciso, primeiramente, tomarmos consciência da deformação que temos de nossa perspectiva de pecadores. Será que o pecado é realmente inerente ao ser humano? Rubio esclarece:

Se não fosse por Jesus Cristo, continuaríamos pensando que o pecado faz parte do ser humano, como uma de suas características básicas. Só quando acompanhamos Jesus em sua vida, quando percebemos seu comportamento e atitudes, suas opções, sua riqueza afetiva e intelectual, sua profunda experiência de Deus, seu amor-serviço concreto e sua surpreendente solidariedade, só então começamos a reconhecer que Jesus Cristo é mais humano, precisamente porque não é pecador (2008, p. 173).

Consideramos também a resposta de Santo Tomás de Aquino muito importante para esta questão. Para Santo Tomás a maior parte das orações de Jesus nos evangelhos são orações de petição, e não somente orações de ação de graças ou de louvor. Reconhecer que Jesus podia e tinha que orar é *reconhecer a sua natureza e vontade humana*. Para nossa sorte Santo Tomás fez justamente esta pergunta: “Jesus podia orar?” e, seguindo a estrutura da Suma Teológica, ele

responde, como de costume, primeiro apresentando algumas objeções para depois respondê-las (Santo Tomás, ST, III, 21, I, ob.3).

Nas objeções parte da definição de oração pelo padre da Igreja grega, São João Damasceno: “A oração é a elevação da inteligência a Deus (...) e petição dirigida a Deus de coisas convenientes”. Cristo pode realizar por si mesmo todas as coisas então não parece que lhe corresponda pedir algo a outra pessoa. Se está unido a Deus, não apenas pela união hipostática, mas por gozar da beatitude, sua mente não tem necessidade de elevar-se a Deus. Por isto, Cristo não podia orar.

A resposta de Santo Tomás a esta objeção é simples. Primeiro mostra que os evangelhos atestam, sem sombra de dúvidas, que Jesus orou. Por exemplo: “Naqueles dias, Jesus retirou-se a uma montanha para rezar, e passou aí toda a noite orando a Deus” (Lc 6,12). Daqui já se depreende que Jesus podia orar. Após este argumento, Santo Tomás nos fornece um outro argumento teológico e filosófico: demonstra que para Jesus era possível e conveniente orar: “Em Jesus há duas vontades – a divina e a humana – e a vontade humana não é capaz de fazer por si só o que quer, sem o recurso ao poder divino; *por isto, Cristo, como homem com vontade humana, podia orar*” (Santo Tomás, ST, III, 21, I, resp., grifo nosso).

Como falamos antes, esta questão perpassou dois milênios. A Igreja nunca se cansou de deixar tal questão cada vez mais clara, não só pela questão da oração, mas por se tratar de uma questão crucial para sua própria existência. Deste modo, podemos ver manifestações em torno deste assunto em outros momentos como, por exemplo, no Concílio Vaticano II, na Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* (GS), em seu número 22, vemos que Jesus: “Trabalhou com mãos humanas, pensou com uma inteligência humana, agiu com uma vontade humana...”.

Posteriormente, com a edição do Catecismo da Igreja Católica (CIC), em 1997, vemos ainda mais esclarecimentos acerca desse assunto como, por exemplo, o que trata do tema de Jesus como verdadeiro Deus e verdadeiro homem:

O acontecimento único e totalmente singular da Encarnação do Filho de Deus não significa que Jesus Cristo seja em parte Deus e em parte homem, nem que ele seja o resultado da mescla confusa entre o divino e o humano. Ele se fez verdadeiramente homem permanecendo verdadeiro Deus. Jesus Cristo é verdadeiro Deus e verdadeiro homem. A Igreja teve de defender e clarificar esta verdade de fé no decurso dos primeiros séculos, diante das heresias que a falsificavam (CIC 464).

O CIC (citando a GS 22,2) esclarece ainda de que maneira o Filho de Deus é homem:

Uma vez que na união misteriosa da Encarnação "a natureza humana foi assumida, não aniquilada", a Igreja tem sido levada, ao longo dos séculos, a confessar a plena realidade da alma humana, com suas operações de inteligência e vontade, e a do corpo humano de Cristo.

[O Filho de Deus] trabalhou com mãos humanas, pensou com inteligência humana, agiu com vontade humana, amou com coração humano. Nascido da Virgem Maria, tornou-se verdadeiramente um de nós, semelhante a nós em tudo, exceto no pecado (CIC 470).

#### Fala ainda sobre a vontade humana de Cristo:

Paralelamente, a Igreja confessou no VI Concílio Ecumênico que Cristo possui duas vontades e duas operações naturais, divinas e humanas, não opostas, mas cooperantes, de sorte que o Verbo feito carne quis humanamente na obediência a seu Pai tudo o que decidiu divinamente com o Pai e o Espírito Santo por nossa salvação. A vontade humana de Cristo segue a sua vontade divina sem estar em resistência nem em oposição em relação a ela; mas antes sendo subordinada a esta vontade todo-poderosa (CIC 475).

E todo este esforço da Igreja não foi por pouco, nem somente para "provar" que Jesus podia orar mas, sobretudo, e respondendo com o Credo niceno-constantinopolitano, para que, "...por nós, homens, e para nossa salvação, desceu dos céus e se encarnou pelo Espírito Santo, no seio da Virgem Maria, e se fez homem": para nos salvar e reconciliar-nos com Deus (CIC 457); para que conhecêssemos o amor de Deus (CIC 458); para ser nosso modelo de santidade (CIC 459) e para nos tornar "participantes da natureza divina" (2Pe 1,4) para que nos tornemos filhos de Deus (CIC 460).

Além do mais Jesus, pelo simples fato de ser homem, como Adão no paraíso (limitado, finito, mortal), precisa de Deus, precisa de Sua graça e esta graça se exprime, também, na oração. Para São Paulo, aliás, isto já era claro desde o início quando ele nos falou sobre a *kenosis* de Jesus:

"Sendo ele de condição divina, não se prevaleceu de sua igualdade com Deus, mas aniquilou-se a si mesmo, assumindo a condição de escravo e assemelhando-se aos homens. E, sendo exteriormente reconhecido como homem, humilhou-se ainda mais, tornando-se obediente até a morte, e morte de cruz. Por isso Deus o exaltou soberanamente e lhe outorgou o nome que está acima de todos os nomes, para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho no céu, na terra e nos infernos. E toda língua confesse, para a glória de Deus Pai, que Jesus Cristo é Senhor (Fl 2,6-11).

Também Edward Schilleebeckx concorda com o fato de Jesus ter orado: "observando Jesus, constatamos que ele inegavelmente ora ao Pai" (2008, p.665).

Hoje, portanto, não resta qualquer dúvida sobre esta questão: sim, Jesus, verdadeiro Deus e verdadeiro homem, podia, e deveria orar tendo em vista que, apesar de possuir a natureza divina, também possuía a natureza humana, aliás,

como muitíssimo bem colocado pelo teólogo e santo, Gregório de Nissa (330-395), “aquilo que Deus não assumiu, não redimiu”.

### 4.2.3 A consciência de Jesus sobre pecado e oração

Não apenas no cristianismo, mas também em outras religiões a oração está frequentemente ligada a noção de pecado. Entretanto, notamos que nos evangelhos, a oração de Jesus é completamente diferente daquelas feitas por outras pessoas de seu tempo e mesmo pelos profetas e salmistas do passado.

No Antigo Testamento temos os salmos penitenciais. Tomemos como exemplo o Salmo 50/51, chamado de *Miserere*. Os versículos 3-5 dizem o seguinte:

Tende piedade de mim, Senhor, segundo a vossa bondade. E conforme a imensidade de vossa misericórdia, apagai a minha iniquidade. Lavai-me totalmente de minha falta, e purificai-me de meu pecado. Eu reconheço a minha iniquidade, diante de mim está sempre o meu pecado (SI 50/51).

Ou ainda no Salmo 24/25:

Olhai-me e tende piedade de mim, porque estou só e na miséria. Alivai as angústias do meu coração, e livrai-me das aflições. Vede minha miséria e meu sofrimento, e perdoai-me todas as faltas (SI 24/25).

No tempo de Jesus estava muito difundida a oração do tipo *penitencial* entre o povo judeu. Deste modo, vemos muitas orações e passagens que fazem alusão ao sentimento de pecado. Porém, uma vez mais, nunca nos lábios de Jesus. Ao contrário, quando Jesus fala de pecado é no sentido de resgatar os pecadores: “Digo-vos que assim haverá maior júbilo no céu por um só pecador que fizer penitência do que por noventa e nove justos que não necessitam de arrependimento” (Lc 15,7). Também quando Jesus pediu a Pedro que jogasse as redes para pescar e Pedro, mesmo duvidando, mas em respeito a Jesus, as lançou e quase não as conseguiu retirar em função da grande quantidade de peixes, necessitando de ajuda de seus companheiros: “Vendo isso, Simão Pedro caiu aos pés de Jesus e exclamou: Retira-te de mim, Senhor, porque sou um homem pecador” (Lc 5,8). Ou ainda quando o cego de Jericó “sabendo que era Jesus de Nazaré [que por ali passava], começou a gritar: ‘Jesus, filho de Davi, tem compaixão de mim!’ Muitos o repreendiam, para que se calasse, mas ele gritava ainda mais alto: ‘Filho de Davi, tem compaixão de mim!’” (Mc 10, 47-48).

Ora, Jesus não pecava, logo não precisava pedir perdão. Tanto é assim que o teólogo K. Adam em seu livro *Gesù il Cristo* (1966 apud POTTERIE, 1992, p. 53) diz: “É verdade que no Pai Nosso Jesus inculca aos homens rezarem assim: ‘Perdoai nossas ofensas, [...] não nos deixais cair em tentação’, mas ele pessoalmente não ora assim. Nunca saiu de seus lábios a súplica: “Pai, perdoa-me”. Nem mesmo em sua hora mais terrível, quando estava crucificado, pede perdão para ele, ao contrário, diz: “Pai, perdoa-lhes; porque não sabem o que fazem” (Lc 23,34).

Jesus tem plena consciência de fazer tudo conforme a vontade do Pai, e por isto mesmo sabe não ter pecado algum. Em uma discussão com os fariseus disse: “Quem de vós me acusará de pecado? Se vos falo a verdade, por que me não credes?” (Jo 8,46).

Jesus sente-se amado por Deus, enviado por Ele, passou toda sua vida fazendo o bem. Apesar de ter tido contato com o mal, ele mesmo jamais o praticou (Hb 4,15), sempre o combateu em todas as suas formas nefastas que só afastava as pessoas do Reino de Deus, tão caro ao seu coração.

Entretanto, Jesus se fez batizar para o perdão dos *pecados do mundo*. De nossos pecados. Ele se fez “pecado” por nós e para nossa salvação, como o cordeiro que toma o lugar do homem (cf. Jo 1,29). Isaías já havia profetizado sobre ele: “Mas ele foi castigado por nossos crimes, e esmagado por nossas iniquidades; o castigo que nos salva pesou sobre ele; fomos curados graças às suas chagas” (Is 53,5). O evangelista Marcos escreveu: “Porque o Filho do homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em redenção por muitos” (Mc 10,45) e São Paulo assim compreendeu: “Aquele que não conheceu o pecado, Deus o fez pecado por nós, para que nele nós nos tornássemos justiça de Deus” (2Cor 5,21) e, novamente, devemos lembrar da *kenosis* de Jesus, citada por São Paulo (cf. Fl 2,6-11). Portanto, Jesus, apesar de não ter pecado algum, conscientemente, assume nossos pecados e, assim, pode pedir perdão, por nós.

Feitas estas observações iniciais, passemos agora aos aspectos que dizem respeito ao modo *como* Jesus orava.

### 4.3 Orações nos evangelhos sinóticos

#### 4.3.1 A oração no batismo

Aqui temos um exemplo de oração que não nos permite saber as palavras exatas utilizadas por Jesus no momento em que se dirigia a Deus, mas seria impossível estudarmos a oração de Jesus sem que analisássemos a importância deste momento em sua vida. Corroboramos com nosso raciocínio a frase de J. Jeremias quando diz: “Não há a mínima dúvida que algo precedeu à pregação do evangelho por Jesus” (1977b, p. 72) e este *algo* foi o seu batismo. Neste caso, os quatro evangelistas nos falam sobre seu batismo, embora o evangelho de São João nos fale *indiretamente* (cf. Jo 1,29-34).

Vejam os que nos relata Lucas:

Quando todo o povo ia sendo batizado, também Jesus o foi. E estando ele a orar, o céu se abriu e o Espírito Santo desceu sobre ele em forma corpórea, como uma pomba; e veio do céu uma voz: Tu és o meu Filho bem-amado; em ti ponho minha afeição (Lc 3,21-22).

A cena do batismo de Jesus se divide em três partes:

- i. Jesus é batizado por João Batista;
- ii. O céu se abre e sobre ele desce o Espírito Santo em forma de pomba;
- iii. Uma voz vinda do céu diz que Jesus é o Filho amado.

É significativo que Lucas diga que Jesus estava *orando* quando foi batizado pois, a partir daquele momento, Jesus inicia sua vida pública. Inicia, portanto, seu ministério com uma oração.

O biblista Potterie (1992, p. 62-65) enfatiza alguns aspectos importantes desta passagem. Vejamos:

- a) Diferente dos outros sinóticos Lucas descreve o batismo que João Batista administra ao povo, mas este batismo apenas serve de marco, pois, segundo Potterie, pelo texto grego, a tradução exata seria: “*Depois* que o povo foi batizado...” (grifo nosso). Assim, o contexto do batismo administrado àquelas pessoas, é o contexto de penitência do povo pecador, que acorria a João Batista procurando sua conversão. Somente *depois* que todo o povo foi batizado é que o evangelista descreve a teofania ocorrida.

Embora Potterie não o mencione explicitamente, este trecho também parece conter outra importante mensagem em suas entrelinhas. Ora, Jesus não tinha pecado nem era o caso de se converter, à primeira vista nem precisaria ser batizado, porém, “aquele que não conheceu o pecado, Deus o fez pecador por nós, para que nele nos tornássemos justiça de Deus” (2Cor 5,21). Jesus não tinha pecado algum, mas jamais quis abandonar seu povo, sobretudo aqueles rejeitados pela sociedade de seu tempo: pobres, coxos, prostitutas, cobradores de impostos, etc. Deste modo foi batizado, mas batizado *depois* do povo pecador.

Ratzinger explica que:

A partir da cruz e da ressurreição tornou-se claro para a cristandade o que estava acontecendo: Jesus tomou sobre os seus ombros o peso da culpa de toda a humanidade; levou-a pelo Jordão abaixo. Ele inaugura o seu ministério inserindo-se no lugar dos pecadores. Ele inaugura-o com a antecipação da cruz (2007, p.33).

- b) O Espírito Santo que desceu sobre Jesus no Jordão, prefigurava a efusão do Espírito Santo que desceria sobre os apóstolos em Pentecostes. Deste modo, a teofania ocorrida no batismo de Jesus tem uma relação de continuidade com a futura missão dos apóstolos;
- c) O Espírito Santo é o Espírito profético que acompanhará Jesus em sua proclamação do evangelho, conforme vemos em Lc 4,18-19:

O Espírito do Senhor está sobre mim, porque me ungiu; e enviou-me para anunciar a boa nova aos pobres, para sarar os contritos de coração, para anunciar aos cativos a redenção, aos cegos a restauração da vista, para pôr em liberdade os cativos, para publicar o ano da graça do Senhor (citando Is 61,1s).

- d) É interessante notar que, logo após o batismo, Lucas coloca a genealogia de Jesus que iniciava sua missão com cerca de 30 anos e que o povo acreditava ser filho de José (Lc 3,23), quando na verdade era filho de Deus (Lc 3,28). Ainda sobre a genealogia em Lucas, Ratzinger (2007, p. 28) nos mostra que:

Ao contrário de S. Mateus, S. Lucas, partindo de Jesus, regride para a história passada; Abraão e Davi aparecem sem relevo especial; a genealogia regride até Adão e, conseqüentemente, até a criação, e então ao nome de Adão S. Lucas acrescenta o de Deus. É assim evidenciada a missão universal de Jesus: Ele é filho de Adão, Filho do Homem. Através da sua humanidade todos nós pertencemos a Ele, e Ele a nós; n'Ele a humanidade recomeça e n'Ele chega ao seu fim.

Mas então, qual a relação deste momento, destes acontecimentos, com a oração de Jesus? Esta oração pouco antes do anúncio da Boa Nova, da irrupção do Reino de Deus, estava estreitamente ligada à missão de Jesus. Jesus estava em



profunda oblação ao Pai, seu *Abbá*, para a missão que lhe fora entregue e que se iniciava naquele momento com a vinda do Espírito Santo e com as palavras de Deus (POTTERIE, 1992, p. 64)<sup>39</sup>.

Não é possível descrever o que Jesus sentiu naquele momento, mas certamente foi algo que mudou sua vida para sempre. Inferimos que ali, naquele momento, de modo claro achara o sentido de sua vida. J. Jeremias afirma: “Foi por ocasião de seu batismo que Jesus fez a experiência de sua vocação” (1977b, p. 91). Sendo que a linguagem para falar de Deus, de Jesus e do Espírito Santo é analógica<sup>40</sup>, só podemos nos aproximar do que realmente deve ter ocorrido naquele momento com expressões comparativas, aproximadas, mas possivelmente naquele exato instante deve ter se completado na consciência de Jesus o que ele deveria fazer dali em diante. Talvez ainda não lhe estivesse claro tudo o que ocorreria em sua vida, mas a partir daquele momento, de profunda unidade entre ele e seu Pai (cf. Mt 3,16b-17), segue decididamente para o início de sua missão, aceitando plenamente em sua vida a sua missão. Para finalizar, gostaríamos de ressaltar algo importante: Jesus inicia sua vida pública com uma oração; e também a concluirá<sup>41</sup> (SOBRINO, 1994, p.207).

#### **4.3.2 A oração no deserto: as tentações**

Dos três evangelhos sinóticos Marcos é o que menos fala sobre este momento, apenas diz que Jesus foi tentado durante quarenta dias no deserto (cf. Mc 1,12-13). Assim, tomemos como base para nossa análise os evangelhos de Mateus (cf. Mt 4,1-11) e Lucas (cf. Lc 4,1-13), que nos fornecem mais informações.

É de certo modo espantoso vermos Mateus nos dizendo que “em seguida [ao batismo], Jesus foi conduzido pelo Espírito ao deserto *para ser tentado pelo demônio*” (Mt 4,1, grifo nosso), dado que o Espírito Santo de Deus sempre nos conduz à coisas boas, nos protege...Ora, Deus nunca nos engana, não escamoteia, assim, não foi diferente com Jesus que deixou, por sua vez, que o Espírito Santo o

---

<sup>39</sup> Para aprofundar sobre as palavras de Deus “...Tu és o meu Filho bem-amado; em ti ponho minha afeição”, ver Potterie, p. 64.

<sup>40</sup> Cf. BOFF, CLODOVIS, 2009, capítulo 11.

<sup>41</sup> No item 4.3.12 e subitens veremos as orações de Jesus na cruz.



guiasse. Jesus acabara de receber o batismo e ouviu de seu Pai: “Tu és o meu Filho bem-amado; em ti ponho minha afeição” (Lc 3,22). Estava, portanto, prestes a iniciar a sua missão e deveria, assim, estar preparado para o que viria em seguida. Nesta missão o Espírito Santo nunca lhe faltou. Vale lembrar a carta de Paulo aos Romanos: “pois todos os que são conduzidos pelo Espírito de Deus são filhos de Deus” (Rm 8,14).

Na tradição bíblica e também nos primeiros séculos da Igreja, o deserto é considerado um lugar especial de encontro com Deus: “Por isso a atrairei, conduzi-la-ei ao deserto e falar-lhe-ei ao coração” (Os 2,16) e foi para lá que Jesus foi guiado para se preparar para sua futura missão. O deserto serviu para Jesus como um retiro espiritual. Ali, Jesus era orientado pelo Espírito, refletia sobre sua vida futura discernindo a vontade de Deus e como agiria a partir daquele momento. O evangelho de Lucas nos mostra a melhor pista de que Jesus estava em oração quando diz que “...durante este tempo ele nada comeu” (Lc 4,2). Ora, “na tradição judaica, jejum e oração estavam intrinsicamente unidos. Assim seria também para Jesus. Os quarenta dias no deserto seriam para ele também dias de oração” (POTTERIE, 1992, p. 114).

Antes de continuarmos convém fazer uma breve explicação sobre o significado dos “quarenta dias”. O número 40 no tempo de Jesus possuía para o judeu um significado simbólico muito rico:

Recorda-nos em primeiro lugar os 40 anos de Israel no deserto, que foi o período da sua tentação bem como o tempo de uma especial proximidade de Deus. Fazem-nos pensar também nos 40 dias que Moisés passou no monte Sinai, antes de poder receber a palavra de Deus, as tábuas sagradas da Lei. Podem também recordar-nos a explicação rabínica, segundo a qual Abraão, no caminho para o monte Horeb, onde devia sacrificar o seu filho, durante 40 dias e 40 noites não comeu nem bebeu, tendo se alimentado apenas com a visão e com as palavras do anjo que o acompanhava. Já numa certa expansão da simbologia dos números, os Padres consideraram o 40 um número cósmico, um sinal por excelência deste mundo: os quatro fins do mundo circunscrevem o todo, e dez é o número dos mandamentos. O número cósmico multiplicado pelo número dos mandamentos torna-se pura e simplesmente a expressão simbólica da história deste mundo. Jesus faz, por assim dizer, mais uma vez a peregrinação do êxodo de Israel e toma conhecimento dos enganos e dos falsos caminhos da história; os 40 dias de fome abrangem o drama da história, que Jesus em si mesmo acolhe e transporta (RATZINGER, 2007, p. 42).

Portanto, “quarenta dias” é um longo espaço de tempo, especialmente quando pensamos em jejum e oração. Isto nos lembra que nem sempre orar e jejuar

é fácil, porém é um exercício espiritual necessário. Com Jesus não foi diferente<sup>42</sup>. Neste tempo de oração no deserto, Jesus teve a oportunidade de ter uma profunda experiência de encontro com o Pai e foi tentado. Por quê? Santo Inácio de Loyola, em seus Exercícios Espirituais (EE), nas “Regras de discernimento de espíritos”, nos ensina que o inimigo da natureza humana (o demônio) é especialista em enganar as pessoas que mais se aproximam de Deus e também aquelas que estão no caminho de Deus, indo do bom para o melhor (SANTO INÁCIO DE LOYOLA, 2002, p.121-126). Ora, Jesus estava em um momento todo particular de profunda intimidade com o Pai naqueles dias, então ocorreu que foi tentado por Satanás. As tentações que Jesus viveu são as mesmas tentações que passamos na vida e precisamos vencer. O diabo tenta Jesus nas coisas *boas* da vida: poder, domínio e bem-estar, coisas normais e extremamente sedutoras. Cabe aqui, então, lembrar as palavras de São Paulo aos Coríntios: “Não vos sobreveio tentação alguma que ultrapassasse as forças humanas. Deus é fiel: não permitirá que sejais tentados além das vossas forças, mas com a tentação ele vos dará os meios de suportá-la e sairdes dela” (1Cor 10,13). E foi justamente isto o que aconteceu com Jesus, Filho de Deus, sim, mas também completamente humano. Verdadeiro Deus e verdadeiro homem, conforme afirma o concílio de Calcedônia (DH nº 149 e 150 e CIC nº 464). Provou-nos que através da oração é possível vencermos as tentações de nossa vida. Atrapalhar, desvirtuar, estragar seus planos foram as armadilhas com as quais Satanás quis enredar Jesus. Quis o demônio que Jesus ficasse especialmente seduzido pelo poder político, mas sua missão era completamente oposta a estas ciladas e Jesus as venceu provando que a perfeita obediência é aceitar a vontade do Pai sobre a sua vida.

A propósito desta passagem tão importante na vida de Jesus, trazemos aqui as palavras do Santo Padre, o papa Francisco, no *Ângelus* do I Domingo de Quaresma de 9 de Março de 2014, onde ele nos mostra que Jesus sequer dialogou com Satanás:

Jesus rejeita com decisão todas estas tentações e reafirma a vontade decidida de seguir o percurso estabelecido pelo Pai, sem qualquer compromisso com o pecado e com a lógica do mundo. Observai bem como Jesus responde. Ele não dialoga com Satanás, como tinha feito Eva no paraíso terrestre. Jesus sabe bem que com Satanás não se pode dialogar, porque é muito astuto. Por isso Jesus, em vez de dialogar como tinha feito Eva, escolhe refugiar-se na Palavra de Deus e responde com a força desta

---

<sup>42</sup> Convém lembrar que as tentações de Jesus não se restringiram apenas a este período no deserto.

Palavra. Recordemo-nos disto: no momento da tentação, das nossas tentações, nenhum diálogo com Satanás, mas defendidos sempre pela Palavra de Deus! E isto nos salvará. Nas suas respostas a Satanás, o Senhor, usando a Palavra de Deus, recorda-nos antes de tudo que “não só de pão vive o homem, mas de toda a palavra que sai da boca de Deus” (Mt 4, 4: cf. Dt 8, 3); e isto dá-nos a força, ampara-nos na luta contra a mentalidade mundana que abaixa o homem ao nível das necessidades primárias, fazendo-lhe perder a fome do que é verdadeiro, bom e belo, a fome de Deus e do seu amor. Recorda ainda que “está escrito também: ‘Não porás à prova o Senhor teu Deus’” (v. 7), porque o caminho da fé passa também pela escuridão, pela dúvida, e alimenta-se de paciência e expectativa perseverante. Por fim, Jesus recorda que “está escrito: ‘Adorarás ao Senhor, teu Deus: a Ele unicamente prestarás culto’” (v. 10); ou seja, devemos abandonar os ídolos, as coisas vãs, e construir a nossa vida sobre o essencial.

Certamente desta experiência Jesus levou a certeza de que facilmente o mal nos desvia do caminho de Deus,

Entrai pela porta estreita, porque larga é a porta e espaçoso o caminho que conduzem à perdição e numerosos são os que por aí entram. Estreita, porém, é a porta e apertado o caminho da vida e raros são os que o encontram” (Mt 7,13-14)”.

Daí deriva o alerta de Jesus sobre a necessidade de se orar sempre, como falaremos mais adiante (cf. itens 4.3.9, 4.3.9.1 e 4.3.9.2).

Do deserto Jesus volta à Galileia para começar aí o seu ministério e proclamar a Boa Nova que, em Jesus, já está atuando e por ele se oferece.

Concluimos este item com a exortação feita por Santo Anselmo de Aosta:

Pobre mortal, foge por breve tempo de tuas ocupações, deixa um pouco os teus pensamentos tumultuados. Deixa para trás, nesse momento, graves preocupações e põe de lado tuas fadigas atividades. Sê, um pouco, atento a Deus e nele repousa. Entra no íntimo de tua alma. Exclui tudo, menos Deus e aquele que te ajuda a procurá-lo. Fecha a porta e diz a Deus: Procuo o teu rosto. O teu rosto eu procuro, Senhor.

### **4.3.3 A oração na escolha dos doze apóstolos**

Jesus cheio do Espírito Santo inicia sua missão, mas sabe que para a continuidade da mesma precisará de pessoas que levem sua palavra até os “confins do mundo” (At 1,8) e estas não podiam ser pessoas quaisquer. Jesus nunca subestimou sua missão, tinha plena consciência da responsabilidade de escolher, dentre vários de seus discípulos, aqueles que seriam os continuadores futuros de

sua obra. Sabia que sua missão não seria fácil como, aliás, já havia sentido<sup>43</sup>. E as dificuldades não terminavam por aí, não eram só geográficas ou de ceticismo daqueles que ainda não o conheciam e/ou estavam longe dele, eram também bem próximas a ele: vindas de seus próprios discípulos.

Então como decidir quais seriam? Sim, Jesus optou uma vez mais, como foi seu costume frente as grandes decisões de sua vida, por fazê-las precedidas de oração, sentindo a necessidade de discernir junto ao Pai o que seria melhor para o seu ministério, para o Reino de Deus. “A presença da oração indica a importância do acontecimento” (VVAA, 2006, p. 201).

Embora, infelizmente, não tenhamos as *ipsissima vox Jesu* de sua oração, o texto de Lucas nos diz como foi esta escolha:

Naqueles dias, Jesus retirou-se a uma montanha para rezar, e passou aí toda a noite orando a Deus. Ao amanhecer, chamou os seus discípulos e escolheu doze dentre eles que chamou de apóstolos: Simão, a quem deu o sobrenome de Pedro; André, seu irmão; Tiago, João, Filipe, Bartolomeu, Mateus, Tomé, Tiago, filho de Alfeu; Simão, chamado Zelador; Judas, irmão de Tiago; e Judas Iscariotes, aquele que foi o traidor (Lc 6,12-16).

Mais uma vez nos chama a atenção não só o fato de Jesus ter precedido a escolha dos doze apóstolos pela oração, como o tempo que ele levou se comunicando com o Pai: *a noite inteira*. Sobre o *quando* Jesus orava já comentamos no capítulo anterior, porém gostaríamos de enfatizar que, já neste tempo da escolha dos doze, Jesus era conhecido o suficiente para que grandes multidões acorressem a ele em busca de ajuda para as mazelas de suas vidas (cf. Lc 4,42). Portanto, muitas vezes, o único tempo que lhe sobrava para rezar era justamente quando esta multidão voltava para suas casas, ou seja, à noite ou ainda muito cedo quando ainda estava dormindo.

Assim, Jesus subiu à montanha para rezar. Robert J. Karris, O.F.M (2011, p.254), em seus comentários ao Novo Testamento, nos diz que Jesus foi à montanha porque a montanha é o “lugar onde as pessoas religiosas comungam com Deus. Sua seleção dos doze apóstolos, [assim], procede de Deus” e que “doze”,

---

<sup>43</sup> Por exemplo, nas tentações no deserto; nos olhares céticos na sinagoga quando disse: “Hoje se cumpriu este oráculo que vós acabais de ouvir” (Lc 4,21); na necessidade de proclamar a Boa Nova em grandes distâncias em um tempo onde sequer havia estradas pavimentadas e seguras em todos os lugares; etc.

para Lucas, simboliza a continuidade de Israel. Já no Antigo Testamento as grandes teofanias ocorrem no alto das montanhas (cf. Ex 3,1-6) onde se percebe melhor a presença divina, por isto Jesus prefere este lugar mais afastado, pois é mais apto para a oração e o contato com Deus (BOCCALI E LANCELOTI, 1983, p. 84).

Para Potterie, Boccali e Lancellotti, doze simboliza também as doze tribos de Israel (POTTERIE, 1992, p. 65; BOCCALI e LANCELOTI, 1983, p. 84). Esta oração de Jesus foi como que um retiro espiritual para, junto com Deus, poder escolher aqueles que o acompanhariam em seu núcleo mais próximo, aqueles que seriam as testemunhas de tudo o que ele fez/faria e que estariam com ele desde o início.

Na manhã seguinte (Lc 6,13) Jesus desceu da montanha e escolheu os doze apóstolos<sup>44</sup>. Sob esta escolha, Battaglia, Uricchio e Lancellotti comentam:

No Antigo Testamento Deus era movido por sua vontade de beneplácito, e por conseguinte de amor, na escolha das pessoas que deviam servir-lhe como instrumentos de salvação, e agora Jesus mostra a mesma soberana e divina vontade, feita de amor e graça, ao escolher os seus mais íntimos colaboradores (1988, p. 42-43).

Se analisarmos esta escolha apenas do ponto de vista meramente humano ou do registro histórico, estes escolhidos não nos impressionam muito: quatro pescadores (Pedro, André, Tiago e João), um rebelde (Simão, o Zelote), Filipe que às vezes parecia ter dificuldade para compreender as coisas (cf. Jo 6,5-7; 12,21-22; 14,8-9), Tomé que parecia incrédulo, cético ou medroso (cf. Jo 11,16; 14,5; 20,24-28), Mateus que, possivelmente, não era muito honesto, Judas, que o traiu, e de ainda outros três (Bartolomeu, Judas irmão de Tiago e Tiago filho de Alfeu) que pouco sabemos. Portanto, fica claro que Jesus não levou em consideração o sucesso do mundo, inteligência, poder, riqueza, etc., como critérios importantes para esta escolha. Não deve ter sido fácil para ele ensinar-lhes tudo que estava em seu coração e como ele gostaria que eles se comportassem, mas uma vez feito a escolha, mesmo diante das diversidades, ela fora mantida<sup>45</sup>.

---

<sup>44</sup> Cabe ressaltar que nos sinóticos Lucas é o único evangelista a utilizar este termo, os demais, Marcos e Mateus, denominam estas pessoas apenas como “os doze”. Apóstolo é um termo técnico para designar um emissário ou missionário cristão, incumbindo de pregar o evento Cristo ou, na terminologia lucana, “a Palavra de Deus” (FITZMEYER, J.A. *The Gospel according to Luke*, (AB, 28, 28<sup>a</sup>, Garden City, 1981-85)).

<sup>45</sup> A propósito das escolhas feitas após longo período de oração e discernimento, Santo Inácio de Loyola nos ensina em seus *Exercício Espirituais* que “em tempo de desolação nunca fazer

A escolha daqueles que o acompanhariam até o final de sua vida estava feita. Quando desceu da montanha estava seguro de que os seus escolhidos eram aqueles à quem o Pai havia destinado para pôr em prática o seu projeto salvífico.

O evangelho de Marcos (Mc 3,13-19) nos fornece algumas informações importantes em relação à escolha dos doze quando diz:

Depois, subiu ao monte e chamou os que ele quis. E foram a ele. Designou doze dentre eles para ficar em sua companhia. Ele os enviaria a pregar, com o poder de expulsar os demônios” (v.13-15).

Os escolhidos:

- a) Foram até Jesus, ou seja, responderam ao seu convite, deram o seu “sim”;
- b) Ficaram em sua companhia e depois;
- c) Foram mais tarde enviados em missão.

Imaginamos que dever ter sido uma honra indescritível ter sido escolhido diretamente por Jesus para fazer parte do núcleo central de seus seguidores, sobretudo levando-se em consideração a origem simples e pobre de cada uma daquelas pessoas. Entretanto, Jesus sabia que precisaria ensinar muitas coisas a eles, e isto demandaria tempo. Assim, Jesus passou longo tempo com os doze preparando-os e instruindo-os para o trabalho que teriam pela frente: eles precisavam conhecer Jesus.

De uma forma que certamente ainda não era totalmente claro para os escolhidos, eles ficaram com Jesus e não houve, certamente, em suas vidas, melhor investimento do que este (lembrar de Marta e Maria: Lc 10,38-42), pois só assim poderiam ter autoridade para curar os enfermos, expulsar demônios, falar de amor, de perdão e convidarem as pessoas a *entregarem* suas vidas a Jesus e serem salvas. A mensagem que os discípulos foram convidados a pregar não estava baseada em contos do passado ou em mitos espetaculares (cf. 2Pe 1,16-18), mas justamente naquele que é o Amor em pessoa (cf. 1Jo 4,8 e Jo 10,30), naquele que veio para dar a vida e vida em abundância (cf. Jo 10,10).

Após esta longa preparação estariam prontos a serem os emissários oficiais mostrando ao mundo o que haviam aprendido do Senhor.

Lucas, nesta passagem (cf. 6,12-16), não nos fala nada sobre a missão dos doze apóstolos, mas os outros sinóticos sim. O que mais chama a atenção no relato de Lucas é que esta eleição é feita na intimidade com o Pai, ou seja, Jesus não decide sozinho quem o acompanhará em sua vida pública, quem dará continuidade a sua missão. Vemos que o fruto de sua oração foi uma confiança inabalável no que o Pai o ajudara a discernir (e que lhe permitiu levar até o final o plano salvífico de Deus).

Jesus nos dá uma mostra importantíssima da relevância da oração em nossas vidas. Na solidão “do alto do monte”, podemos nos encontrar com Deus e discernirmos com sua luz aquilo que pode parecer obscuro num primeiro momento. Este exemplo nos dá forças para seguirmos adiante, exatamente como Jesus fez.

#### **4.3.4 A oração após a multiplicação dos pães**

Aqui temos, mais uma vez, uma daquelas orações para a qual não sabemos exatamente quais foram as palavras utilizadas por Jesus. Pelo contexto, porém, pode-se inferir sobre *o que* ele tenha *conversado* com seu Abbá. Para que possamos nos aproximar do que Jesus teria conversado com seu Pai em sua oração, olhemos os fatos que antecederam este momento. Esta oração é, talvez, uma das orações onde o lado humano de Jesus mais tenha transparecido. Por que? Talvez, num olhar mais descuidado, alguém procurasse associar a oração de Jesus *apenas* ao milagre da multiplicação dos pães. Embora este evento possa ter sido *um* dos motivos de sua oração a Deus, possivelmente não foi o único. Dos fatos ocorridos, é possível supor que tenha existido outro também, talvez ainda mais caro ao coração de Jesus, a morte de seu primo João Batista, pois logo após a sua ocorrência foram avisar a Jesus: “Depois foram dar a notícia a Jesus” (Mt 14,12). Ora, sabemos do imenso apreço que Jesus tinha por João Batista, não apenas por ser seu parente mas, sobretudo, pela sua opção em profetizar o futuro Reino de Deus. Por essa razão Jesus assim falou sobre ele: “Em verdade vos digo: entre os filhos das mulheres, não surgiu outro maior que João Batista” (Mt 11,11a). Jesus, de certa forma, se inspirou nele para iniciar sua vida pública, tanto que se deixou



batizar por ele (cf. item 4.3.1 acima), embora saibamos que não o seguiu, pois optou por um caminho diferente que lhe fora revelado pelo Pai.

Jesus não era nenhum ingênuo, sabia como Israel tratava seus profetas: “Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas e apedrejas os enviados de Deus, quantas vezes quis ajuntar os teus filhos, como a galinha abriga a sua ninhada debaixo das asas, mas não o quiseste!” (Lc 13,34). Lembrar também: “Aproximando-se ainda mais, Jesus contemplou Jerusalém e chorou sobre ela, dizendo: Oh! Se também tu, ao menos neste dia que te é dado, conhecesses o que te pode trazer a paz!... Mas não, isso está oculto aos teus olhos” (Lc 19,41-42). Aquilo que também ameaçava o ministério de Jesus agora estava se tornando realidade e realidade cada vez mais próxima dele.

Jesus recebera a notícia da morte do primo querido. Aquilo certamente o abalou profundamente e então ele teve o ímpeto de imediatamente buscar consolação naquele que estava com ele em todos os momentos: seu Pai. A sequência do capítulo 13 de Mateus nos mostra o que aconteceu:

A essa notícia, Jesus partiu dali numa barca para se retirar a um lugar deserto, mas o povo e a multidão das cidades o seguiam a pé. Quando desembarcou, vendo Jesus essa numerosa multidão, moveu-se de compaixão para ela e curou seus doentes (Mt 13, 13-14).

Não há como não se emocionar com este relato. Jesus estava, certamente, abaladíssimo com a morte de João Batista, simplesmente precisando buscar conforto junto a Deus para a dor atroz que sentia naquele momento, porém numa atitude quase sobre-humana deixou esta necessidade para mais tarde pois, apesar de toda a dor do momento, entendeu que aquele povo carente de tudo precisava mais dele do que ele precisava do Pai naquele instante. Isto é altamente significativo para nós: Jesus deixa de lado suas próprias necessidades e interesses para *cuidar* de nós.

Somente no final do dia, quando a noite já estava chegando, é que Jesus consegue, finalmente, fazer o que queria desde que recebera a trágica notícia. Talvez estivesse já nos limites de suas forças, pois:

Logo depois, Jesus obrigou seus discípulos a entrar na barca e a passar antes dele para a outra margem, enquanto ele despedia a multidão. Feito isso, subiu à montanha para orar na solidão. E, chegando a noite, estava lá sozinho (Mt 14,22-23).



Com toda a delicadeza “despediu a multidão”, não delegou esta tarefa a seus discípulos, embora pudesse tê-lo feito. Somente após tudo isto é que, finalmente, consegue parar para rezar a Deus.

Certamente esta oração englobou o acontecimento espetacular da multiplicação dos pães com todos os desdobramentos teológicos que conhecemos (como veremos um pouco mais abaixo) mas, provavelmente, o maior fruto desta oração foi buscar junto a seu Pai o conforto e a renovação de suas forças para a continuação de seu ministério. Lá, sozinho, no alto da montanha, aquele que sequer possuía um quarto para poder fechar a porta e rezar. Não importava a falta do quarto, pois bem sabia Jesus que encontraria em Deus tudo o que precisasse para continuar a sua vida. A confiança em seu *Abbá* era total.

Segundo Potterie (1992, p. 67), para a tradição sinótica o significado do milagre da multiplicação dos pães evoca diretamente Jesus como o novo messias esperado pelos seus discípulos. Entretanto, segundo ele, havia o perigo de que neste sinal o vissem não apenas como o messias esperado, mas como um messias político, um messias terreno, poderoso. Ora, esta visão que possuíam de Jesus como messias político deveria ser purificada.

Com o grande sinal da multiplicação dos pães é repetido o milagre do maná do deserto no tempo de Moisés durante o êxodo, ou seja, Jesus se apresenta abertamente como o novo Moisés. Isso é, segundo Potterie, um dos momentos mais importantes da Revelação contida na teologia bíblica. Assim, a multidão ficou entusiasmada com Jesus: “À vista desse milagre de Jesus, aquela gente dizia: Este é verdadeiramente o profeta que há de vir ao mundo” (Jo 6,14). Mas Jesus conhece a intenção do povo: “Jesus, percebendo que queriam arrebatá-lo e fazê-lo rei, tornou a retirar-se sozinho para o monte” (Jo 6,15). Eis a repetição da tentação no deserto que deveria ser evitada e o motivo pelo qual Jesus subiu à montanha para orar (POTTERIE, 1992, p.68). Ainda segundo o teólogo, o perigo desta tentação não atingia apenas o povo em geral, mas de modo particular os discípulos de Jesus. Por este motivo Jesus os manda entrar na barca e avançarem para o outro lado da margem para que ele pudesse orar e ver o que faria. Potterie não menciona, mas o autor do comentário ao Novo Testamento, Oporto (VVAA, 2006, p. 73), vai mais além, dizendo que o alto da montanha é ponto de vista privilegiado para que Jesus,

além de orar, pudesse ver o que faria com seus discípulos<sup>46</sup>. Em outras palavras, Jesus ora de modo especial pela purificação da fé de seus discípulos.

Já o teólogo Benedict T. Viviano (2011, p. 185), no seu comentário ao evangelho de Mateus, diz que “a oração noturna e solitária de Jesus é um modelo para os cristãos, que, além da oração em comum, também necessitam às vezes de períodos de oração pessoal silenciosa em contato com a natureza”.

#### **4.3.5 A oração de Jesus antes da profissão de fé de Pedro**

Esta é uma das passagens mais importantes dos evangelhos sinóticos. É tão importante que para os orientais e na tradição bizantina, o ícone da Transfiguração no Tabor é considerado a representação mais sintética da mensagem evangélica. A Transfiguração tem, para eles, quase a mesma importância como o acontecimento pascal, porque nesta única cena se condensa o laço estreito entre a cruz e ressurreição (POTTERIE, 1992, p. 74 e nota 18).

Mais uma vez não sabemos as palavras exatas proferidas por Jesus durante sua oração e, mais uma vez, para podermos analisar sua prece devemos nos reportar ao que ocorreu com ele e seus apóstolos um pouco antes deste evento no monte Tabor. Seguiremos Potterie (1992, p. 70-76).

Vejamos primeiro a confissão de Pedro e o primeiro anúncio da Paixão (Lc 9,18-22):

Num dia em que ele estava a orar a sós com os discípulos, perguntou-lhes: Quem dizem que eu sou? Responderam-lhe: Uns dizem que és João Batista; outros, Elias; outros pensam que ressuscitou algum dos antigos profetas. Perguntou-lhes, então: E vós, quem dizeis que eu sou? Pedro respondeu: O Cristo de Deus. Ordenou-lhes energicamente que não o dissessem a ninguém. Ele acrescentou: É necessário que o Filho do Homem padeça muitas coisas, seja rejeitado pelos anciãos, pelos príncipes dos sacerdotes e pelos escribas. É necessário que seja levado à morte e que ressuscite ao terceiro dia.

---

<sup>46</sup> Na sequência da multiplicação dos pães sabemos que quando os discípulos estão atravessando o mar da Galileia ocorre uma grande tempestade e que Jesus os socorre, fazendo com que a fé de seus discípulos aumente ainda mais. Pedro é elemento central neste episódio.

Como vimos na análise da oração anterior, ocorrida após a multiplicação dos pães, uma das consequências deste milagre foi a de que ficou claro para os discípulos de Jesus que ele era o messias esperado. Entretanto, o perigo de o compreenderem como um messias político, ligado apenas aos aspectos terrenos, era real, ou seja, a atitude dos discípulos ainda era ambígua, daí Jesus perguntar a eles enquanto orava: “Quem dizem que eu sou?” (v.18). Bem, não conhecemos as palavras de Jesus durante sua oração, mas Lucas nos sugere que há relação direta entre esta e a pergunta que acabara de fazer. Durante boa parte de sua vida pública Jesus esteve preocupado com o aumento e a purificação da fé de seus discípulos<sup>47</sup>. Ora, Pedro toma à frente dos discípulos e responde pelo grupo: “Tu és o Cristo, o Filho de Deus vivo” (Mt 16,16). Mas Jesus não quer que esta fé proclamada nele seja contaminada por uma visão política. Este perigo era evidente, tanto que logo em seguida, quando Jesus faz o primeiro anúncio da Paixão (cf. Mt 16,21), o mesmo Pedro que acabará de confessar sua fé em Cristo, indignado, quer impedi-lo de realizar sua missão: “Que Deus não permita isto, Senhor! Isto não acontecerá” (cf. Mt 16,22). A posição de Pedro faz Jesus lembrar imediatamente a tentação no deserto e, assim, reagirá da mesma forma: “Afasta-te, Satanás! Tu és para mim um escândalo; teus pensamentos não são de Deus, mas dos homens!” (cf. Mt 16,23). Essa, talvez, seja a resposta mais dura que Jesus tenha dado a alguém, mas demonstra sem sombra de dúvidas a seriedade da situação e como já era mais claro para Jesus a sua missão. Nada nem ninguém o impediria de realizá-la.

Assim, em Lc 9,18-22, Jesus ora pela purificação da fé de seus discípulos que terão que passar pelo processo pascal de sua morte e ressurreição, mas que só será plena em Pentecostes. É um processo lento de crescimento e maturação que vai ocorrendo como fruto da oração de Jesus.

---

<sup>47</sup> Veremos isto constantemente nas análises de suas orações incluindo aquelas no evangelho de João a partir do item 3.3 e seguintes.

#### 4.3.6 A oração na Transfiguração

Mais uma vez esta cena é narrada pelos três evangelistas, porém apenas Lucas diz que ela ocorre enquanto Jesus orava: “Passados uns oitos dias, Jesus tomou consigo Pedro, Tiago e João, e subiu ao monte para orar. Enquanto orava, transformou-se o seu rosto e as suas vestes tornaram-se resplandecentes de brancura” (Lc 9,28-29). Esta epifania está diretamente ligada aos acontecimentos anteriores: a confissão de Pedro, o primeiro anúncio da Paixão e a indignação de Pedro e também o aviso que Jesus havia dado aos que estavam com ele: “Em seguida, dirigiu-se a todos: “Se alguém quer vir após mim, renegue-se a si mesmo, tome cada dia a sua cruz e siga-me. Porque, quem quiser salvar a sua vida, perdê-la-á; mas quem sacrificar a sua vida por amor de mim, salvá-la-á” (Lc 9,23-24).

Segundo Potterie:

...esta glorificação de Jesus, na presença de três de seus discípulos, devia ter, sem dúvida, a finalidade de fortalecer sua fé depois do anúncio que lhes fora feito de sua paixão e morte e depois do convite que lhes havia dirigido para levarem a cruz com ele (1992, p. 73, tradução nossa).

O anúncio de sua paixão havia sido muito duro aos discípulos, diríamos incompreensível, colocando à prova sua fé e confiança em Jesus, daí a necessidade da visão antecipada da glória final do Senhor que lhes serviria de ajuda para a missão que Jesus estava preparando para eles. Na Transfiguração temos uma conexão fundamental entre cruz e glória como elemento primordial do anúncio cristão, “à luz da glória de Cristo também a paixão recebe seu verdadeiro sentido salvífico” (POTTERIE, 1992, p. 74).

O bispo Santo Anastásio Sinaíta, no século VII, em sua homília no dia da Transfiguração do Senhor, ensina:

Jesus manifestou este mistério aos discípulos no monte Tabor. Com efeito, depois de lhes ter falado, quando andava com eles, acerca do reino e da sua segunda vinda em glória, para que se convencessem firmemente no íntimo do seu coração, já que talvez não estivessem ainda bastante convencidos do que Ele anunciava acerca do reino, e também para que, observando o presente, acreditassem no futuro, realizou aquela admirável manifestação divina no monte Tabor, como uma imagem prefigurativa do reino dos Céus. Foi como se lhes dissesse: “Para que o tempo de espera não enfraqueça a vossa fé, desde já, no tempo presente, em verdade vos

digo: estão aqui alguns presentes que não hão de morrer sem terem visto o Filho do homem, vindo na glória de seu Pai” (cf. Mt 16,28)<sup>48</sup>.

A Transfiguração (teofania) foi um feito tão extraordinário que poderíamos dizer que foi a *irradiação* da oração de Jesus:

Enquanto orava, transformou-se o seu rosto e as suas vestes tornaram-se resplandecentes de brancura. E eis que falavam com ele dois personagens: eram Moisés e Elias, que apareceram envoltos em glória, e falavam da morte dele, que se havia de cumprir em Jerusalém (Lc 9,29-31).

Para que não restasse mais nenhuma dúvida aos discípulos de quem era Jesus, é seu próprio Pai que fala de dentro da nuvem: “Este é o meu Filho muito amado; ouvi-o!” (Lc 9,35). Assim Deus fizera à Moises quando o povo teve dúvidas em relação a ele: “E todo o povo respondeu a uma voz: Faremos tudo o que o Senhor disse. Moisés referiu ao Senhor as palavras do povo. Então o Senhor lhe disse: Eis que me vou aproximar de ti na obscuridade de uma nuvem, a fim de que o povo ouça quando eu te falar, e para que também *confie em ti para sempre*” (Ex 19,8-9).

Deste modo, a Transfiguração no monte Tabor não tem apenas conexão com os acontecimentos próximos passados mas, sobretudo, com os acontecimentos futuros: é uma prefiguração da glorificação futura de Jesus no mistério pascal e de sua parusia, e os discípulos de Jesus precisam conhecer isto. Jesus, mais uma vez, teve sucesso em sua oração: Pedro (ou um discípulo seu), cuja personalidade habituara-se a grandes rompantes, escreveu:

Na realidade, não é baseando-nos em hábeis fábulas imaginadas que nós vos temos feito conhecer o poder e a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo, mas por termos visto a sua majestade com nossos próprios olhos. Porque ele recebeu de Deus Pai honra e glória, quando do seio da glória magnífica lhe foi dirigida esta voz: Este é o meu Filho muito amado, em quem tenho posto todo o meu afeto. Esta mesma voz que vinha do céu nós a ouvimos, quando estávamos com ele no monte santo (2Pe 1,16-18).

Na Transfiguração temos mais um exemplo de resposta imediata de Deus para a oração de Jesus: além de permitir o aumento e purificação da fé dos discípulos esta oração deu forças a Jesus para que, a partir daquele momento, fosse resolutamente para Jerusalém cumprir sua missão.

---

<sup>48</sup> Liturgia das horas. Do Sermão de Anastásio Sinaíta, bispo, no dia da Transfiguração do Senhor. (Nn. 5-10: *Mélanges d'Archéologie et d'Histoire* 67 [1955], 241-244) (Séc. VII).

#### 4.3.7 A oração de louvor ao Pai

Aqui temos uma das poucas orações para a qual sabemos quais foram as palavras utilizadas por Jesus. Sobrino (1994, p. 209) nos mostra que é uma oração de ação de graças e louvor onde sua formulação se compreende melhor dentro do contexto do fundo apocalíptico da comunicação da revelação:

Daniel expressou-se como segue: Bendito seja o nome de Deus de eternidade em eternidade, porque a ele pertencem a sabedoria e o poder! É ele quem faz mudar os tempos e as circunstâncias; é ele quem depõe os reis e os enaltece; é ele quem dá sabedoria aos sábios e talento aos inteligentes. É ele quem revela os profundos e secretos mistérios, quem conhece o que está mergulhado nas trevas, junto ao qual habita a luz. Ó Deus de meus pais, eu vos exalto e vos louvo, porque vós me destes a prudência e a força, e porque vós nos manifestastes o que vos pedimos, revelando-nos o sonho do rei (Dn 2,20-23).

Já Carroll Stuhlmueller (1995, p. 140) comenta, ainda, que “é uma das raras passagens nos sinóticos em que Jesus nos deixa entrever o mistério escondido de sua vida, aquela tensão de amor que orientava toda sua atividade para o Pai e o Espírito Santo”.

Para analisarmos esta oração vejamos uma vez mais qual foi o contexto em que ela aconteceu.

Jesus havia iniciado seu ministério e já havia passado por várias dificuldades (SOBRINO, 1994, p. 209). Muitos duvidavam dele, apesar de terem visto seus sinais e escutado suas palavras. Arrefecera a empolgação inicial:

O Filho do Homem vem, come e bebe, e dizem: É um comilão e beberrão, amigo dos publicanos e dos devassos. Mas a sabedoria foi justificada por seus filhos. Depois Jesus começou a censurar as cidades, onde tinha feito grande número de seus milagres, por terem recusado arrepender-se (Mt 11,19-20).

Até seu primo, o qual tanto estimava, parecia ter dúvidas: “Sois vós aquele que deve vir, ou devemos esperar por outro?” (Mt 11,3). Assim, neste contexto de desprezo e incredulidade, somente os simples são capazes de acolher a revelação do Pai realizada por Jesus. Para Lucas, os sábios e entendidos são os mestres da Lei e os fariseus, que conhecem a Lei de Moisés, mas desprezam Jesus; por outro lado os simples souberam receber e acolher a sua revelação (OPORTO, 2006, p. 63).

Quando os 70 (ou 72) discípulos voltam de sua missão cheios de alegria pelas curas que promoveram e pelo anúncio da Boa Nova, conversam com Jesus,

estão radiantes e dizem: “Senhor, até os demônios se nos submetem em teu nome!” (Lc 10,17), ou seja, haviam conseguido uma clara vitória contra Satanás, tanto que Jesus logo diz: “Vi Satanás cair do céu como um raio” (Lc 10,18). Mas Jesus está atento a toda a situação e percebe que aquilo, em si, não era o mais importante e faz a correção sobre o pensamento deles: “Contudo, não vos alegréis porque os espíritos vos estão sujeitos, mas alegrai-vos de que os vossos nomes estejam escritos nos céus (Lc 10,20). Jesus em êxtase<sup>49</sup> e júbilo louva o Pai nestas palavras:

Naquela mesma hora, Jesus exultou de alegria no Espírito Santo e disse: Pai, Senhor do céu e da terra, eu te dou graças porque escondeste estas coisas aos sábios e inteligentes e as revelaste aos pequeninos. Sim, Pai, bendigo-te porque assim foi do teu agrado (Lc 10,21).

Neste caso, o motivo de louvor de Jesus foram dois: primeiramente a difusão do Reino de Deus testemunhado pelos seus discípulos (isto era fundamental para a continuação de sua missão) e, em segundo lugar, a vontade do Pai de revelar estas coisas aos pequeninos (Bíblia TEB, 1994, p. 1997). Seu Pai não selecionara os sábios e entendidos, mas aquela gente simples e pobre que Jesus havia escolhido e que também haviam escolhido Jesus, e isto, não era pouco para a sociedade judaica daquela época:

O prestígio era uma forma de poder e de segurança econômica, a ignorância era considerada não só como ausência de conhecimento mas como uma marca sobre as pessoas que careciam de instrução ou de ensinamento. Já na época de Jesus, alguns grupos consideravam “malditos” os que não conheciam a lei em profundidade (Bíblia Ave Maria – Edição de Estudos, 2009, p. 50-51).

Para Jesus o Reino de Deus era para todos, mas de modo especial os pobres e discriminados foram suas pérolas preciosas, os que mais precisavam dele. Neste sentido e junto com sua oração de louvor, disse:

Vinde a mim, vós todos que estais aflitos sob o fardo, e eu vos aliviarei. Tomai meu jugo sobre vós e recebei minha doutrina, porque eu sou manso e humilde de coração e achareis o repouso para as vossas almas. Porque meu jugo é suave e meu fardo é leve (Mt 11,28-30).

Jesus falava diretamente ao coração daquelas pessoas, conhecia muito bem a realidade em que viviam. Vejamos parte do comentário ao texto de Mateus 11,25-30 por ser muito esclarecedor na análise desta parte da oração:

---

<sup>49</sup> Lembrar de todo o contexto, por exemplo, que levou à Transfiguração: a fé dos discípulos de Jesus era ainda ambígua.



A salvação não depende de uma maior ou menor perícia na complexa interpretação bíblica, e sim da capacidade para captar a passagem de Deus na história e da disponibilidade para aceitar o chamado de Deus. Junto com a transfiguração, este é um dos momentos culminantes do evangelho. Um júbilo exultante, fruto de sua experiência de Deus como Pai, infundido pelo Espírito, expressa-se nesta confissão. Jesus se transfigura e irradia luz de revelação, abrindo o mais íntimo de sua espiritualidade: a predileção do Pai, seu sentimento filial e a missão que dele recebeu. Jesus convida todos os abatidos, as pessoas agoniadas pelos mecanismos de exclusão social e religiosa, e lhes propõem levar outro jugo, outra carga: o jugo da liberdade, que exige ao mesmo tempo humildade e mansidão, isto é, honestidade pessoal e capacidade de diálogo e tolerância. Aquele que envia com autoridade seus seguidores à uma tarefa que aparentemente excede toda capacidade humana é o único capaz de fazer que essa carga e esse jugo se transformem em experiência de júbilo indescritível ao ver como o reinado de Deus vai se tornando realidade entre os pobres e os simples, o mesmo júbilo que invadiu Jesus (Bíblia Ave Maria – Edição de Estudos, 2009, p. 51).

Jesus fez muitas orações de petição ao Pai (a maioria delas nos evangelhos sinóticos), mas soube também, como ninguém, agradecer-lhe pelos bens recebidos. Quando Jesus ora, seu desejo mais profundo é a de orientar tudo a Deus: sua vontade e sua disposição. O Reino de Deus e a vontade do Pai são os dois pontos que atraíram os pensamentos e a oração de Jesus (POTTERIE, 1992, p. 116).

#### 4.3.8 A oração do Pai Nosso

Em um trabalho que se fale sobre a Oração de Jesus não se poderia deixar de fora a “mãe” das orações: o Pai Nosso. A riqueza inesgotável desta oração possibilita infinitas análises teológicas e espirituais para a vida. Entretanto, cabe uma pergunta: Jesus rezou ou não o Pai Nosso? A pergunta deriva de uma razão simples, na oração há uma petição que diz: “...perdoai os nossos pecados, assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido...”, mas Jesus não pecou. Se Jesus não pecou como ele poderia ter rezado o Pai Nosso?

No início deste capítulo, item 4.2.3, fizemos o comentário sobre a *Consciência de Jesus sobre pecado e oração*. Lá demonstramos alguns pontos e opiniões sobre o assunto. Relembremos:

- a) No tempo de Jesus era muito comum a oração do tipo penitencial entre o povo judeu, mas nunca nos lábios de Jesus que, ao contrário, era quem oferecia e não quem pedia o perdão;



- b) A vontade do Pai e o Reino de Deus eram as duas maiores preocupações de Jesus. Ele fazia tudo conforme a vontade de Deus, logo, não pecava. Em discussão com os fariseus, em determinado momento disse: “Quem de vós me acusará de pecado? Se vos falo a verdade, por que me não credes?” (Jo 8,46);
- c) Jesus apesar de ter tido contato com o mal jamais se deixou vencer por ele, ao contrário sempre o combateu em todas as suas formas, mesmo as sorrateiras (cf. Hb 4,15);
- d) Vários teólogos concordam com o fato de que, apesar de Jesus ter ensinado seus discípulos a orar o Pai Nosso, ele mesmo nunca fez esta oração. Por exemplo:
  - a. O teólogo K. Adam disse que como Jesus não pecava, logo não precisava pedir perdão:

É verdade que no Pai Nosso Jesus inculca aos homens rezarem assim: ‘Perdoai nossas ofensas, [...] não nos deixais cair em tentação’, mas ele pessoalmente não ora assim. Nunca saiu de seus lábios a súplica: ‘Pai, perdoa-me’. Nem mesmo em sua hora mais terrível, quando estava crucificado, pede perdão para ele, ao contrário, diz: ‘Pai, perdoa-lhes; porque não sabem o que fazem (Lc 23,34)’ (*Gesù il Cristo*, 1966 apud POTTERIE, 1992, p. 53, tradução nossa).

- b. Por sua parte, Potterie afirma: “Há que observar também que Jesus, pessoalmente, não rezou a oração do Pai Nosso” (1992, p. 110, tradução nossa).

Temos também mais alguns pontos importantes sobre este assunto. Lucas nos diz que os discípulos de Jesus o veem orar frequentemente e, então, pedem para ensiná-los a orar, uma vez que neles começa a brotar a mesma vontade de contato com Deus que havia em Jesus. Assim, pedem a Jesus: “Senhor, ensina-nos a rezar...” (Lc 11,1) e Jesus responde: “Quando orardes, dizei...” (Lc 11,2). Observar que Jesus responde “quando orardes, dizei...”, ou seja, ele mesmo não se inclui neste modelo de oração. Como observado por Potterie, Jesus não se identifica com o grupo de seus discípulos, um exemplo disto aparece depois de sua ressurreição, quando aparece e fala com Maria Madalena: “Não me retenhas, porque ainda não subi a meu Pai, mas vai a meus irmãos e dize-lhes: Subo para meu Pai e vosso Pai, meu Deus e vosso Deus” (Jo 20,17). Nos evangelhos há sempre esta distinção para mostrar que o relacionamento de Jesus com Deus é único. Talvez haja apenas uma

exceção quando Jesus fala com a samaritana e emprega o pronome “nós”: “Vós adorais o que não conheceis, nós adoramos o que conhecemos, porque a salvação vem dos judeus” (Jo 4,22)<sup>50</sup>. Mas isto, talvez, seja muito mais uma *força de expressão*, para ser mais didático à samaritana, do que propriamente para exprimir o que Jesus fez.

Por outro lado, existem vários argumentos que levam à possibilidade de que Jesus, também, tenha orado o Pai Nosso, vejamos:

- O Servo de Javé assumiu nossas culpas, conforme Is 53, especialmente os versículos 5-7.10.12.
- Jesus assumiu o pecado do mundo como o *Cordeiro de Deus*:
  - “Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo” (Jo 1,29). Aqui João Batista se refere ao Servo de Javé, em Is 53,7, onde o sangue do cordeiro pascal foi entregue a Deus como sinal de proteção e libertação para os hebreus (cf. Ex 12,3-13).
  - A morte de Jesus substitui a imolação do cordeiro pascal (cf. Jo 19,31-36 e Ex 12,46).
- Jesus foi apresentado no templo (foi “resgatado”, “redimido”) ao preço de duas pombinhas (cf. Lc 2, 22-24).
- Se fez batizar (purificar) (cf. Mc 1,9-11 e paralelos).
- Jesus abriu mão de sua condição divina para assumir totalmente a humanidade (*kenosis*) conforme Fl 2,6-11.
- Deus o fez pecado para que nele nós nos tornássemos justiça de Deus (cf. 2Cor 5,21).
- Pecar, no tempo de Jesus, era transgredir a Lei. Ora, Jesus “transgrediu” a Lei várias vezes, mas quando o fez, foi pensando no ser humano que era maior que a Lei: “O sábado foi feito para o homem, e não o homem para o sábado” (Mc 2,27).

O assunto é bastante polêmico. Uma linha de pensamento acredita que Jesus não rezou o Pai Nosso, outra, acredita que sim. Seja como for, este não é o foco de nosso trabalho. Para nós, o que realmente interessa, é que a oração do Pai Nosso

---

<sup>50</sup> Trataremos mais a fundo deste assunto no item 4.4.1 adiante.

foi importante para Jesus. Não fosse assim ele não a teria ensinado a seus discípulos.

Como dissemos acima esta oração permite uma enorme quantidade de análises teológicas e espirituais. Mas, não temos espaço aqui para tratar de um assunto tão vasto. Existem literaturas belíssimas e importantes que tratam do tema com muita competência.

É muito provável que Jesus ficou muito contente com o pedido de seus discípulos: “Senhor, ensina-nos a rezar” (Lc 11,1), pois ele dava muita importância à oração em sua vida (ver 4.3.9 a 4.3.9.2 abaixo). Um pedido destes vindo daqueles que levariam adiante sua missão no Reino de Deus, certamente foi motivo de muita alegria para ele.

#### **4.3.9 O dever de orar sempre**

Jesus, o grande mestre da oração, deixou importantes lições sobre a necessidade de sempre orar. Abaixo separamos duas delas para comentarmos.

Procurando verificar em quais contextos sucedem as duas próximas lições de Jesus acerca da oração, vemos que as mesmas ocorreram, conforme o evangelho de Lucas, durante a longa<sup>51</sup> caminhada de Jesus da Galileia para Jerusalém. Lucas dividiu a sua obra em três seções: a seção central, a viagem (9,51-19,27), o que aconteceu antes e depois da mesma. Portanto, estamos naquela fase em que Jesus ensina seus discípulos e seguidores sobre as maravilhas do Reino de Deus.

##### **4.3.9.1 O amigo inoportuno**

Jesus, com sua pedagogia própria, gostava de ensinar seus seguidores através de parábolas, que era uma linguagem mais acessível para aquela gente simples de sua época. Ainda assim, muitas vezes precisava explicá-las para que compreendessem. Deste modo, ele escolheu justamente este método para falar

---

<sup>51</sup> Longa sob o ponto de vista de ter levado três anos, do início de sua vida pública até sua última estada em Jerusalém.

sobre a importância da oração nos relatos abaixo. Vejamos o primeiro deles, sobre o amigo inoportuno:

Em seguida, ele continuou: Se alguém de vós tiver um amigo e for procurá-lo à meia-noite, e lhe disser: Amigo, empresta-me três pães, pois um amigo meu acaba de chegar à minha casa, de uma viagem, e não tenho nada para lhe oferecer; e se ele responder lá de dentro: Não me incomodes; a porta já está fechada, meus filhos e eu estamos deitados; não posso levantar-me para te dar os pães; eu vos digo: no caso de não se levantar para lhe dar os pães por ser seu amigo, certamente por causa da sua importunação se levantará e lhe dará quantos pães necessitar. E eu vos digo: pedi, e dar-se-vos-á; buscai, e achareis; batei, e abrir-se-vos-á. Pois todo aquele que pede, recebe; aquele que procura, acha; e ao que bater, se lhe abrirá. Se um filho pedir um pão, qual o pai entre vós que lhe dará uma pedra? Se ele pedir um peixe, acaso lhe dará uma serpente? Ou se lhe pedir um ovo, dar-lhe-á porventura um escorpião? Se vós, pois, sendo maus, sabeis dar boas coisas a vossos filhos, quanto mais vosso Pai celestial dará o Espírito Santo aos que lho pedirem (Lc 11,5-13).

Uma observação importante sobre esta passagem é que esta ocorre imediatamente após Jesus ter ensinado seus discípulos a rezar o Pai Nosso. Como mencionamos antes, seus discípulos, vendo-o rezar frequentemente, pediram para que seu mestre também os ensinasse e foram atendidos. Entretanto, Jesus não se limitou apenas a ensiná-los a rezar, mas quis que compreendessem melhor o porquê de se rezar, daí a necessidade destas orientações.

Como dissemos acima, nesta fase da vida de Jesus, ele estava a *caminho* de Jerusalém e, como a oração não deixa de ser um “caminho” até Deus, Jesus queria mostrar isto aos discípulos: a oração deve fazer parte da vida e serve para nos deixar atentos aos desafios que certamente virão:

...é necessário que estejamos muito atentos porque...a inconstância, a fadiga, o desânimo, o não ver imediatamente os frutos do trabalho diário, a realidade das forças do egoísmo, a cobiça e o mal que com tanta facilidade destrói os pequenos ganhos que se vão obtendo, são uma tentação constante para abandonar tudo...

A constância, a perseverança e, sobretudo, a convicção das coisas infinitamente boas que se conseguirão com esta proposta de Jesus ficam ilustradas com a parábola do amigo inoportuno e com a garantia de Jesus de que Deus nunca dará nada que não seja útil e saudável para os que se empenham em viver esse projeto (Bíblia Ave Maria – Edição de Estudos, 2009, p. 180).

Por isto Jesus insiste que seus discípulos orem e peçam a Deus a força necessária para sua caminhada. Lucas é um homem culto, do mundo helenista, e para evitar, quiçá, o perigo de uma má interpretação de que *tudo* o que for pedido a Deus será atendido, o final de sua perícopa é diferente do paralelo em Mateus. Para Lucas, Jesus insiste que, se for pedido ao Pai o *Espírito Santo*, este será dado.

Mateus 7,11 fala de modo mais genérico em “coisas boas”. Assim, Jesus quer dizer aos seus discípulos que a oração é fundamental na vida, mas não é algo mágico. Esta visão é corroborada pelo teólogo García-Viana (2006, p. 218), que em seu comentário ao evangelho de Lucas, diz: “Mas o crente sabe muito bem que o plano será obtido com o suor de seu rosto (Gn 3,17). Se não quisermos ter uma imagem de um Deus mágico e alienante para a vida do homem, lhe pediremos muito mais o seu espírito, para que, com a sua força, possamos conseguir o pão”.

Ainda, uma última observação sobre o ensinamento que Jesus nos passou: se um amigo atende ao outro o que lhe pede devido à sua insistência, muito mais o Pai atenderá aqueles que se dirigirem a ele.

#### 4.3.9.2 O juiz e a viúva

Havia em certa cidade um juiz que não temia a Deus, nem respeitava pessoa alguma. Na mesma cidade vivia também uma viúva que vinha com frequência à sua presença para dizer-lhe: Faze-me justiça contra o meu adversário. Ele, porém, por muito tempo não o quis. Por fim, refletiu consigo: Eu não temo a Deus nem respeito os homens; todavia, porque esta viúva me importuna, far-lhe-ei justiça, senão ela não cessará de me molestar. Prosseguiu o Senhor: Ouvis o que diz este juiz injusto? Por acaso não fará Deus justiça aos seus escolhidos, que estão clamando por ele dia e noite? Porventura tardará em socorrê-los? Digo-vos que em breve lhes fará justiça. Mas, quando vier o Filho do Homem, acaso achará fé sobre a terra? (Lc 18,2-8)

Esta parábola não tem paralelo nos outros sinóticos, é exclusiva de Lucas, entretanto, guarda semelhança com a parábola comentada acima, o *amigo inoportuno* em Lc 11,5-13. Aqui, mais uma vez, Jesus nos lembra da necessidade de continuar orando, sem cair no desespero. A viúva, com o órfão e o estrangeiro, representava uma das categorias sociais mais necessitadas (Ex 22,22; Is 1,17.23 e Jr 7,6) enquanto que o adversário, provavelmente um rico, o lado forte da disputa. O juiz da parábola não se importava com ninguém e caso fosse corrupto (poderia ser) certamente não seria a viúva pobre e desamparada que o subornaria. Portanto, se até um juiz que não teme a Deus nem aos homens faz justiça pela insistência de alguém, quanto mais o fará Deus, que se move impulsionado por sua imensa misericórdia e defende sempre os mais necessitados (cf. Dt 10,17-18; Eclo 35,16-17) não há de fazê-lo (GARCÍA-VIANA, 2006, p. 233-234)?

Um detalhe que nos parece relevante nesta parábola aparece em seu final, quando Jesus diz: “Mas, quando vier o Filho do Homem, acaso achará fé sobre a terra?” (v.8). Sabemos que nenhum dos evangelhos é um retrato rigorosamente cronológico dos acontecimentos da vida de Jesus, mas também sabemos que todos os evangelistas foram cuidadosos e dispuseram o seu conteúdo dentro de uma certa lógica. Ora, se isto é verdade, devemos ter presente que esta perícopete aparece *no final* da segunda seção de Lucas, mostrando a viagem de Jesus da Galileia para Jerusalém. Assim, podemos intuir que, quando Jesus contou esta parábola, ele já deveria estar, provavelmente, próximo à sua última estada em Jerusalém, e também à sua Paixão. Muito provavelmente percebera que a empolgação inicial devido ao anúncio de sua Boa Nova já estava diminuindo. Daí sua dúvida sobre se haveria fé sobre a terra quando o Filho do Homem voltasse. Vemos que a mensagem de Jesus sobre a necessidade de oração frequente e perseverança na fé são claras, mas a perícopete em si deve ser lida no conjunto e no contexto da passagem anterior para ser melhor compreendida, onde Jesus fala de seu futuro retorno (Lc 17,22-25).

#### 4.3.10 A oração na última ceia

Jesus sabe que esta será sua última refeição com seus discípulos antes de sua morte. Não lhe resta muito mais tempo de vida. Sabe que sua *Hora* está muito próxima. Esta última refeição coincide com o tempo de comemoração da Páscoa judaica onde se fazia memória da libertação deste povo da escravidão do Egito. Porém, daquele momento em diante ela terá um novo sentido:

Ele [Jesus] quer viver esta Ceia com os seus discípulos, com um carácter totalmente especial e diferente dos outros banquetes; é a sua Ceia, na qual oferece Algo de totalmente novo: Ele mesmo. Deste modo, Jesus celebra a sua Páscoa, antecipa a sua Cruz e a sua Ressurreição (BENTO XVI, Papa)<sup>52</sup>.

O núcleo desta ceia é a instituição da eucaristia que é estabelecida pela oração de Jesus.

---

<sup>52</sup> Disponível em: [http://www.vatican.va/holy\\_father/benedict\\_xvi/audiences/2012/documents/hf\\_ben-xvi\\_aud\\_20120111\\_po.html](http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/audiences/2012/documents/hf_ben-xvi_aud_20120111_po.html) , acesso em 28 de agosto de 2014.

Nossa análise sobre esta oração parte dos evangelhos sinóticos e do texto de Paulo encontrado na primeira carta aos Coríntios. Entretanto, nenhuma das narrações da instituição da eucaristia nestes textos são iguais. Possuem pequenas diferenças que, por sinal, são motivos de grandes debates teológicos. Porém, estes detalhes não abordaremos aqui porque fugiriam do nosso escopo.

Concentremo-nos então sobre estes textos. Estas quatro redações poderiam ser condensadas em dois grupos: Paulo (1Cor 11,23-25) e Lucas (22,14-20) por um lado, Marcos (14,22-25) e Mateus (26,26-29), por outro. Nessas redações se diz que Jesus tomou o pão, pronunciou a oração de bênção e agradecimento e, em seguida, o partiu. Depois, tomou o cálice, rendeu graças, e o deu a todos. Temos o termo *eucharistia* em Paulo e Lucas ou *eulogia* (benção) em Marcos e Mateus. O Papa Bento XVI nos esclarece:

Estas duas diferentes palavras gregas indicam as duas orientações intrínsecas e complementares desta oração. Com efeito, a *berakha* é antes de tudo ação de graças e louvor que se eleva a Deus pelo dom recebido: na Última Ceia de Jesus, trata-se do pão - feito com o trigo que Deus faz germinar e crescer da terra - e do vinho produzido pelo fruto amadurecido nas videiras. Esta oração de louvor e de ação de graças, que se eleva a Deus, retorna como bênção, que desce de Deus sobre o dom e o enriquece. Assim, a ação de graças e o louvor a Deus tornam-se bênção, e a oferenda doada a Deus volta para o homem abençoada pelo Todo-Poderoso. As palavras da instituição da Eucaristia inserem-se neste contexto de oração; nelas, o louvor e a bênção da *berakha* tornam-se bênção e transformação do pão e do vinho no Corpo e no Sangue de Jesus (2011, p. 122).

Mas antes das palavras da instituição da eucaristia, há os gestos da fração do pão e da oferta do vinho. Na tradição judaica quem faz estes gestos é o chefe da família que recebe à sua mesa seus familiares. Mas também são gestos de hospitalidade para com os estrangeiros que não fazem parte da casa. Com Jesus estes gestos adquirem um significado diferente: Ele oferece, no pão e no vinho, um sinal visível de acolhimento onde é o próprio Deus que se doa na pessoa de Jesus.

Fica uma grande pergunta: como tudo isto pode ser possível? Jesus, como dissemos, sabia que só estaria com os seus por mais algumas horas e, a esta altura dos acontecimentos, seus discípulos estavam cientes de que algo grave estaria por acontecer<sup>53</sup>, por isto o dom do Pão e do Vinho oferecidos na última ceia por Jesus que, com suas palavras, foram eucaristizados e transformados n'Ele próprio. Nesta ceia Jesus antecipa a sua morte e a sua ressurreição, como, aliás, já havia anunciado no discurso do Bom Pastor:

---

<sup>53</sup> Ver a Oração da Hora no item 4.4.3 e seus subitens.



O Pai me ama, porque dou a minha vida para a retomar. Ninguém a tira de mim, mas eu a dou de mim mesmo e tenho o poder de a dar, como tenho o poder de a reassumir. Tal é a ordem que recebi de meu Pai (Jo 10,17-18).

No ato de dar a Sua vida está incluída a ressurreição, por isto “ele oferece antecipadamente a vida que lhe será tirada e, deste modo, transforma a sua morte violenta num gesto livre de doação de Si mesmo pelos outros e aos outros” (RATZINGER, 2011, p. 124).

Vemos desta forma que Jesus inicia suas orações nesta última refeição dentro da tradição das orações judaicas, mas com um sentido muito mais amplo: Jesus deixa claro sua total adesão ao projeto de Deus e sua determinação de cumpri-lo até o fim em total obediência à vontade do Pai.

#### 4.3.10.1 Jesus ora por Pedro

Ainda nos resta uma última observação sobre a oração de Jesus nesta Última Ceia: Jesus ora por Pedro. Se o temor dos discípulos na ida à Jerusalém e sobre as coisas que Jesus dizia sobre sua Paixão era grande, agora esse temor estava atingindo seu ápice. Na ceia Jesus havia falado que um deles iria traí-lo. A tensão só aumentava. Jesus amava todos seus discípulos, mas sabia que Simão seria *a rocha* (*kefas*) na direção de sua Igreja, que estava prestes a ser iniciada. Pedro era uma pessoa essencial nos planos de Deus e, portanto de Jesus, no Reino que se iniciava.

Pedro, este homem extraordinário, de muitos rompantes, já havia dado provas anteriores de seu imenso amor por Jesus:

- a) Sente-se pecador diante d’Ele no episódio da pesca milagrosa: “Vendo isso, Simão Pedro caiu aos pés de Jesus e exclamou: Retira-te de mim, Senhor, porque sou um homem pecador” (Lc 5,8);
- b) Quando Jesus perguntara aos apóstolos sobre quem eles acreditavam que ele era, é Pedro que toma a frente e responde por todos: “Tu és o Cristo, o Filho de Deus vivo!” (Mt 16,16);
- c) E ainda nesta cena, narrada por João, quando Jesus quer lavar os seus pés: “Disse-lhe Pedro: Jamais me lavarás os pés!...” (Jo 13,8a), ao que Jesus responde: “Se eu não te lavar, não terás parte comigo” (Jo 13,8b),



quando então se rende àquele inaudito serviço de amor de Jesus: “Senhor, não somente os pés, mas também as mãos e a cabeça” (Jo 13,9).

Mas não era só Jesus que sabia da importância de Pedro para a Igreja, Satanás também o sabia. Entretanto, Jesus prometera várias vezes (e ainda prometeria outras mais) que nunca os abandonaria:

Simão, Simão, eis que Satanás pediu insistentemente para vos peneirar como o trigo; eu, porém, roguei por ti, a fim de que tua fé não desfaleça. Quando, porém, te converteres, confirma os teus irmãos (Lc 22,31-32).

Vemos aqui que Jesus ora expressamente por Pedro, mas Pedro, com sua fé purificada, irá confirmar na fé seus irmãos. Isto não passou despercebido no magistério da Igreja Católica. O Concílio Vaticano I, na constituição sobre a infalibilidade do papa, diz:

Pois o Espírito Santo não foi prometido aos sucessores de Pedro para que, por revelação sua, manifestassem uma nova doutrina, mas para que, com sua assistência, conservassem santamente e expusessem fielmente a revelação transmitida pelos Apóstolos, ou seja, o depósito da fé. E, decerto, esta doutrina apostólica, todos os veneráveis Padres abraçaram-na e os santos ortodoxos Doutores a veneraram e seguiram, plenissimamente conscientes de que esta Sé de São Pedro sempre permaneceu intacta de todo erro, segundo a divina promessa de nosso Senhor <e> Salvador feita ao chefe dos seus discípulos: “Eu roguei por ti, para que tua fé não desfaleça; e tu, uma vez convertido, confirma teus irmãos” (Lc 22,32) (DH 3070).

Como é muito bem observado por Potterie, Jesus também, sutilmente, anuncia a negação de Pedro e a certeza de seu arrependimento:

As últimas palavras (uma vez convertido<sup>54</sup>) são uma alusão delicada a negação de Pedro e, ao mesmo tempo, sugerem o arrependimento sincero que o seguirá. Mais que uma falta de fé, a caída de Pedro será uma falta de valor para testemunhar a própria fé no Senhor (1992, p. 78, tradução nossa).

Já comentamos em outras passagens, mas aqui mais do que nunca, a visão de Jesus é unida ao mundo: Jesus sabe que o mal permeia o mundo, mas não quer separar os seus discípulos dele, ao contrário, quer que a humanidade seja transformada pelo acatamento do anúncio do Reino de Deus que será, inclusive, anunciado por eles. E dando um passo a mais, podemos dizer que esta oração de Jesus não é somente para a proteção de Pedro, mas para todos seus sucessores

---

<sup>54</sup> Ou “te converteres” na Bíblia de Jerusalém.

que ainda viriam, uma vez que Jesus prometeu que estaria com os discípulos até o fim (Mt 28,20).

#### 4.3.11 A oração na suprema angústia

Estamos muito próximos do final da vida pública de Jesus. Três anos já se passaram desde o seu batismo no Jordão e o início de seu ministério. Apesar das maravilhas realizadas por ele: seus sinais, sua Boa Nova e todo seu trabalho, obviamente nem todos compreenderam sua mensagem: sua Hora chegou (Mt 26,45). Após aquela última refeição de páscoa<sup>55</sup>, Jesus e seus discípulos foram ao Horto das Oliveiras, no lugar chamado *Getsâmani*, para rezar, aliás, local muito apreciado por Jesus (cf. Lc 21,37; 22,39).

Os três evangelistas sinóticos<sup>56</sup> relatam como foi este momento. Primeiro, vejamos em Lucas (22,39-46):

Conforme o seu costume, Jesus saiu dali e dirigiu-se para o monte das Oliveiras, seguido dos seus discípulos. Ao chegar àquele lugar, disse-lhes: Orai para que não caiais em tentação. Depois se afastou deles à distância de um tiro de pedra e, ajoelhando-se, orava: Pai, se é de teu agrado, afasta de mim este cálice! Não se faça, todavia, a minha vontade, mas sim a tua. Apareceu-lhe então um anjo do céu para confortá-lo. Ele entrou em agonia e orava ainda com mais instância, e seu suor tornou-se como gotas de sangue a escorrer pela terra. Depois de ter rezado, levantou-se, foi ter com os discípulos e achou-os adormecidos de tristeza. Disse-lhes: Por que dormis? Levantai-vos, orai, para não cairdes em tentação.

Marcos também nos relata a passagem (14,32-42):

Foram em seguida para o lugar chamado *Getsâmani*, e Jesus disse a seus discípulos: Sentai-vos aqui, enquanto vou orar. Levou consigo Pedro, Tiago e João; e começou a ter pavor e a angustiar-se. Disse-lhes: A minha alma está numa tristeza mortal; ficai aqui e vigiai. Adiantando-se alguns passos, prostrou-se com a face por terra e orava que, se fosse possível, passasse dele aquela hora. Abbá! (Pai!), suplicava ele. Tudo te é possível; afasta de mim este cálice! Contudo, não se faça o que eu quero, senão o que tu queres. Em seguida, foi ter com seus discípulos e achou-os dormindo. Disse a Pedro: Simão, dormes? Não pudeste vigiar uma hora! Vigiai e orai, para que não entreis em tentação. Pois o espírito está pronto, mas a carne é fraca. Afastou-se outra vez e orou, dizendo as mesmas palavras. Voltando, achou-os de novo dormindo, porque seus olhos estavam pesados; e não sabiam o que lhe responder. Voltando pela terceira vez, disse-lhes: Dormi e

---

<sup>55</sup> Conforme a oração de Jesus na Última Ceia no item 4.3.10.

<sup>56</sup> E também João.

descansai. Basta! Veio a hora! O Filho do homem vai ser entregue nas mãos dos pecadores. Levantai-vos e vamos! Aproxima-se o que me há de entregar.

Finalmente em Mateus vemos (26,36-46):

Retirou-se Jesus com eles para um lugar chamado *Getsêmani* e disse-lhes: Assentai-vos aqui, enquanto eu vou ali orar. E, tomando consigo Pedro e os dois filhos de Zebedeu, começou a entristecer-se e a angustiar-se. Disse-lhes, então: Minha alma está triste até a morte. Ficai aqui e vigiai comigo. Adiantou-se um pouco e, prostrando-se com a face por terra, assim rezou: Meu Pai, se é possível, afasta de mim este cálice! Todavia não se faça o que eu quero, mas sim o que tu queres. Foi ter então com os discípulos e os encontrou dormindo. E disse a Pedro: Então não pudeste vigiar uma hora comigo... Vigiai e orai para que não entreis em tentação. O espírito está pronto, mas a carne é fraca. Afastou-se pela segunda vez e orou, dizendo: Meu Pai, se não é possível que este cálice passe sem que eu o beba, faça-se a tua vontade! Voltou ainda e os encontrou novamente dormindo, porque seus olhos estavam pesados. Deixou-os e foi orar pela terceira vez, dizendo as mesmas palavras. Voltou então para os seus discípulos e disse-lhes: Dormi agora e repousai! Chegou a hora: o Filho do Homem vai ser entregue nas mãos dos pecadores... Levantai-vos, vamos! Aquele que me trai está perto daqui.

Aprendemos que não se faz teologia sem ter fé (cf. BOFF, C., 2009, cap. II). Portanto, não há como comentar uma passagem tão importante como esta dispensando este precioso elemento. Aqui o coração vai na “ponta da caneta”. É importante dizer isto, aqui, porque julgamos que esta tenha sido *a oração mais difícil* não apenas da vida de Jesus, nosso Senhor, mas também para Aquele que o enviou.

A dificuldade para Jesus

Como dissemos anteriormente, Jesus não era nenhum ingênuo. Sabia perfeitamente que sua mensagem não fora ouvida por todos, sobretudo por aqueles ávidos pelo poder. Mesmo para aquelas pessoas mais simples que acataram inicialmente sua mensagem, o fogo inicial estava mais fraco e por pouco tempo seus discípulos ainda estariam com ele, mas mesmo estes, exceto João, o abandonariam. Após o episódio da expulsão dos vendilhões do Templo, já não restava mais dúvidas a Jesus que sua morte era iminente. Não bastasse tudo isto, ainda estava muito claro em sua mente a cena da Transfiguração no monte Tabor. A esta altura de sua vida já não havia mais dúvidas para Jesus de que tipo de morte o aguardava<sup>57</sup>: não seria nada fácil.

---

<sup>57</sup> A crucificação!

Como dissemos, esta foi, muito provavelmente, a oração mais difícil de sua vida, até mesmo mais difícil que a oração na cruz (que veremos a seguir em 4.3.12), porque na cruz, apesar de toda a dor física, aquela angústia atroz e o pavor pelo que está por ocorrer já havia passado. Todavia, o tempo que antecede um evento certo e terrível é pior, talvez, que o próprio fato em si. A tristeza de Jesus foi tamanha que Deus enviou um anjo para o confortar. Só vimos isto em duas passagens do evangelho: após seus quarenta dias no deserto e agora (cf. Mt 4,11 e Lc 22,43). Deus estava com ele!

#### A dificuldade para Deus Pai, o amado *Abbá* de Jesus

Jesus ensinou a seus discípulos que “ninguém tem maior amor do que aquele que dá a sua vida por seus amigos” (Jo 15,13) e Jesus deu a sua própria vida por todos nós, ou seja: em tese, não haveria amor maior que o d’Ele e Jesus, obviamente, não se engana. Todavia nos questionamos: O que sentiu Deus quando Jesus, seu filho amado, lhe pediu: “*Abbá!* (Pai!), tudo te é possível; afasta de mim este cálice! Contudo, não se faça o que eu quero, senão o que tu queres” (Mc 14,36)? Que amor é este? Não há palavras humanas que possam responder estas duas perguntas. Talvez quem seja pai possa imaginar o que é um filho pedindo socorro e, por amor à humanidade, não atender ao pedido. Para esta escala de dor não há *régua* que sirva. Qualquer tentativa para descrever o amor de Deus por nós seria insuficiente.

Comentemos agora um pouco sobre a oração em si e o que Jesus nos ensinou com este exemplo.

Lucas é o único dos três evangelistas a nos dizer que “conforme o seu costume” (Lc 22,39) Jesus foi para o Horto das Oliveiras. É interessante notar que este lugar era especialmente apreciado por Jesus. Será neste lugar, após a sua ressurreição, que ele ascenderá ao Pai (cf. At 1,9-12). Podemos concluir com boa margem de segurança que este foi um lugar onde Jesus escolheu para rezar várias vezes, talvez pelo sentimento de paz que trazia para ele.

Sobre a importância da vigília e oração, os três sinóticos nos mostram que Jesus insistiu com seus discípulos para que as praticassem, para não caírem em tentação. Esta recomendação aparece duas vezes nestas curtas passagens, e aparecem nos três relatos, daí sua importância (cf. Lc 22,40.46; Mc 14,34.38 e Mt 26,38.41). Jesus rezou muitas vezes em favor da fé de seus discípulos, sabendo

perfeitamente que os prazeres do mundo poderiam facilmente fazer com que eles tomassem um rumo diferente do que aquele que ele havia lhes revelado. Jesus é muito claro nesta recomendação e para que não houvesse nenhuma dúvida, explica-lhes o porquê da necessidade de vigilância e oração: “Vigiai e orai para que não entreis em tentação. O espírito está pronto, mas a carne é fraca” (Mt 26,41 e paralelos Mc 14,38 e Lc 22,46). Também os lembrava da última petição do Pai Nosso (cf. BOCCALI; LANCELOTTI, 1983, p. 212).

Jesus mostra ao longo dos evangelhos uma característica importante para nós: ele gostava de orar sozinho. Mas este orar sozinho não significava que deveria estar longe das pessoas, ao contrário. Tanto é assim que ele toma Pedro, João e Tiago para ficarem vigiando com ele (cf. Mc 14,33 e Mt 26,37). É um momento extremamente delicado para Jesus: ele quer estar ao mesmo tempo *sozinho* com seu Pai, mas rodeado por seus amigos.

O momento não poderia ser pior para Jesus: sua dor atingira o limite das forças humanas. Possivelmente naquele momento Jesus se recordou de toda a sua vida: de sua infância em Nazaré, de seus vizinhos, daqueles camponeses e pescadores de vida pobre e sofrida, dos diaristas, dos desempregados, dos humilhados e rejeitados pela própria sociedade (aristocracia) judaica (que foi o povo escolhido de Deus!) e, finalmente, após ele ter passado três anos de sua vida em missão pelo Reino de Deus, mostrando com palavras e sinais uma outra vida possível, viu que tudo terminaria ali. As palavras utilizadas pelos evangelistas para descrever o que Jesus sentiu não são poucas: Lucas diz que ele “ajoelhou-se” (22,41); Marcos que ele encheu-se de “pavor e angústia” (cf. 14,33); que sua alma entrou em tristeza mortal (cf. 14,34) e que “prostrou-se com o rosto por terra” (cf. Mc 14,35). Só lhe restara apelar ao Pai. Na terra já não havia muito mais o que fazer<sup>58</sup>: “Aba! (Pai!), suplicava ele. Tudo te é possível; afasta de mim este cálice!” (Mc 14,36).

Resta ainda uma última observação sobre os discípulos: Lucas diz que Jesus “achou-os adormecidos de tristeza” (cf. Lc 22,45). Marcos esclarece que estavam dormindo “porque seus olhos estavam pesados; e não sabiam o que lhe responder” (cf. Mc 14,40). Ora, sabemos que Jesus orou várias vezes em favor da força da fé

---

<sup>58</sup> “O pedido de Jesus subordina-se à vontade do Pai, e esta submissão filial marca o início da redenção, tal como a insubordinação do primeiro homem foi o início da desgraça da humanidade (cf. Rm 5,19)” (BOCCALI; LANCELOTTI, 1983, p. 212).

de seus discípulos. Sabemos que eles haviam presenciado, em primeira pessoa, todas as maravilhas realizadas por Jesus, mas sabemos também que eram humanos, que tinham medo do que lhes poderia acontecer em Jerusalém (e quem não teria medo no lugar deles?). O que poderiam ter dito a Jesus naquele momento, após terem ouvido do próprio mestre sobre tudo que o Filho do Homem deveria passar? Pedro havia sido severamente repreendido por Jesus por tentar evitar que ele passasse por aquilo (cf. Mt 16,23). Já deveria ser relativamente tarde, considerando que este momento foi após a refeição de Páscoa. Assim, não seria de se estranhar o cansaço dos discípulos, seus receios e, talvez o mais importante, a tristeza que sentiam (Lc 22,45). No fundo, ainda não haviam compreendido na integralidade tudo o que estava ocorrendo. Isto só ficaria claro para eles após o Pentecostes. De tudo, o que nos parece, é que Jesus queria a companhia de seus amigos naquele momento tão difícil para ele. Ele mesmo sabia que seus amigos nada poderiam fazer em sua “hora”, mas os queria por perto. Ele os amava e sabia que precisariam passar por mais aquela provação. Pedro, novamente, ainda tentaria evitar os sofrimentos que queriam impor a Jesus e, novamente, Jesus o impediria:

Embainha tua espada, porque todos aqueles que usarem da espada, pela espada morrerão. Crês tu que não posso invocar meu Pai e ele não me enviaria imediatamente mais de doze legiões de anjos? Mas como se cumpriram então as Escrituras, segundo as quais é preciso que seja assim? (Mt 26,52-54).

Seu destino estava traçado, nada mais a fazer: “Chegou a hora: o Filho do Homem vai ser entregue nas mãos dos pecadores... Levantai-vos, vamos! Aquele que me trai está perto daqui” (Mt 26,45-46).

Finalizando gostaríamos de citar como Laplace resume esta oração de Jesus:

Jesus, fortalecido, se levanta, e vai com firmeza ao encontro do que mais lhe repugna. Ele, que é justo, vai à injustiça; ele que é sem mancha, vai à impureza; ele que é bom, vai ao ódio; ele que é imortal, vai à morte. Aí está o êxito de sua oração: permanecer com Deus em um mundo de pecado em que Deus está ausente e, deste modo, dar a Deus o mundo (p. 69 apud Potterie, 1992, p. 119, tradução nossa).

A oração de Jesus surtira efeito: apesar de toda dor na alma, angústia e sofrimento, não havia desespero, ao contrário: ao entrar em agonia “orava ainda com mais instância” (Lc 22,44). Sua oração ao Pai o enchera de coragem para viver a sua Paixão.

### 4.3.12 As orações na cruz

O momento mais terrível de Jesus chegou. Em sua oração anterior, no Horto das Oliveiras, Jesus não teve seu pedido atendido pelo Pai. Só “ouveu” o silêncio. Mesmo assim, aquela oração o deixara repleto de confiança para o momento de suplício inevitável. Porém, como veremos a seguir, Jesus não se desespera, ao contrário, mesmo no momento de maior dor física e emocional, ainda encontra forças para se manter firme em sua missão até o fim (cf. Jo 13,1).

Vejamos a seguir o que cada evangelista nos relata sobre a última oração de Jesus.

#### 4.3.12.1 Pai, perdoa-lhes; porque não sabem o que fazem

Já mencionamos mais de uma vez que Jesus teve por hábito, em toda a sua vida, a oração. Neste momento aterrorizante, além de rezar por si próprio, teve forças e amor para rezar também pelos outros. Lucas nos relata o que aconteceu quando chegaram ao calvário:

Chegados que foram ao lugar chamado Calvário, ali o crucificaram, como também os ladrões, um à direita e outro à esquerda. E Jesus dizia: Pai, perdoa-lhes; porque não sabem o que fazem (23,33-34).

Jesus pede ao Pai que seus algozes sejam perdoados porque não sabem o que fazem. Conforme nos mostra F. Heiler em seu livro *Das Gebet*, é algo novo na história das religiões, nenhum povo até então havia rezado por seus inimigos (apud POTTERIE, 1992, p.96). Mas, é um ato em total coerência com o que Jesus havia pregado em sua vida: “Eu, porém, vos digo: amai vossos inimigos, fazei bem aos que vos odeiam, orai pelos que vos [maltratam e] perseguem” (Mt 5,44) e, também quando Jesus diz:

Não resistais ao mau. Se alguém te ferir a face direita, oferece-lhe também a outra. Se alguém te citar em justiça para tirar-te a túnica, cede-lhe também a capa. Se alguém vem obrigar-te a andar mil passos com ele, anda dois mil. Dá a quem te pede e não te desvies daquele que te quer pedir emprestado (Mt 5,39-42).

Poderíamos nos perguntar por *quem* Jesus teria orado naquele suplício: aos seus executores apenas ou a todos? Parece certo que foi a todos: Jesus está se referindo ao povo judeu que havia seguido seus chefes e, assim, desprezando-o:



“Veio para o que era seu, mas os seus não o receberam” (Jo 1,11). Ao rezar pelo povo judeu, reza por todos aqueles que com seu pecado, desprezam conscientemente a Cristo (POTTERIE, 1992, p. 98).

Ainda sobre o perdão dado/pedido por Jesus àqueles que não sabiam o que faziam, Ratzinger comenta:

Com maior razão, permanece uma consolação para todos os tempos e todos os homens o fato de o Senhor, referindo-Se àqueles que verdadeiramente não sabiam – os algozes – como àqueles que sabiam e O tinham condenado, colocar a ignorância como motivo do pedido de perdão; de vê-la como porta que nos pode abrir à conversão (2011, p. 190).

Jesus, mesmo neste momento brutal, não quer ser um juiz rigoroso, mas aquele que perdoa sempre porque é misericordioso. Esta foi sua atitude durante a vida. Mais de uma vez não disse: “Vá e não peque mais”? (cf. Jo 5,14; 8,10).

É duro, mas mesmo ainda hoje, talvez, nossa sociedade ainda não se deu conta de que a Lei do Talião deva ser substituída pela Lei do Amor. Mas Jesus não desistiu. Até seus últimos momentos insistiu no amor. Num amor incondicional que vai, inclusive, para além da cruz, numa total doação de si à toda a humanidade pela sua salvação.

#### 4.3.12.2 Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?

Jesus se sente desamparado e quando chama por seu Pai, ele permanece em silêncio, aparentemente ausente. Assim, Jesus experimenta a solidão humana justamente num momento que precisa de Deus. “E Deus não interrompe esta solidão” (COMBLIN, 2010, p.47).

Esta oração é tirada dos textos de Marcos 15,34 e Mateus 27,46, porém, o papa Bento XVI nos lembra que uma particularidade destas orações de Jesus na cruz é estarem repletas de alusões ao Antigo Testamento e de citações retiradas dele. Também nos alerta que “não foram as palavras da escritura que suscitaram a narração dos fatos, mas os fatos, que num primeiro tempo eram incompreensíveis, levaram a uma nova compreensão das escrituras” (RATZINGER, 2011, p. 185-186).

Vejamos especialmente duas passagens da antiga escritura para melhor compreender esta oração: Salmo 21/22 e Isaías 53:

Primeiro o Salmo 21/22:

2 Meu Deus, meu Deus, por que me abandonastes? E permaneceis longe de minhas súplicas e de meus gemidos? 3 Meu Deus, clamo de dia e não me respondeis; imploro de noite e não me atendeis. 4 Entretanto, vós



habitais em vosso santuário, vós que sois a glória de Israel. 5 Nossos pais puseram sua confiança em vós, esperaram em vós e os livrastes. 6 A vós clamaram e foram salvos; confiaram em vós e não foram confundidos. 7 Eu, porém, sou um verme, não sou homem, o opróbrio de todos e a abjeção da plebe. 8 Todos os que me veem zombam de mim; dizem, meneando a cabeça: 9 Esperou no Senhor, pois que ele o livre, que o salve, se o ama. 10 Sim, fostes vós que me tirastes das entranhas de minha mãe e, seguro, me fizestes repousar em seu seio. 11 Eu vos fui entregue desde o meu nascer, desde o ventre de minha mãe vós sois o meu Deus. 12 Não fiqueis longe de mim, pois estou atribulado; vinde para perto de mim, porque não há quem me ajude. 13 Cercam-me touros numerosos, rodeiam-me touros de Basã; 14 contra mim eles abrem suas fauces, como o leão que ruga e arrebatava. 15 Derramo-me como água, todos os meus ossos se desconjuntam; meu coração tornou-se como cera, e derreteu-se nas minhas entranhas. 16 Minha garganta está seca qual barro cozido, pega-se no paladar a minha língua: vós me reduzistes ao pó da morte. 17 Sim, rodeia-me uma malta de cães, cerca-me um bando de malfeteiros. Traspassaram minhas mãos e meus pés: 18 poderia contar todos os meus ossos. Eles me olham e me observam com alegria, 19 repartem entre si as minhas vestes, e lançam sorte sobre a minha túnica. 20 Porém, vós, Senhor, não vos afasteis de mim; ó meu auxílio, bem depressa me ajudai. 21 Livrai da espada a minha alma, e das garras dos cães a minha vida. 22 Salvai-me a mim, mísero, das fauces do leão e dos chifres dos búfalos. 23 Então, anunciarei vosso nome a meus irmãos, e vos louvarei no meio da assembleia. 24 Vós que temeis o Senhor, louvai-o; vós todos, descendentes de Jacó, aclamai-o; teme-o, todos vós, estirpe de Israel, 25 porque ele não rejeitou nem desprezou a miséria do infeliz, nem dele desviou a sua face, mas o ouviu, quando lhe suplicava. 26 De vós procede o meu louvor na grande assembleia, cumprirei meus votos na presença dos que vos temem. 27 Os pobres comerão e serão saciados; louvarão o Senhor aqueles que o procuram: Vivam para sempre os nossos corações. 28 Não de se lembrar do Senhor e a ele se converter todos os povos da terra; e diante dele se prostrarão todas as famílias das nações, 29 porque a realeza pertence ao Senhor, e ele impera sobre as nações. 30 Todos os que dormem no seio da terra o adorarão; diante dele se prostrarão os que retornam ao pó. 31 Para ele viverá a minha alma, há de servi-lo minha descendência. Ela falará do Senhor às gerações futuras e proclamará sua justiça ao povo que vai nascer: Eis o que fez o Senhor.

Já o livro de Isaías, capítulo 53, traz um dos cantos do servo de Javé, que diz:

1 Quem poderia acreditar nisso que ouvimos? A quem foi revelado o braço do Senhor? 2 Cresceu diante dele como um pobre rebento enraizado numa terra árida; não tinha graça nem beleza para atrair nossos olhares, e seu aspecto não podia seduzir-nos. 3 Era desprezado, era a escória da humanidade, homem das dores, experimentado nos sofrimentos; como aqueles, diante dos quais se cobre o rosto, era amaldiçoado e não fazíamos caso dele. 4 Em verdade, ele tomou sobre si nossas enfermidades, e carregou os nossos sofrimentos: e nós o reputávamos como um castigado, ferido por Deus e humilhado. 5 Mas ele foi castigado por nossos crimes, e esmagado por nossas iniquidades; o castigo que nos salva pesou sobre ele; fomos curados graças às suas chagas. 6 Todos nós andávamos desgarrados como ovelhas, seguíamos cada qual nosso caminho; o Senhor fazia recair sobre ele o castigo das faltas de todos nós. 7 Foi maltratado e resignou-se; não abriu a boca, como um cordeiro que se conduz ao matadouro, e uma ovelha muda nas mãos do tosquiador. (Ele não abriu a boca.) 8 Por um iníquo julgamento foi arrebatado. Quem pensou em defender sua causa, quando foi suprimido da terra dos vivos, morto pelo pecado de meu povo? 9 Foi-lhe dada sepultura ao lado de facinoras e ao morrer achava-se entre malfeteiros, se bem que não haja cometido injustiça

alguma, e em sua boca nunca tenha havido mentira. 10 Mas aprouve ao Senhor esmagá-lo pelo sofrimento; se ele oferecer sua vida em sacrifício expiatório, terá uma posteridade duradoura, prolongará seus dias, e a vontade do Senhor será por ele realizada. 11 Após suportar em sua pessoa os tormentos, alegrar-se-á de conhecê-lo até o enlevo. O Justo, meu Servo, justificará muitos homens, e tomará sobre si suas iniquidades. 12 Eis por que lhe darei parte com os grandes, e ele dividirá a presa com os poderosos: porque ele próprio deu sua vida, e deixou-se colocar entre os criminosos, tomando sobre si os pecados de muitos homens, e intercedendo pelos culpados.

Mesmo num rápido olhar não há como não ver a conexão entre elas e a Paixão de Jesus.

Iniciando pelo Salmo 21/22, v.2, temos a frase completa da oração de Jesus quando se queixa: “Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?”. Ratzinger nos esclarece que este salmo representa o grande brado<sup>59</sup> angustiado do povo de Israel dirigido a Deus que, aparentemente, não se manifesta. Aqui não é simplesmente um chamar ou rezar, porque na angústia suprema, “a oração se torna um brado” (2011, p. 187), um clamor, um grito.

Os versículos 7 a 9 falam da zombaria que faziam junto daquele que ora. Já que o crucificado confiara em Deus, Ele que o liberte. O versículo 19 fala da divisão de suas roupas, exatamente como aconteceu com Jesus.

Mas este salmo não fala só de coisas tristes, ao contrário, fala da esperança do servo sofredor n’Aquele que pode libertá-lo, sobretudo os versículos 25 a 31 que se transformam numa profissão de confiança.

Quanto à Isaias 53, Ratzinger (2011, p. 83) faz as seguintes observações:

O servo de Javé que carrega sobre si a iniquidade de todos (53,6); que se oferece como sacrifício de expiação (53,10) e que toma sobre si o pecado de muitos (53,12), realiza em tudo isto o ministério de Sumo Sacerdote; cumpre a partir de dentro a figura do sacerdote. É conjuntamente sacerdote e vítima e, desse modo, realiza a reconciliação.

Da tradição judia, sabe-se que quando se cita parte de um texto, se quer ter presente todo seu conteúdo (BATAGLIA; URICCHIO; LANCELLOTTI, 1988, p.45; POTTERIE, 1992, p. 124), por isto que o salmo completo conclui um grito de confiança em Deus, não de desespero, embora certamente há a forte componente da angústia vivida por Jesus.

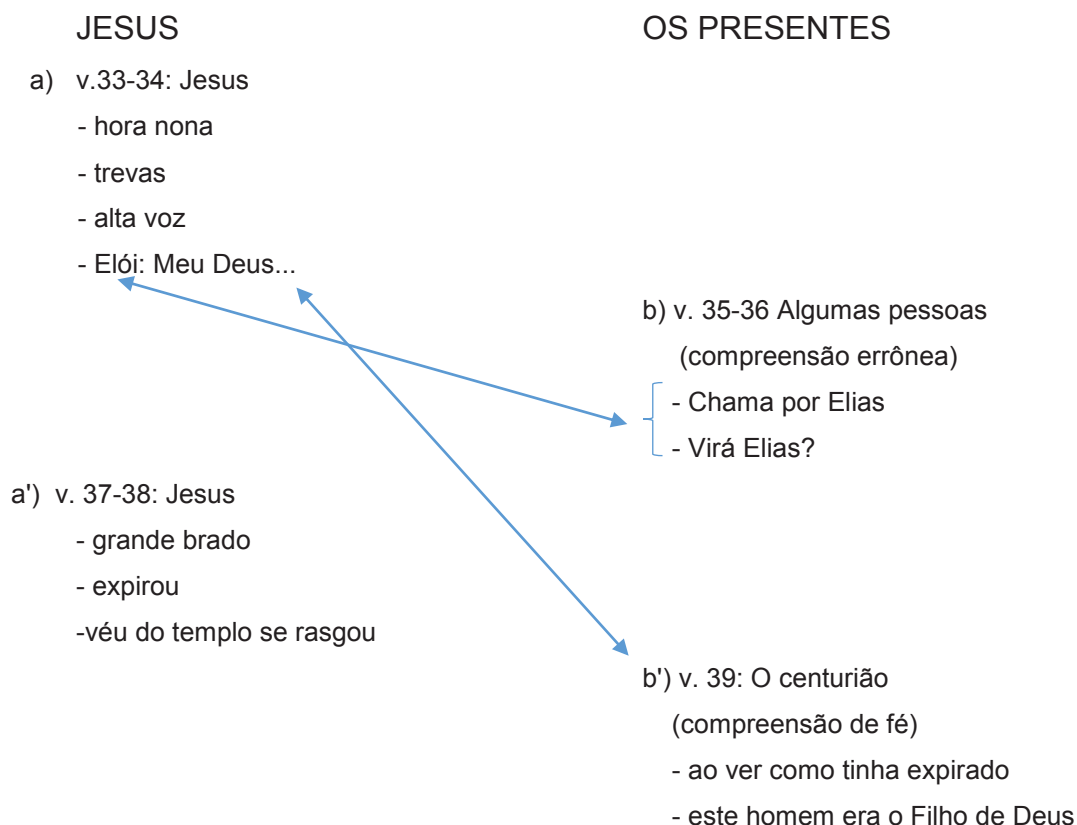
Deus não é um estranho para ele, por isto repete: “Meu Deus, meu Deus”. Neste momento de dor e solidão só espera ajuda de Deus, ainda que todos os

---

<sup>59</sup> Dependendo da tradução a palavra pode ser “brado”, “grito” ou “clamor”.

demais o tenham abandonado<sup>60</sup>. Conserva em seu coração a confiança que um filho dirige ao pai, só não o chama de Pai porque está citando o salmo.

Ainda há mais a se comentar sobre esta oração: Analisando toda esta passagem, ou seja, Mc 15,33-39, observamos alguns fatos extraordinários (POTTERIE, 1992, p. 125-127). Esta passagem consta de fatos paralelos e contrastantes. Seguindo o esquema a-a' e b-b', temos:



As circunstâncias que acompanham a morte de Jesus mostram que esta morte é um feito de revelação e alcance escatológico. Vejamos:

As trevas (*skotos*) que se estendem desde a hora sexta até a hora nona (v.33) pertencem a um contexto apocalíptico do Antigo Testamento (cf. Am 5,18; 8,9; Is 60,2 e Ez 32,8) que descreve o “Dia do Senhor”.

Para iniciar a oração, Marcos usa a expressão “*phônê megalê* (alta voz): Na hora nona (às três da tarde) Jesus bradou em alta voz (v.34) e, novamente, no versículo 37: “Jesus deu um grande brado e expirou”. Esta “alta voz”, que é mencionada duas vezes, pertencem também a um contexto teofânico de revelação

<sup>60</sup> Exceto sua mãe, João e algumas outras mulheres.

(cf. Mc 5,6-7; Lc 4,33-34; Ap 14,18; 19,17), referindo aqui à relação especial de Jesus com Deus, ou seja com seu Pai.

Marcos fala também do véu do templo que se resgou de cima a baixo (v.38). A tradição cristã, à luz de Hb 10,19-20, interpretou como a superação do culto antigo e o acesso de Jesus ao santuário celeste. Este fragmento significa também o fim do culto no templo<sup>61</sup> e a participação dos pagãos na salvação messiânica (cf. Mc 11,17). Daí decorre que, no versículo 39, quem confessa sua fé é um centurião romano. Potterie resume estas passagens assim:

Tomados todos juntos, estes detalhes mostram de modo convergente que a morte de Jesus na cruz é o grande acontecimento escatológico: a última oração de Jesus a seu Deus é a expressão mais alta de sua revelação messiânica durante sua vida terrena (1992, p. 126, tradução nossa).

Além do alcance escatológico, e aproveitando o esquema acima (a-a' e b-b'), vemos que o entendimento das pessoas que estavam por perto foi errôneo (v.35s), interpretando-o como um brado dirigido a Elias. Mas, na verdade, o entendimento correto foi o do soldado romano<sup>62</sup>: “Este homem era realmente o Filho de Deus” (v.39) (RATZINGER, 2011, p. 194). Também devido a esta passagem é que se diz que “junto da cruz, tem início a Igreja dos pagãos” (RATZINGER, 2011, p. 203).

Outros dois acontecimentos do evangelho de Marcos que nos ajudam a compreender melhor a revelação acima são o batismo (ver item 3.2.1) e a transfiguração (ver 3.2.6). Nestes dois importantíssimos eventos Deus se revela e chama Jesus de seu Filho. Ademais o batismo, no início da vida pública de Jesus, já é uma prefiguração do batismo que Jesus receberá na cruz:

‘Não sabeis o que pedis, retorquiu Jesus. Podeis vós beber o cálice que eu vou beber, ou ser batizados no batismo em que eu vou ser batizado?’ ‘Podemos’, asseguraram eles. Jesus prosseguiu: ‘Vós bebereis o cálice que eu devo beber e sereis batizados no batismo em que eu devo ser batizado’ (Mc 10,38-39).

Na Transfiguração, que ocorre alguns dias após o primeiro anúncio da Paixão, os três discípulos, Pedro, João e Tiago, que estavam com Jesus, ouvem

---

<sup>61</sup> “Por razões teológicas, hoje em geral se acredita que a laceração se verificou no véu interno: a economia do Antigo Testamento, compendiada no templo, declina para sempre no instante da morte de Jesus, quando ele, sacerdote e vítima, abre ‘o caminho para o Santo dos Santos’ (Hb 9,8; 10,19) (BATTAGLIA; URICCHIO; LANCELOTTI, 1988, p. 146).

<sup>62</sup> Em contraste com Ratzinger, para os teólogos Battaglia, Uricchio e Lancellotti, seria esperar demais que, naquele momento, o soldado romano pudesse ter compreendido o que o pensamento cristão posterior ligou à frase. Na verdade, com sua fala, o que o soldado quis dizer foi que Jesus era inocente (1988, p. 146).

uma voz que vem da nuvem: “Este é o meu Filho muito amado; ouvi-o” (Mc 9,7). Ora, esta recomendação de Deus para ouvirem seu Filho Jesus se referia justamente ao anúncio da Paixão feito alguns dias antes. Anúncio, aliás, que havia deixado todos os discípulos bastante impressionados.

Assim, a perfeita manifestação da filiação divina de Jesus ocorre justamente em sua Paixão, morte e ressurreição. Por isto, nenhum outro homem, por mais piedoso que fosse, poderia ter alcançado para a humanidade, a salvação.

Como podemos observar acima vemos que, apesar de ser uma curta oração, é de uma densidade teológica imensa. O silêncio de Deus e a ausência de seus amigos<sup>63</sup> fez com Jesus experimentasse, possivelmente, a pior experiência humana que alguém poderia ter: a dor física, emocional e espiritual de tudo o que ocorreu até chegar ao momento extremo da crucificação. Comblin assim escreve:

No Calvário, Jesus experimenta a cruz sem artifícios, a cruz nua e solitária. Jesus assume até o fim a sua missão solitária e sem subterfúgio. O homem Jesus carrega, sozinho, os seus atos. Não há Deus nem santo que venha carregá-los no seu lugar (2010, p.48).

Diríamos mais: não carrega apenas seus atos, mas o *pecado do mundo*. Ainda assim, Jesus não perde sua fé n’Aquele que poderia tirá-lo daquela situação. Jesus havia demonstrado em sua vida que não era com vingança ou com o poder do mundo que venceria o mal, mas com o poder do amor. Assim, sua entrega a Deus não é uma entrega de alguém resignado, que sabe nada poder fazer mas, ao contrário, justamente daquele que em extremo amor, obediência e confiança, se abandona nos braços do Pai justamente por saber que a morte não tem a última palavra: “Coragem! Eu venci o mundo” (Jo 16,33b).

#### 4.3.12.3 Pai, em tuas mãos entrego meu espírito

Em Lucas encontramos ainda o que seria a última oração (e as últimas palavras) de Jesus antes de sua morte para este evangelista: “Jesus deu então um grande brado e disse: Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito. E, dizendo isso, expirou” (Lc 23,46).

---

<sup>63</sup> Com a ressalva que já fizemos acima na nota 60.

Esta frase foi tomada do Salmo 30/31,6 (RATZINGER, 2011, p. 202), porém, aqui num sentido muito mais elevado. É uma oração curta, simples, mas de uma confiança imensa de Jesus em seu Pai. Mais uma vez vemos que não se trata de um momento de desespero, mas, ao contrário, de entrega do bem mais precioso que Jesus teve ao seu Pai: sua própria vida. O momento foi tão sublime que impressionou até mesmo o centurião romano, tão acostumado a ver pessoas morrendo, que disse: “Na verdade, este homem era um justo” (Lc 23,47b).

Gostaríamos de dar um passo a mais: Naquele momento Jesus sabia que toda sua missão estava concluída (veremos a seguir no comentário de Jo 19,30) e acima falamos da entrega, por Jesus, de seu bem mais precioso: sua vida. Ora, o que foi a vida de Jesus? Não foi fazer a vontade do Pai? Não foi cuidar de todos que haviam sido dados a ele (cf. Jo 6,39)? O maior amor não foi justamente dar a sua vida em favor de seus amigos (cf. Jo 15,13)? Então, será que este “grande brado” não foi justamente para que *toda a humanidade* “escutasse” que Jesus nunca a abandonaria? Já que ele não poderia mais ficar aqui, fisicamente falando, não quis ele que “sua vida”, ou seja, “todos nós”, fôssemos guardados, cuidados por Deus dali em diante? É possível maior manifestação de confiança do que esta num momento tão difícil? Ora, Jesus só pode se manifestar assim justamente porque sua confiança de Filho era plena no Pai. Sabia que o Pai não o abandonaria e também não abandonaria a humanidade, como de fato não abandonou: no tempo em que Jesus passou na Terra de sua ressurreição até sua ascensão e, depois, na presença do prometido Espírito Santo Paráclito (Jesus promete a vinda do Espírito Santo Paráclito por cinco vezes nos capítulos 13, 14 e 15 de João. Também não devemos esquecer de Mt 28,20).

#### 4.3.12.4 Tudo está consumado

Em João<sup>64</sup>, a última palavra de Jesus, é a manifestação da perfeita conclusão de sua missão: “Tudo está consumado” (Jo 19,30), tudo foi cumprido de acordo com a vontade do Pai (cf. Jo 19,28). O evangelista conecta aqui o que Jesus falou ao Pai no início da oração da hora: “Eu te glorifiquei na terra. Terminei a obra que me deste para fazer” (Jo 17,4).

Tudo o que aconteceu no processo da morte de Jesus dão testemunho de sua completa entrega nas mãos do Pai e de sua missão redentora. Um exemplo ocorre quando os soldados romanos estavam quebrando as pernas dos crucificados, em atendimento ao pedido dos judeus que solicitaram a Pilatos que não deixassem Jesus na cruz após o pôr do sol (cf. Jo 19,31) e, quando chegam a Jesus, vendo que já estava morto, não lhe quebram nenhum osso, ao invés disto, furaram-lhe o lado e jorrou sangue e água (cf. Jo 19,33s). Este foi o mesmo momento em que os cordeiros, da páscoa judia, estavam sendo degolados no templo e que não poderiam ter nenhum de seus ossos quebrados (Ex 12,46). Mais, este instante remete ao início do evangelho de João quando o Batista afirma sobre Jesus: “Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo” (Jo 1,29). Ratzinger nos fala sobre estas passagens que: “Jesus é o Cordeiro escolhido pelo próprio Deus. Na cruz, Ele carrega o pecado do mundo e ‘tira-o fora’” (2011, p. 204).

Jesus não tinha dúvida alguma do amor que Deus sentia por ele, mesmo neste momento terrível: “O Pai me ama, porque dou a minha vida para a retomar. Ninguém a tira de mim, mas eu a dou de mim mesmo e tenho o poder de a dar, como tenho o poder de a reassumir. Tal é a ordem que recebi de meu Pai” (Jo 10,17-18). Deste modo, sua vida terrena conclui com um confiado abandono e obediência nas mãos do Pai. Karl Rahner escreveu: “Na maior parte do Novo Testamento, a missão de Cristo, o Redentor, se apresenta seguindo a ideia chave da obediência ao Pai” (apud POTTERIE, 1992, p. 135).

Trata-se de uma obediência que vai sempre acompanhada de pleno amor ao Pai, não como aquela obediência de um escravo, mas a que flui de forma natural. Uma obediência que só pode ser explicada à luz de sua filiação divina (DE LA POTTERI, 1992, p. 136).

---

<sup>64</sup> Excepcionalmente deixamos este item de uma oração do evangelho de João junto com os comentários das orações nos evangelhos sinóticos por tratar-se do mesmo assunto.



#### 4.4 Orações no evangelho de São João

Reservamos este espaço para comentar as orações de Jesus no Evangelho de João e o fizemos separado dos evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas, motivados pelas conhecidas diferenças de João em relação aos sinóticos.

Para ilustrar a diferença entre os evangelhos sinóticos e o evangelho de João de um modo analógico, trazemos aqui as palavras de Felipe Fernández Ramos:

Ao passarmos dos evangelhos sinóticos ao de São João teremos a impressão de desembarcar num mundo novo. É como se, ao desembarcar, nos encontrássemos com uma montanha altíssima, serena e majestosa, cujo cume não podemos ver. De imediato, "alguém" desce daquela altitude inacessível, coloca-se no meio de nós e começa a descrever as suas belezas. Surge então a pergunta inevitável, ao mesmo tempo temerosa, sobre os possíveis caminhos de acesso a esta montanha. Então, o "alpinista", sentado no meio de nós, começa a nos relatar coisas assombrosas. Não podemos alcançar e ver toda a montanha: *Ninguém jamais viu a Deus...* (Jo 1,18). (Bíblia Ave Maria – Edição de Estudos, 2009, p. 259).

Algumas orações de Jesus são classificadas por Potterie como "orações filiais" e estas são encontradas quase que exclusivamente no evangelho de João, exceto uma: a oração de louvor ao Pai<sup>65</sup>, que é encontrada em Mateus e Lucas e por isto é chamada de "O hino de júbilo 'joânico' dos sinóticos" (1992, p. 155).

Vejamos a seguir as orações de Jesus neste evangelho.

##### 4.4.1 A oração em espírito e verdade

Aqui temos mais uma preciosa recomendação de Jesus sobre a oração, além de uma revelação muito importante, porém vamos contextualizar sobre o que sucedeu quando Jesus revelou tudo isto.

Inicialmente precisamos notar que estas orientações ocorreram no relato conhecido como *Jesus e a samaritana* (cf. Jo 4,22-23). A perícopé se inicia nos dizendo que quando Jesus soube que os fariseus tinham ouvido dizer que ele batizava mais que João [o batista], então ele decidiu voltar para a Galileia. Ao que parece esta informação deve tê-lo aborrecido ou ele apenas decidiu iniciar seu ministério público pela Galileia? Não sabemos com certeza, mas seja como for, o

---

<sup>65</sup> Comentada por nós no item 4.3.7



fato é que ele voltou para a Galileia. Porém, para voltar à Galileia Jesus e seus discípulos deveriam passar pela Samaria, terra hostil aos judeus, devido à rixa entre estes e aqueles, em função da questão do local de adoração a Deus. Jesus e seus discípulos chegaram em Sicar<sup>66</sup>, na Samaria, que fica aproximadamente a 50 km de Jerusalém, perto da hora do almoço, ou seja, por volta do meio dia<sup>67</sup>. Cansado Jesus senta próximo ao poço de Jacó<sup>68</sup>. Como não tinha com que tirar a água para beber, pede para uma mulher samaritana, que acabara de chegar para apanhar o precioso líquido. Esta, por sua vez, estranha o fato de um homem, *judeu*, estar lhe pedindo água. Mas Jesus, em sua sabedoria infinita, simplesmente responde: “Se conhecesses o dom de Deus, e quem é que te diz: Dá-me de beber, certamente lhe pedirias tu mesma e ele te daria uma água viva” (v.10) e “todo aquele que beber desta água tornará a ter sede, mas o que beber da água que eu lhe der jamais terá sede. Mas a água que eu lhe der virá a ser nele fonte de água que jorrará até a vida eterna” (v.13s). E, então, vem o mais surpreendente: a mulher lhe pede daquela água. É interessante notar que Jesus não precisou de muitas palavras, não precisou *brigar* com ela, apenas lhe deu atenção. E o diálogo transcorre amistosamente, tanto que a mulher o vê como um profeta (cf. v.19). Mas algo ainda a incomodava: como aquele judeu possuía tanta sabedoria, já que eles pensavam *diferente* dos samaritanos? E então ela interpela Jesus: “Nossos pais adoraram neste monte, mas vós dizeis que é em Jerusalém que se deve adorar” (v.20). E aqui ocorre algo de maravilhoso. Chegamos ao nosso ponto de maior interesse: Jesus aproveita aquele momento para duas coisas importantíssimas: a) Primeiro, explica sobre o que é a verdadeira adoração a Deus e onde esta deve ser realizada; b) depois faz uma revelação contundente.

a) Jesus explica à samaritana:

Vós adorais o que não conheceis, nós adoramos o que conhecemos, porque a salvação vem dos judeus. Mas vem a hora, e já chegou, em que os verdadeiros adoradores hão de adorar o Pai em espírito e verdade, e são esses adoradores que o Pai deseja. Deus é espírito, e os seus adoradores devem adorá-lo em espírito e verdade (v. 22-24).

---

<sup>66</sup> O destino da viagem de Jesus era Caná (Jo 4,46). Atualmente a distância entre Jerusalém e Caná na Galileia é de 145 km.

<sup>67</sup> Não é muito comum os evangelistas precisarem o horário de um acontecimento, quando isto ocorre é porque algo importante está por acontecer: era aproximadamente *meio dia*, a chamada *notação teológica*.

<sup>68</sup> Enquanto os discípulos vão a cidade para comprar alimentos.

A passagem não é muito clara inicialmente: o que significa “adorar a Deus em espírito e verdade?” Aqui não se trata simplesmente de uma novidade no sentido de se pensar num culto mais interior e menos ritualista, até porque os profetas já haviam alertado para isto. Adorar em “espírito e verdade significa adorar o Pai por meio de Jesus Cristo, que é a verdade<sup>69</sup>, e sob o impulso do Espírito” (RAMOS, 2006, p. 276). É envolver-se no mistério da Santíssima Trindade. O teólogo Felipe F. Ramos (2006, p. 276) complementa:

Os verdadeiros adoradores são aqueles que acolhem a vida e a misericórdia, a libertação e a saúde que Deus lhes revela e lhes comunica, respondendo à iniciativa divina mediante o exercício da fé. A adoração em espírito e em verdade não significa a condenação de todo culto exterior. O que caracteriza os verdadeiros adoradores não é a ausência de ritos, mas a firme vontade de ouvir e servir a Deus na pessoa de seu Enviado. O adorador é verdadeiro na medida em que acolhe a “verdade” de Deus e responde a ela mediante fé.

Já para Niccaci e Battaglia, “adorar em espírito e verdade” é:

“Espírito” é o Espírito Santo, isto é, aquela força divina pela qual os cristãos nascem “do alto” (cf. Jo 3,3-8) e por quem é dinamizada toda a sua vida. “Verdade” designa a palavra de Deus (cf. Jo 17,17) e a revelação de Jesus (cf. Jo 1,17). “Adorar o Pai em espírito e em verdade” é portanto a expressão do perfeito culto cristão, isto é, do culto que se eleva pelo influxo do Espírito no coração dos homens que creem na revelação de Jesus. Antes, porque o próprio Jesus é a Verdade (cf. Jo 14,6), é ele mesmo o lugar do culto cristão sob o influxo do Espírito, isto é, o novo Templo que substitui o antigo. Aparece assim o caráter trinitário do culto cristão, o qual se dirige ao Pai na luz do Espírito e no Cristo-Verdade (2000, p. 82).

PHEME PERKINS (2011, p. 760) diz ainda que apesar da importância do local cultural ter sido relativizada, a adoração não o foi. O evangelista João entende que o “Espírito” é o Espírito de Deus que purifica aquele que crê e que sua posse é permanente. Para João, Jesus é a verdade porque ele é a revelação de Deus (cf. Jo 8,45; 14,6; 17,17).

b) Jesus também faz uma revelação fundamental quando a mulher, já desconfiada de suas boas intenções, diz: “Sei que deve vir o Messias (que se chama Cristo); quando, pois, vier, ele nos fará conhecer todas as coisas” (v. 25). E Jesus lhe revela: “Sou eu, quem fala contigo” (v. 26). Que maravilha, que honra que aquela mulher, samaritana, desprezada pelos judeus, recebeu de nosso Senhor<sup>70</sup>.

<sup>69</sup> “Eu sou o caminho, a verdade e a vida; ninguém vem ao Pai senão por mim” (Jo 14,6).

<sup>70</sup> Os samaritanos, assim como os judeus, esperavam um messias. Fundamentavam-se em Dt 18,15ss sobre a vinda de um “Moisés ressuscitado”, que chamavam de *Taeb*, que significa ‘o vivente’, ‘o restaurador’. Este profeta do Altíssimo faria milagres, restabeleceria a lei e o verdadeiro culto e levaria o conhecimento de Deus a outros povos (RAMOS, 2006, p. 277).

Aqui mais uma forte evidência da diferença entre os sinóticos e João. Lá Jesus impõe silêncio sobre sua pessoa e alguns de seus sinais, o chamado “segredo messiânico”, aqui o evangelista João fala abertamente, desde o início de seu evangelho, sobre o Filho de Deus (RAMOS, 2006, p. 277).

Finalmente os discípulos voltam da cidade e quando veem Jesus conversando com a mulher samaritana, ficam maravilhados. Já era tarde, realizaram uma grande caminhada pela manhã e Jesus (pelo menos) ainda não havia se alimentado. Assim, pedem que ele coma, mas Jesus, aproveitando cada instante, ensina-lhes mais uma lição: “Tenho um alimento para comer que vós não conheceis” (v. 32), “meu alimento é fazer a vontade daquele que me enviou e cumprir a sua obra” (v. 34).

Em apenas poucos minutos Jesus promovera uma transformação radical na forma e no local de se adorar a Deus. Quis resgatar o bom relacionamento entre judeus e samaritanos (todos são filhos de Deus). Fazia uma revelação da maior importância àquela<sup>71</sup> mulher, resgatando assim, mais uma vez a sua dignidade<sup>72</sup>. Mostrou qual era o seu verdadeiro “alimento”. E, finalmente, a perícopé conclui com uma linda declaração de fé daqueles que eram desprezados pelos judeus: “E diziam à mulher: Já não é por causa da tua declaração que cremos, mas nós mesmos ouvimos e sabemos ser este verdadeiramente o Salvador do mundo” (v. 42).

#### 4.4.2 A oração junto ao túmulo de Lázaro

No contexto desta oração (cf. Jo 11,1-44) temos uma das maiores revelações feitas por Jesus: “Eu sou a ressurreição e a vida. Aquele que crê em mim, ainda que esteja morto, viverá. E todo aquele que vive e crê em mim, jamais morrerá” (Jo 11,25-26). Dentro das características do evangelho de João, estamos diante do *principal sinal*: A doença e a morte não têm a última palavra, Jesus tem o poder de nos ressuscitar, aliás Paulo nos lembra isto: “O último inimigo a derrotar será a morte” (1Cor 15,26).

---

<sup>71</sup> Lembremos que as mulheres eram desprezadas na sociedade daquela época.

<sup>72</sup> Há ainda várias outras passagens onde Jesus dá o devido valor às mulheres.

Como foi esta oração de Jesus junto à tumba de seu grande amigo Lázaro? O que Ele sentiu? O que Ele nos revelou? Vejamos a seguir.

Após a tentativa de apedrejamento de Jesus durante a Festa da Dedicção (Jo 10,22-42), ele e seus discípulos haviam se retirado para além do Jordão, no local onde havia iniciado sua vida pública, onde ele havia sido batizado (Jo 10,40). Durante estes dias, um mensageiro veio lhe avisar, a pedido de suas amigas Marta e Maria (ver Lc 10,38-42), que o irmão delas, Lázaro, havia ficado gravemente doente. Aqui notamos mais uma das características do evangelho de João: nada é em segredo. Jesus explica já no início do acontecimento, porque Lázaro ficara doente: para a glória de Deus e para a glorificação do Filho de Deus (cf. v.4). Apesar de Jesus amar aquela família<sup>73</sup> ele não foi imediatamente em socorro a seu amigo, mas demorou-se onde estava ainda por dois dias. Era necessário. Quando finalmente decide ir à Betânia, que ficava muito próxima à Jerusalém, alguns discípulos o contestaram, pois estavam com medo de serem atacados ou que lhes acontecesse coisa pior. Mas Jesus sabia que sua hora ainda não havia chegado e, por isto, podia ainda fazer o que era necessário para o cumprimento do Plano de Deus. Pois bem, quando chega próximo ao local onde Lázaro havia sido sepultado, Marta logo o vê e sai correndo em sua direção e aí temos uma linda profissão de fé<sup>74</sup>. Lembremo-nos das dúvidas e opções de Marta nos sinóticos (cf. Lc 10,38-42) e, agora, o contraste demonstrado: se por um lado estava triste pelo ocorrido a seu irmão e reclama a Jesus, por outro, o faz dentro de uma imensa perspectiva de fé:

Senhor, se tivesses estado aqui, meu irmão não teria morrido! Mas sei também, agora, que tudo o que pedires a Deus, Deus te concederá. Disse-lhe Jesus: Teu irmão ressurgirá. Respondeu-lhe Marta: Sei que há de ressurgir na ressurreição no último dia (v. 21-24).

E Jesus lhe revela:

Eu sou a ressurreição e a vida. Aquele que crê em mim, ainda que esteja morto, viverá. E todo aquele que vive e crê em mim, jamais morrerá. Crês nisto? (v. 25-26).

---

<sup>73</sup> Que provavelmente conheceu há tempos quando das viagens com seu pai e sua mãe à Jerusalém, ou até mesmo da época que atuava com seu pai José como carpinteiro/construtor. Segundo Pagola, o termo grego tektôn não deve ser traduzido por “carpinteiro”, mas por “construtor”. A palavra designa um artesão que trabalha com diversos materiais, como a pedra, a madeira e mesmo o ferro (2010, p. 79, nota 49).

<sup>74</sup> Que nos evangelhos sinóticos fora reservada a Pedro (Mc 8,27-30; Lc 9,18-22 e Mt 16,13-23).

Marta, uma nova pessoa, renovada e purificada pela experiência que teve de Jesus, então faz a sua profissão de fé: “Sim, Senhor. Eu creio que tu és o Cristo, o Filho de Deus, aquele que devia vir ao mundo” (v. 27).

Jesus declara abertamente que: “Eu sou *a ressurreição e a vida*” (v.25). É um pequenino versículo, mas de uma importância enorme. Nele temos duas informações da maior importância.

A primeira, o “eu sou”, nos remete diretamente à sua natureza divina (cf. Ex 3,14), reconhecida, aliás, pela própria Marta (v.27); e a segunda informação, “*ressurreição e a vida*”. Ressurreição e vida são termos inter-relacionados: a ressurreição leva necessariamente à vida, tanto é assim que em alguns manuscritos gregos, latinos e siríacos o termo *vida* é omitido (RAMOS, 2006, p. 299). Seria suficiente apenas a frase “*eu sou a ressurreição*” para que todos compreendessem que Jesus estava falando da vida. Assim a “ressurreição e a vida” expressam o sentido último da missão de Jesus: comunicar a vida em sua plenitude ao ser humano (cf. Jo 10,10).

Felipe F. Ramos (2006, p. 299) acrescenta:

O que Jesus promete é muito mais do que Marta espera. Para o crente, a morte fora relativizada. Terá que passar por ela, pelas exigências da mesma natureza mortal, mas não ficará sepultado nela; a morte, em seu aspecto de fim-destruição-aniquilação, fora superada pela vida (Jo 11,25). Deus, que é a vida, não pode abandonar os seus no momento supremo da morte: os fará participar de sua vida; os introduzirá em seu reino, que é tudo o que for oposto ao pranto, à dor e à morte.

Logo após este diálogo com Marta, Jesus pede que Maria seja chamada à sua presença. Maria mal acabara de ouvir que Jesus estava ali e saiu *imediatamente* ao seu encontro. Certamente uma cena impactante e de contornos de profunda emoção. Maria, diferentemente de sua irmã, nunca duvidara do poder de Jesus (tinha escolhido a “melhor parte”), por isto tinha em seu coração que, se Jesus tivesse chegado antes, seu irmão não teria morrido. Cai aos pés do Mestre e põe-se a chorar e, neste instante, o coração de Jesus estremece. A situação que já estava carregada de emoção, atinge seu clímax e Jesus chora<sup>75</sup> (v. 35). Não há mais o que se esperar: Jesus vai até o sepulcro de seu amigo e ordena que tirem a

---

<sup>75</sup> Talvez este choro de Jesus não tenha sido apenas pela profunda dor de seus amigos, mas por todos nós que um dia passamos ou passaríamos pela misteriosa dor que a morte nos inflige. O resultado da desobediência do homem à Palavra de Deus resultou na dor da morte e só Aquele que dá a vida poderia nos resgatar deste fim desolador. Seja como for, humanamente falando e por maior que seja nossa fé, a experiência de perder um ente querido é por demais dolorida. Quem pode garantir que Jesus não sentiu tudo isto naquele momento?

pedra que o fechava. Mas Marta novamente o contesta: Cheira mal, pois já se havia transcorrido quatro dias<sup>76</sup>! Marta, apesar de sua fé renovada, nunca havia presenciado uma cena como aquela, nem ninguém daquele povo<sup>77</sup>.

Continuando, chega o grande momento: Jesus ora ao Pai em público e o agradece, antes mesmo do grande sinal:

Levantando Jesus os olhos ao alto, disse: Pai, rendo-te graças, porque me ouviste. Eu bem sei que sempre me ouves, mas falo assim por causa do povo que está em roda, para que creiam que tu me enviaste (v.41s).

A oração de Jesus ocupa o centro da cena e explica o sentido e a finalidade, do milagre. Todos que ali estavam devem compreender que Cristo está para realizar a ressurreição não por si próprio, mas pelo poder que Deus lhe havia conferido (NICCACI; BATTAGLIA, 2000, p. 181).

E a seguir ocorre o milagre e o final da perícopre:

Depois destas palavras, exclamou em alta voz: Lázaro, vem para fora! E o morto saiu, tendo os pés e as mãos ligados com faixas, e o rosto coberto por um sudário. Ordenou então Jesus: Desligai-o e deixai-o ir. Muitos dos judeus, que tinham vindo a Marta e Maria e viram o que Jesus fizera, creram nele (v43-45).

Ora, a glória de Deus e a glorificação do Filho de Deus a que nos referíamos no início deste item era justamente que todos cressem que Jesus era o Filho de Deus; que todos que ali estivessem não duvidassem mais disto. Convém lembrar de quantas vezes Jesus orou pelos seus discípulos. No início desta perícopre ele lhes disse: “Alegro-me por vossa causa, por não ter estado lá, para que creiais” (v.15). Pois ele sabia que aquele advento ajudaria no aumento de fé de todas as testemunhas mas, sobretudo, daqueles seus amigos mais próximos, os discípulos. Por isto, mesmo antes do grande sinal, louva a seu Pai pelo que logo estaria acontecendo, pois sabia que Deus sempre o escutava. Esta oração de Jesus expressa de modo inequívoco o seu sentimento de profunda união com o Pai e esta ligação que só o próprio Filho pode ter.

---

<sup>76</sup> Para os judeus, após o quarto dia da morte, a alma já havia deixado definitivamente o corpo: não seria mais possível voltar à vida (NICCACI; BATTAGLIA, 2000, p. 181).

<sup>77</sup> É bom ter em mente que no caso das outras ressurreições que ocorrem nos sinóticos, ainda não havia transcorrido tanto tempo como agora: quatro dias!

### 4.4.3 A Oração da Hora

A missão de Jesus estava chegando ao fim. Após a ceia, num momento profundamente solene, Jesus faz uma belíssima oração a qual temos o privilégio de termos acesso (cf. Jo 17,1-26). Esta é a oração mais longa de Jesus nos evangelhos.

Jesus teve visão do todo: não rezou apenas por ele, mas também por seus discípulos e por todos nós. O amor que demonstra por Deus nos comove, porque em suas orações, e de modo muito especial nesta, não se dirige a Deus como nós, que precisamos, de certo modo, nos *esforçar* para *estar*, *alcançar* Deus, mas fala como quem já está com Ele: “Eu e o Pai somos um” (Jo 10,30); como aquele que faz as obras que seu Pai lhe designou: “...crede nas minhas obras, para que saibais e reconheçais que o Pai está em mim e eu no Pai” (Jo 10,38). Sabe, portanto, que, seja qual for a situação, seu Pai jamais o abandonará: “Mas não estou só, porque o Pai está comigo” (Jo 16,31).

Vejamos abaixo esta grande oração da *Hora*.

#### 4.4.3.1 Jesus ora em favor de si mesmo (v. 1-5)

Finalmente *a hora* de Jesus chegou. O momento em que passará por sua paixão e morte, mas também por sua ressurreição. Sabendo que concluiu toda a obra que o Pai lhe dera (v.4), em sua oração pede o prêmio que lhe estava reservado desde toda a eternidade: a sua glorificação, a volta para junto do Pai.

São apenas cinco versículos, mas que abarcam toda a humanidade: a volta de Jesus ao Pai não é mais simplesmente a volta de Jesus como o Verbo do Pai, mas a volta de Jesus com toda *a sua humanidade*. E a expressão “toda a sua humanidade” leva aqui um duplo sentido: toda a humanidade de Jesus em si mesmo (sua encarnação, sua pertença ao mundo, sua vivência de todas as experiências humanas) e toda a humanidade dada por seu Pai a Ele, que, agora, reconciliada com Deus, é abarcada por Jesus. Potterie resume esta passagem:

A última realização do Reino de Deus é a glorificação de Jesus, para que a glória do Filho (da que participa sua humanidade) abarque todos os homens. Este é o fim último de sua missão; esta é a vida eterna pela qual ora: Tu, [Pai] lhe deste [= ao Filho] *poder sobre todos os homens, para que*



*ele dê a vida eterna a todos os que tu lhe tenhas dado* (1992, p. 82-83, tradução nossa).

A respeito destes versículos temos algumas informações importantes de Niccaci e Battaglia (2000, p.228-229):

- Glorifica teu Filho (v.1): é o primeiro pedido da oração, do qual tudo depende. Significa a vitória sobre a morte através da aceitação da obra de Jesus por parte do Pai, a volta para Deus, e ao mesmo tempo a revelação ao mundo destes mistérios e do valor salvífico que eles revestem. Jesus ora por si, pela sua própria glorificação, mas com o objetivo de poder continuar a glorificação do Pai (para que teu Filho te glorifique a ti), glorificação já iniciada nos discípulos (v.4).
- Os v. 2-3 ocupam a posição central no trecho. Indicam em que consiste a manifestação da glória de Jesus e do Pai aos homens: dar a vida eterna. Este dom do Cristo aos que creem é realidade já nesta vida (cf. Jo 3,15; 11,25-26), mas chegará à plenitude só há vida futura (v. 24).
- No v. 3 Jesus define no que consiste a vida eterna (cf. Jo 6,39): “...conheçam a ti...”. “Conhecer”, como já vimos, indica um relacionamento íntimo com alguém (ver 10,14); por isso a verdadeira fé, isto é, a adesão pessoal e duradoura ao Pai e ao Filho é no homem, já agora, “vida eterna”, a qual se tornará um dia sua posse plena e definitiva.

Vejamos agora a oração que Jesus faz em favor de seus discípulos.

#### 4.4.3.2 Jesus ora em favor de seus discípulos (v. 6-19)

Já havíamos feito notar que Jesus ora diversas vezes por seus discípulos e aqui não é diferente. Dos 26 versículos da oração do capítulo 17 de João, Ele dedica 14 (mais da metade) para interceder por seus amigos.

Jesus havia feito tudo o que o Pai lhe havia recomendado. Porém nem todos o haviam escutado. Por isto, nesta parte da prece, não roga “pelo mundo”, mas por aqueles que continuariam a sua missão. Entrelaçado em sua oração, Jesus nos



mostra um sentimento sublime: tudo que é dele é simultaneamente do Pai e vice-versa<sup>78</sup>. Antevendo o que ocorrerá em breve, roga por seus discípulos (v.10b). Sabe que já não pertence mais “a este mundo”. E por isto, roga a seu Pai Santo que a união de seus discípulos seja como a dele e a do Pai (v.11). Sabe que logo estará novamente nos braços do Pai e por isto, enquanto ainda está com seus discípulos, dirige esta oração a Deus para que eles tenham a plenitude da alegria que sente. Esta alegria foi fazer a vontade de seu Pai (v.13), não por obrigação, mas por amor<sup>79</sup>.

Jesus conheceu bem as tentações do mundo, sabia que nem todos conseguiriam resistir às ciladas do inimigo. Possivelmente triste por saber que nem todos acataram a sua mensagem de amor e salvação, ora ao Pai, sabendo que o mundo “os odiava” porque *não eram do mundo*, pelo menos não eram do mundo diferente daquele imaginado por Deus. Mas, mesmo assim, não pede ao Pai que os tire do mundo, mas que os preserve do mal (v14s). Segundo Potterie: “A separação deve ocorrer em seu coração por meio de uma contínua conversão e uma renovação interior sob o impulso do Espírito Santo” (1992, p. 85, tradução nossa).

Pede, mais ainda, que seus discípulos sejam santificados pela Verdade, por sua Palavra, por Deus (v.17). “Esta santificação dos discípulos é obra do Espírito Santo (cf. Jo 15,27), mas Jesus pede ao Pai de quem tudo depende” (NICCACI; BATTAGLIA, 2000, p. 232). Jesus sabe que a santificação sem ação (se é que é possível) de nada vale. Por isto havia lhes enviado ao mundo (v.18) e ainda os haveria de enviar novamente. A maior missão de seus discípulos começaria justamente após a sua ascensão, depois do Pentecostes. Lembremos as palavras de Jesus a seus discípulos: “Em verdade, em verdade vos digo: aquele que crê em mim fará também as obras que eu faço, e fará ainda maiores do que estas, porque vou para junto do Pai” (Jo 14,12).

---

<sup>78</sup> Quanto a nós, nem sempre sentimos isto em relação aos nossos pais e muito menos em relação a Deus, mas isto se manifesta de modo natural para Jesus.

<sup>79</sup> Sabe que partirá em breve, mas seus amigos não ficarão desamparados: no evangelho de João, durante a última ceia, Jesus promete a vinda do Espírito Santo por cinco vezes nos capítulos 14, 15 e 16.

#### 4.4.3.3 Jesus ora por todos nós (v. 20-26)

Ninguém foi esquecido por Jesus em sua “hora”. Agora ele reza por todos nós porque a salvação desejada por Deus não foi apenas para alguns. Assim, ele insiste que acreditemos que sua origem procede do Pai (v.21 e 22), porque foi Deus quem o enviou, e o enviou para nos salvar. Esta salvação ocorre na medida em que toda a humanidade acredite nele e naquilo que ele ensinou. Somente aceitando seus ensinamentos poderemos ser todos em *um*: em Jesus. Mais, Jesus diz a Deus que nos deu a glória que ele recebeu. Ora, esta glória consiste em que ele nos revelou tudo aquilo que ele mesmo viu e ouviu de Deus (cf. Jo 4,34; 14,9, etc.). Deste modo, agindo como Jesus nos ensinou, seremos perfeitos, porque a perfeição advém de fazermos o que o próprio Deus nos ensinou por meio de Sua Palavra, de Jesus Cristo e isto nos leva à salvação. Disse ele: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida” (Jo 14,6).

Jesus finaliza sua oração com um desejo que extrapola a dimensão do tempo: quer que nós estejamos com ele onde ele estiver. Fala no presente, não no passado nem no futuro. Quer que vejamos a sua glória; que conheçamos a Deus para que possamos sentir o mesmo amor que Deus tem por ele e que ele tem por Deus. Isto é reconfortante: Jesus nos ama do mesmo modo que Deus o ama. Jesus nos quer junto d’Ele agora e sempre. João nos mostra isto de maneira sublime em sua primeira carta: “Caríssimos, amemo-nos uns aos outros, porque o amor vem de Deus, e todo o que ama é nascido de Deus e conhece a Deus. Aquele que não ama não conhece a Deus, porque *Deus é amor*” (1Jo 4,7-8, grifo nosso).

Neste momento difícil da vida de Jesus, onde estaria apenas por mais algumas poucas horas com seus amigos, vemos brotar de seu coração esta oração cheia de esperança e de confiança absoluta no Pai. A missão recebida de Deus estava praticamente concluída e assim Jesus pede ao Pai por ele, pelos seus discípulos e por todos nós. Dois pontos fortes ficam evidenciados neste momento: primeiramente, esta oração demonstra a preocupação de Jesus sobre a continuidade do Reino de Deus, iniciado por ele e que deveria, dali em diante, ser continuado por seus discípulos. Daqui decorre o segundo ponto: Jesus parece se preocupar mais com seus discípulos do que consigo mesmo, pois sabia que a participação deles seria fundamental na continuidade do Reino de Deus. Sabia que

seus ensinamentos deveriam ser levados ao mundo inteiro justamente por aqueles que ele havia escolhido.

Jesus deixa transparecer tão belamente nas entrelinhas desta oração a ação da Santíssima Trindade: o plano é do Pai e Jesus o cumpriu. Porém, sabe que não poderá mais continuar aqui: sua missão fora realizada. Contudo, o amor que sente por todos aqueles que lhes fora dado por seu Pai é enorme. Deseja ardentemente que sempre estejamos junto com ele, tanto que, em outra passagem, diz a seus discípulos preocupados:

Não se perturbe o vosso coração. Credes em Deus, crede também em mim. Na casa de meu Pai há muitas moradas. Não fora assim, e eu vos teria dito; pois vou preparar-vos um lugar. Depois de ir e vos preparar um lugar, voltarei e tomar-vos-ei comigo, para que, onde eu estou, também vós estejais. E vós conheceis o caminho para ir aonde vou (Jo 14,1-4).

Mas ele mesmo, em sua forma carnal, não poderá mais ficar aqui. De agora em diante ele estará eternamente conosco no Espírito Santo Paráclito. Assim vemos, mais uma vez, que o Plano de Deus não é um plano isolado, não é um plano escrito por uma “única mão”, mas é algo desejado no amor pela Trindade. Deus age por amor, um amor que não cabe, por assim dizer, nem mesmo n’Ele, mas que transborda na vida de seu Filho e no dom que nos é dado, o Espírito Santo.

## 5 Conclusão

Neste trabalho pudemos observar vários aspectos da vida de Jesus, como os aspectos históricos, externos e internos à sua oração.

Nos aspectos históricos, capítulo 1, nos chama atenção o modo de vida do povo judeu, marcado por uma forte “presença” de Deus nos afazeres de seu dia a dia, seja pelas várias orações, seja pela importância que davam à Palavra de Deus proclamada, ouvida e comentada aos sábados, seja nas grandes festas que marcavam as intervenções de Deus em favor de seu povo.

Jesus cresceu no meio disto tudo. Estas experiências religiosas, bem como o testemunho dos mais piedosos e, sobretudo, o exemplo de seus pais, ficaram impressos em seu coração. Tudo isto seria recordado por ele mais tarde e elevado à plenitude nos diversos exemplos que nos deixou em sua vida pública.

No capítulo seguinte, nos concentramos em algumas questões fundamentais sobre o aspecto externo da oração de Jesus: analisamos *onde*, *quando* e *como* ele rezava. Os evangelhos não estão preocupados em relatar os pormenores dos lugares onde Jesus orava, porque se concentram na pessoa dele. Assim, sua oração não estava ligada a um local específico como o Templo de Jerusalém ou as sinagogas. Jesus demonstra isto de modo muito claro: gostava de orar sozinho. Agora o “novo” local de oração é ele mesmo, Ele é o novo “Templo” para as orações.

Ao longo deste estudo sobre o “lugar” de oração de Jesus, talvez o traço mais marcante é um detalhe subjacente, que pode passar despercebido num primeiro olhar: Jesus, de modo cristalino, ensina *como* devemos orar (Mt 6,5-6), nos ensina até mesmo *o que* dizer na oração – Pai Nosso (Mt 6,9-13) – quase como um professor que no primeiro ano de ensino escolar pega nas mãos de seus alunos e os ensina a escrever. Um amor que transborda de Deus, que se fez homem, para chegar e ficar *pessoalmente* com os homens – mas...ele mesmo, *não tinha um lugar seu*, para fazer as orações (Lc 9,58) e, por isto, costumava retirar-se para orar sozinho, *várias vezes no alto*, numa montanha pois, por ser completamente humano e como nós, antropológicamente falando, estar “no alto” é estar mais próximo de Deus. Jesus não tinha um lugar, mas paradoxalmente, ao mesmo tempo, tinha vários “lugares” para estar mais próximo de seu Abbá. Mais ao final se sua vida pública vemos, especialmente no evangelho de João, que Jesus sentia que ele vivia

em Deus e que Deus vivia n'Ele. Assim, não hesitou em responder para Filipe que pedira para ver o Pai: “Há tanto tempo que estou convosco e não me conhecestes, Filipe! Aquele que me viu, viu também o Pai. Como, pois, dizes: Mostra-nos o Pai...” (Jo 14,9).

O que realmente importa é estar *com* Jesus, “adorar o Pai em espírito e verdade” (Jo 4,23), o local pouco importa.

Sobre o “quando” Jesus orava vemos que ele era muito espontâneo. Diferentemente dos profetas e do povo de seu tempo, vivia em oração, tanto é assim que J. Jeremias afirma: “Devemos, pois, concluir com bastante probabilidade que não houve nenhum dia em que Jesus não tivesse observado as três horas de oração, nenhuma refeição sem que tivesse rezado à mesa antes e depois” (JEREMIAS, 1977, p. 287). Orar, para Jesus, fazia parte de sua vida. Não era um fardo pesado a se levar, ao contrário, lhe dava forças para sua missão, permitia render graças a Deus pelo seu amor e poder diante da cura de um enfermo ou diante da revelação de seus mistérios aos pequeninos de seu reino. Jesus queria, precisava se manter em contato contínuo com o Pai como que para “checar” se sua missão de anunciar o Reino de Deus estava ocorrendo conforme a vontade dele. Dividia com seu querido *Abbá* (com o perdão do pleonasmo) as grandes decisões em seu ministério salvífico, seja na escolha de seu pequeno grupo, seja antes de um grande milagre, ou para pedir a Deus a fé para seus discípulos<sup>80</sup>. Ou seja, nos ensinou que devemos orar *sempre*, como a viúva que importunava o juiz (cf. Lc 18,1-9), ou o vizinho que importunava o outro vizinho (cf. Lc 11,5-13).

Quanto ao *como* rezar, quais gestos e posições, a Bíblia nos dá algumas pistas, mas uma vez mais, não é tanto o gesto exterior que agrada a Deus e sim a disposição interior do fiel. Jesus orientou seus discípulos que o importante era a oração sincera, com uma maior interioridade, mais aos moldes dos profetas e salmistas do que propriamente do povo judeu de seu tempo, que havia perdido a sublimidade da oração em troca de aparências externas. Jesus não desprezou os gestos e posições de seu tempo, ele mesmo quando rezou se ajoelhou, ergueu suas mãos para o céu, olhou para o céu (mas não necessariamente para o Templo), chegou até mesmo a prostrar seu rosto ao chão, mas ensinou que gestos externos desacompanhados de reta intenção não agradam a Deus. O que vemos nos gestos

---

<sup>80</sup> Transfiguração (Lc 9,28-36), Oração Sacerdotal (Jo 17), etc.

de Jesus não é algo do rito oficial, mas algo que brota espontaneamente de seu coração, do mais íntimo contato com Deus, ele que vive uma relação única com o Pai por estar, a qualquer preço, disposto a levar a cabo sua missão: o Reino de Deus para a salvação da humanidade.

Finalmente no último capítulo chegamos ao ponto culminante de nossa pesquisa: o *porquê* das orações de Jesus. Antes de adentrar neste assunto, entretanto, analisamos primeiramente alguns “problemas”: Jesus tinha consciência de sua missão? Se era Deus, então por que rezava? Só reza quem tem pecado? Demonstramos que sim, Jesus tinha consciência de sua missão, e que podia rezar, pois apesar de ser a segunda pessoa da Santíssima Trindade, pela sua dupla natureza, humana e divina (natureza hipostática), como homem poderia e deveria orar.

O contexto da vida d’Ele, os lugares, os momentos e a forma como ele rezava são muito interessantes, mas saber o porquê de suas orações, é para nós cristãos, ponto de grande de interesse.

Assim, destacamos algumas características marcantes nas orações de Jesus, vejamos:

- a) Primeiramente notamos que Jesus se relacionava com Deus de modo completamente diferente das outras pessoas de seu tempo, e mesmo de antes (por exemplo, dos profetas, ou reis). Jesus sempre falou de Deus como alguém do presente, vivo, não distante ou desinteressado pelo seu povo. Do mesmo modo Jesus sempre enalteceu o amor misericordioso de Deus, justamente como um pai amoroso trata seu filho; no caso de Jesus foi justamente o seu *Abbá*.
- b) Jesus sente-se amado por Deus. Quando reza, é como se estivesse falando com alguém próximo (mesmo fisicamente falando). E este amor é recíproco: Jesus sente-se amado, mas ama muito seu Pai. Esta união que “liga” os dois só é possível com a força e a presença do Espírito Santo.
- c) De suas orações observamos uma confiança absoluta em Deus. Em nenhum momento Jesus deixou transparecer, mesmo que minimamente, qualquer dúvida em ser atendido pelo Pai. Suas orações de petição são de uma certeza desconcertante no atendimento. Vemos Jesus agradecendo, inclusive, antes mesmo de ser atendido (no caso de ressurreição de Lázaro);

- d) Jesus gostava de orar “só”. Só, entre aspas, porque não era uma solidão egoísta. Vemos isto claramente em algumas de suas orações como, por exemplo, na Transfiguração, em sua Suprema Angústia, no *Getsemani*, etc.: seus amigos também poderiam estar por perto quando orava ao Pai, em momentos mais tranquilos ou em momentos únicos de sua vida.
- e) Normalmente as grandes decisões da vida Jesus eram antecedidas por orações. Como se Jesus *checasse* junto ao Pai se era aquilo mesmo que ele deveria fazer. Algumas vezes depois de grandes acontecimentos também conversava com seu Abbá, como que lhe agradecendo pelo ocorrido ou louvando-o.
- f) Podemos arriscar a dizer que em todas as suas orações o objetivo central era um só: o Reino de Deus para a salvação da humanidade. A vida de Jesus, neste caso demonstrada em suas orações, foi de adesão completa e inabalável em cumprir sua missão. Sua vida foi fazer a vontade do Pai. Passou só fazendo o bem.
- g) Quis nos ensinar a rezar: nos presenteou com a oração do Pai Nosso e nos mostrou como devemos rezar. Ainda nos falou sobre o dever de orar sempre. Mas, sobretudo, este ensinamento não partiu de alguém que se sente superior e ensina pelo poder, mas como aquele que ensina com autoridade, uma autoridade de amor que quis estar no meio de nós, não apenas dizendo, mas com seu testemunho de vida, mostrando em todas as suas atitudes, como fazer.

A propósito disto compartilhamos a homilia do Papa Francisco na Capela da Casa de Santa Marta, do dia 09/09/2014:

Não é um professor, um mestre, um místico que se afasta das pessoas e fala de cátedra. Não! Está no meio da gente deixa-se tocar; deixa que as pessoas perguntem. Assim é Jesus: perto das pessoas. E essa proximidade não é uma coisa nova para Ele: Ele sublinha-a em seu modo de agir, e é algo que vem desde a primeira escolha de Deus para o seu povo. Deus diz ao seu povo: “Pensai, qual é o povo que tem um Deus tão próximo como Eu estou próximo de vós?”. A proximidade de Deus com o seu povo é a proximidade de Jesus com as pessoas<sup>81</sup>.

---

<sup>81</sup> Disponível em:

[http://pt.radiovaticana.va/news/2014/09/09/jesus\\_est%C3%A1\\_no\\_meio\\_da\\_gente,\\_n%C3%A3o\\_%C3%A9\\_um\\_professor\\_que\\_fala\\_da\\_sua/por-824252](http://pt.radiovaticana.va/news/2014/09/09/jesus_est%C3%A1_no_meio_da_gente,_n%C3%A3o_%C3%A9_um_professor_que_fala_da_sua/por-824252) . Acesso em: 09 de setembro de 2014.

- h) Jesus rezou pela fé de seus discípulos. Sabia que eles seriam os continuadores da Igreja que ele fundara. Preocupou-se com a perpetuação de sua Igreja, seu corpo místico.
- i) Nos mostrou que rezar nem sempre seria fácil. Por exemplo na oração do deserto, durante 40 dias, com suas tentações, sofreu e passou fome. Nos mostrou da forma mais sublime possível que rezar não só é possível, mas necessário, inclusive quando se sente medo. Jesus teve medo...da cruz, de sua Paixão. Mas, novamente, vemos que Deus não o abandonou, ao contrário, nestes dois momentos difíceis, especialmente em sua angústia suprema no Horto das Oliveiras, seu Pai lhe envia anjos para o consolar e lhe dar forças. Deus nunca o abandonou. Deus nunca nos abandonará.

Compartilhamos, assim, outra parte da homilia do santo padre, o Papa, do dia 09/09/2014:

Ele está perante o Pai neste momento, rezando por nós. E isto deve dar-nos coragem! Para que nos momentos difíceis de dificuldade e de necessidade pensemos: 'Mas tu estás a rezar por mim. Jesus reza por mim ao Pai!' (Papa Francisco).

- j) Sua fé em Deus é tão perfeita que mesmo pregado ao lenho da cruz encontra forças para rezar pelos outros: por seus algozes, pelos ladrões, por sua mãe, por nós.

Jesus foi nosso maior modelo de orante. Modelo porque sua vida era plenificada pela oração. Como disse J. Jeremias, não passou um único dia de sua vida sem rezar (JEREMIAS, 1977b, p. 287). Este exercício de oração frequente contribuiu para sua união com o Pai, única, tanto que lhe permitiu dizer a Filipe: "Aquele que me viu, viu também o Pai" (Jo 14, 9). O amor da Santíssima Trindade é tão grande pela humanidade que nos presenteou com a vinda de Deus em pessoa: Jesus Cristo. É ele que nos pega pela mão e nos ensina tudo que devemos saber, inclusive como rezar.

Ao final desta caminhada sobre a oração de Jesus, então, o que realmente importa? Jesus nos respondeu isto quando visitava seus amigos em Betânia:

Estando Jesus em viagem, entrou numa aldeia, onde uma mulher, chamada Marta, o recebeu em sua casa. Tinha ela uma irmã por nome Maria, que se assentou aos pés do Senhor para ouvi-lo falar. Marta, toda preocupada na lida da casa, veio a Jesus e disse: Senhor, não te importas que minha irmã me deixe só a servir? Dize-lhe que me ajude. Respondeu-lhe o Senhor: Marta, Marta, andas muito inquieta e te preocupas com muitas coisas; no



entanto, uma só coisa é necessária; Maria escolheu a boa parte, que lhe não será tirada (Lc 10, 38-42).

Se não podemos ter o privilégio de Maria que ficava aos pés de Jesus ouvindo seus ensinamentos, então fiquemos com Jesus em oração. Certamente estaremos juntos com Ele em seu imenso coração.

## REFERÊNCIAS

BATTAGLIA, O.; URICCHIO, F.; LANCELLOTTI, A. **Comentário ao evangelho de São Marcos**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1988.

**BÍBLIA, sagrada**. Tradução Ecumênica (TEB). São Paulo: Loyola, 1994.

**BÍBLIA, sagrada**: Novo Testamento, edição de estudos. São Paulo: Ave-Maria, 2009.

**BÍBLIA, sagrada**. Tradução monges beneditinos. 169. ed. São Paulo: Ave-Maria, 2006.

**Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Paulus, 2006.

BOFF, C. **O cotidiano de Maria de Nazaré**. 2. ed. São Paulo: Salesiana, 2003.

\_\_\_\_\_. **Introdução à Mariologia**. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

**Catecismo da Igreja Católica**. São Paulo: Loyola, 1999.

COMBLIN, J. **A oração de Jesus**. São Paulo: Paulus, 2010.

COMISIÓN TEOLÓGICA INTERNACIONAL. **La Conciencia que Jesús tenía de sí mismo y de su misión**. Disponível em:

<[http://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/cfaith/cti\\_documents/rc\\_cti\\_1985\\_coscienza-gesu\\_sp.html](http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/cti_documents/rc_cti_1985_coscienza-gesu_sp.html)>. Acesso em: 07 abr. 2014.

**Compêndio do Vaticano II**: constituições decretos declarações. 29. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

DENZINGER, H.; HÜNERMANN, P. **Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral**. São Paulo: Paulinas/edições Loyola, 2007.

EICHER, P. (dir.). **Dicionário de conceitos fundamentais de teologia**. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2005.

FLÁVIO, J. **Guerras judaicas**. Disponível em <http://site.ebrary.com/lib/ufpe/Doc?id=10048124>, acesso em: 17.07.2014.

GARCÍA-VIANA, L. et al. **Comentário ao Novo Testamento**. São Paulo: Ave-Maria, 2006. v.3.

HARRINGTON, D. et al. **Novo Comentário Bíblico São Jerônimo: Novo Testamento e artigos sistemáticos**. Santo André (SP): Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2011.

HERRERO, F. et al. **Comentário ao Novo Testamento**. São Paulo: Ave-Maria, 2006. v.3.

INÁCIO DE LOYOLA, Santo. **Exercícios Espirituais**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2002.

JEREMIAS, J. **A mensagem central do Novo Testamento**. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1977a.

\_\_\_\_\_. **Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Paulinas, 1977b.

\_\_\_\_\_. **Jerusalém no tempo de Jesus**. Santo André, SP: Paulus, 2010.

KARRIS, R. et al. **Novo Comentário Bíblico São Jerônimo: Novo Testamento e artigos sistemáticos**. Santo André (SP): Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2011.

KASPER, W. **Jesús, él Cristo**. 2. ed. Salamanca: Ediciones Sigueme, 1978.

KESSLER, H. Cristologia. In: SCHNEIDER, T. (Org.). **Manual de dogmática**. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008, v.1.

LANCELLOTTI, A. **Comentário ao evangelho de São Mateus**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1985.

LANCELLOTTI, A.; BOCCALI, G. **Comentário ao evangelho de São Lucas**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1983.

LAPLACE, J. **La prière désir et rencontre**. Paris: Le Centurion, 1974.

LÉGASSE, S. **As festas do ano: fundamentos escriturísticos**. São Paulo: Loyola, 2010.

LÉON-DUFOUR, X. **Leitura do Evangelho segundo João**. São Paulo: Loyola, 1996-1998. v.4.

\_\_\_\_\_. **Vocabulário de Teologia Bíblica**. 10. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

MANUAL de bênçãos judaicas. São Paulo: Ed. Chabad, 1998.

NICCACI, A.; BATTAGLIA, O. **Comentário ao evangelho de São João**. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

OPORTO, S. et al. **Comentário ao Novo Testamento**. São Paulo: Ave-Maria, 2006. v.3.

PAGOLA, J. A. **Jesus Aproximação Histórica**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

PERKINS, P. et al. **Novo Comentário Bíblico São Jerônimo: Novo Testamento e artigos sistemáticos**. Santo André (SP): Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2011.

PORTO, H. **Liturgia judaica e liturgia cristã**. São Paulo: Paulinas, 1977.

POTTERIE, I. **La oración de Jesús**. 2. ed. Madrid: PPC, Editorial y Distribuidora, SA, 1992.

RAMOS, F. et al. **Comentário ao Novo Testamento**. São Paulo: Ave-Maria, 2006. v.3.

RATZINGER, J. (Bento XVI). **Jesus de Nazaré: Do batismo no Jordão à Transfiguração**. São Paulo: Planeta, 2007.

\_\_\_\_\_. **Jesus de Nazaré: Da entrada em Jerusalém até a Ressurreição**. São Paulo: Planeta, 2011.

RICCIOTTI, G. **Vida de Cristo: com introdução crítica e ilustrações**. Tradução da 14ª ed. italiana, 1951, por Henrique Barrilaro Ruas. Coimbra: Casa do Castelo, 1963.

RUBIO, A. G. **O encontro com Jesus Cristo vivo**. Um ensaio de Cristologia para nossos dias. 12. ed. São Paulo: Paulinas, 2008.

SCHILLEBEECKX, E. **Jesus a história de um vivente**. São Paulo: Paulus, 2008.

SOBRINO, J. **A oração de Jesus e do cristão**. São Paulo: Loyola, 1981.

\_\_\_\_\_. Jesus, o libertador. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

\_\_\_\_\_. La oración de Jesús y del Cristiano. São Paulo: Paulinas, 1979.

STORNILO, I.; BALANCIN, E. (trad.). **Didaquê**. 15. ed. São Paulo: Paulus, 2008.

STUHLMUELLER, C. **Evangelho de Lucas**. São Paulo: Paulinas, 1975.

THEISSEN, G.; MERZ, A. **O Jesus histórico**. Um manual. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2004.

TOMÁS DE AQUINO, Santo. **Suma Teológica**. III, q.21, a.21

VIVIANO, B. et al. **Novo Comentário Bíblico São Jerônimo**: Novo Testamento e artigos sistemáticos. Santo André (SP): Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2011.

VV.AA. **A Palestina no tempo de Jesus**. São Paulo: Paulus, 1983.

**OBRAS CONSULTADAS**

ARON, R. **Così pregava l'ebreo Gesù**. Casale Monferrato: Marietti, 1982.

BOFF, L. **Jesus Cristo libertador**. 19. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

BOFF, C. **Teoria do Método Teológico**. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

CASTELLANO, J. **Dicionário de Liturgia**. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2010.

BARBAGLIO, G. **Jesus, hebreu da Galileia: pesquisa histórica**. São Paulo: Paulinas, 2011.

CULLMANN, O. **A oração no Novo Testamento**. São Paulo: Academia Cristã, 2009.

DANIEL-ROPS, H. **A vida quotidiana na Palestina no tempo de Jesus**. Lisboa, 1983.

FRANGIOTTI, R. **História das heresias**. 5. ed. São Paulo: Paulus, 2007.

LADARIA, L.F. **Introdução à antropologia teológica**. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2007.

LOHES, E. **Contexto e ambiente do Novo Testamento**. São Paulo: Paulinas, 2000.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Editora Atlas SA, 2008.

MORIN, E. **Jesus e as estruturas de seu tempo**. 4. ed. São Paulo: Paulinas, 1988.

NOVAK, M. G. (trad.). **Tradição Apostólica de Hipólito de Roma**. Liturgia e Catequese em Roma no século III. Introdução: Maucyr Gibin, S.S.S. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

RAHNER, K. **Curso fundamental da fé**. 4. ed. São Paulo: Paulus, 2008.

\_\_\_\_\_. **O cristão do futuro**. São Paulo: Fonte Editorial, 2004.

RATZINGER, J.; MESSORI, V. **A Fé em Crise?**: O cardeal Ratzinger se interroga. Tradução: Fernando José Guimarães. São Paulo: EPU, 1985.

RATZINGER, J. (Bento XVI). **Jesus em oração**. São Paulo: Paulus, 2013.

RIES, J. **Sentido do Sagrado: nas culturas e religiões**. Aparecida, SP: Ideias e Letras, 2008.

\_\_\_\_\_. **Sagrado en la historia de la humanidad**. Madrid: Encuentro, 1989.

\_\_\_\_\_. **Tratado de Antropologia de lo Sagrado**. Madrid: Trotta, 2001.

SALDARINI, A. **Fariseus, escribas e saduceus na sociedade palestinese**. São Paulo: Paulinas, 2005.

TEIXEIRA F. e BERKENBROCK V. (orgs.). **Sede de Deus**. Orações do judaísmo, cristianismo e islã. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

TILLY, M. **Assim viviam os contemporâneos de Jesus**. São Paulo: Loyola, 2004.

V CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE (13-31 mai 2007). **Documento de Aparecida**. Aparecida: Paulus/Paulinas/Edições CNBB, 2008.

VERMES, G. **Jesus e o mundo no judaísmo**. São Paulo: Loyola, 1996.